



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Eleonor Catarina Monteiro Pereira Parreira Cadete

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA ARTE
RUPESTRE PROTO-HISTÓRICA DO VALE DO
CÔA: O CASO DA RIBEIRA DA VOLTA

Dissertação no âmbito do Mestrado em Arqueologia e Território orientada pelo Professor Doutor André Tomás Pinto da Silva e Conceição Santos e coorientado pelo Mestre Luís Miguel Simões Luís, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2025



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Eleonor Catarina Monteiro Pereira Parreira Cadete

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA ARTE
RUPESTRE PROTO-HISTÓRICA DO VALE DO
CÔA: O CASO DA RIBEIRA DA VOLTA

Dissertação no âmbito do Mestrado em Arqueologia e Território orientada pelo Professor Doutor André Tomás Pinto da Silva e Conceição Santos e coorientado pelo Mestre Luís Miguel Simões Luís, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2025

FACULDADE DE LETRAS

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA ARTE RUPESTRE PROTO-HISTÓRICA DO VALE DO CÔA: O CASO DA RIBEIRA DA VOLTA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Contributos para o estudo da arte rupestre proto-histórica do Vale do Côa: o caso da Ribeira da Volta
Autor/a	Eleonor Catarina Monteiro Pereira Parreira Cadete
Orientador/a(s)	André Tomás Pinto da Silva e Conceição Santos
Orientador/a(s)	Luís Miguel Simões Luís
Júri	Presidente: Doutor/a Ricardo Jorge Costeira da Silva Vogais: 1. Doutor/a Raquel Maria da Rosa Vilaça 2. Doutor/a André Tomás Pinto da Silva e Conceição Santos
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Data da defesa	21-10-2025
Classificação	19 valores



Índice

Agradecimentos	7
Resumo	9
Abstract	11

Capítulo 1: Introdução	13
-------------------------------------	-----------

Capítulo 2: Estado da Arte	19
---	-----------

2.1 Arte Rupestre da Idade do Ferro na Península Ibérica.....	21
2.1.1 Grupo da Beira Alta.....	24
2.1.2 Grupo de Las Hurdes e de La Serena.....	26
2.1.3 Grupo da Sierra de Guadarrama e Meseta Central.....	28
2.1.4 Grupo da Alta Meseta Soriana.....	29
2.1.5 Grupo da Bacia Central do Ebro	30
2.1.6 Grupo do Baixo Aragón/Baixo Ebro	31
2.1.7 Grupo Pirenaico e Pré-pirenaico.....	33
2.1.8 Grupo da Serra de Albarracin.....	33
2.1.9 Grupo do Alto Maestrazgo e das Serras Mediterrâneas	34
2.1.10 Grupo Galaico.....	35
2.1.11 Grupo do Rio Tejo	37
2.1.12 Grupo do Guadiana.....	39
2.1.13 Grupo do Douro.....	42

Capítulo 3: Ribeira da Volta	59
---	-----------

3.1 Contexto Bibliográfico.....	61
3.2 Contexto Geográfico e Geológico	69
3.2.2 Contexto Geográfico	69
3.2.3 Contexto Geológico	70

Capítulo 4: Metodologia do projeto	77
4.1 Métodos de reprodução gráfica e interpretação	78
4.2 Metodologia adotada na Ribeira da Volta	82
Capítulo 5: Caracterização da Ribeira da Volta	87
5.1 Rocha 1	89
5.2 Rocha 2	131
5.3 Rocha 3	143
5.4 Rocha 4	171
5.5 Rocha 5	175
5.6 Rocha 6	181
5.7 Rocha 7	187
5.8 Rocha 11	193
Capítulo 6: Discussão	195
6.1 Paralelos Iconográficos	197
6.2 Conclusão	211
Capítulo 7: Referências bibliográficas	213

Agradecimentos

Na realização da presente dissertação, contei com a ajuda e apoio de um número de pessoas inestimáveis. A todas elas que permitiram a realização deste estudo devo hoje a minha gratidão.

Assim gostaria de agradecer aos dois orientadores desta dissertação Doutor André Tomás Santos e Mestre Luís Luís pela orientação, disponibilidade, incentivo e apoio que demonstraram ao longo deste demorado trabalho.

Às pessoas que conheci no Côa Parque, nomeadamente Marcelo Silvestre, Mário Reis, Thierry Aubry e Tania Mosquera que me aconselharam e ajudaram imenso na realização desta dissertação.

Aos meus colegas que me auxiliaram nas diversas etapas do trabalho, pela troca de ideias e apoio e inclusive pela participação na construção deste trabalho.

À minha família pelo paciência e força em momentos menos fáceis e nos quais demonstraram um carinho e apoio que me incentivou a continuar o meu estudo.

A todos os amigos que me auxiliaram de forma direta e indireta, pela compreensão das ausências e afastamento durante este período.

Resumo

A arte rupestre do Vale do Côa está inscrita num extenso território geológico composto de múltiplos afloramentos de xisto. Descoberto em novembro de 1991 por Nelson Rebanda, é atualmente conhecido pelo seu espólio patrimonial pré-histórico. Contudo, o Côa engloba um conjunto diverso de manifestações rupestres desde a pré-história, com a arte paleolítica, até à época moderna. Inscrito neste panorama, o núcleo da Ribeira da Volta, situado na margem do rio Côa na freguesia de Chãs, foi identificado em novembro de 2007 por Mário Reis. Referido sucintamente desde então em alguns trabalhos, este núcleo contém um conjunto de onze rochas que evidenciam manifestações artísticas pré-históricas — designadamente paleolíticas —, modernas e especialmente proto-históricas.

O presente trabalho tem como principal objetivo a descrição e o estudo detalhados dos diferentes painéis observados na Ribeira da Volta. Para tal, foi elaborado o levantamento dos oito registos do núcleo, identificados com figurações proto-históricas, segundo uma metodologia adaptada e rigorosa na qual foi elaborado o decalque direito, o registo fotográfico diurno e noturna, a vectorização e digitalização dos levantamentos e, quando necessário, o registo fotogramétrico das superfícies gravadas. A fim de realizar um estudo pormenorizado dos registos da Ribeira da Volta foi igualmente incluída a apresentação de um diverso repertório iconográfico, de forma a aprofundar o estudo da arte rupestre, em particular proto-histórico, do Vale do Côa procurando-a compreender no contexto mais vasto dos comportamentos gráficos coevos da Península Ibérica.

Palavras-chave: Arte Rupestre, Proto-história, Idade do Ferro, Vale do Côa, Ribeira da Volta.

Abstract

The rock art of the Côa Valley is located in a vast geological area composed of multiple schist outcrops. Discovered in November 1991 by Nelson Rebanda, it is now renowned for its prehistoric heritage. However, the Côa includes a diverse set of rock art from prehistory, with Palaeolithic art, to modern times. Set within this landscape is the Ribeira da Volta site, located on the riverbank of the Côa in the parish of Chãs, was identified in November 2007 by Mário Reis. Briefly mentioned since then in some works, this site contains a group of eleven rocks that reveal prehistoric — namely of palaeolithic chronology—, modern and especially protohistoric engravings.

The main objective of this study is to provide a detailed description and analysis of the different rock manifestations observed at Ribeira da Volta. To this end, a study was carried out of the eight rock manifestations in the site, identified with protohistoric figurations, according to an adapted and rigorous methodology in which a direct tracing was made, daytime and night-time photographs were taken, the data was vectorised and digitised and, where necessary, photogrammetric images of the engraved surfaces were made. In order to carry out a detailed study of the records at Ribeira da Volta, a diverse iconographic repertoire was also included, in order to further the study of rock art, particularly protohistoric rock art, in the Côa Valley, seeking to better understand it in the broader context of contemporary graphic behaviour in the Iberian Peninsula.

Keywords: Rock Art, Protohistory, Iron Age, Côa Valley, Ribeira da Volta.

Capítulo 1:

Introdução

O Vale do Côa enquadra um território extenso composto por múltiplos afloramentos de xistos onde se observa um conjunto variado de grafismos gravados. Descoberto em novembro de 1991 por Nelson Rebanda (Rebanda 1995a, 1995b, Baptista 1999), o Côa é atualmente conhecido pelo seu espólio patrimonial diverso, repartido, ao longo de trinta quilómetros, em noventa e oito núcleos artísticos, cumulando mais de 1400 registos observados (Reis 2023). Ainda que seja conhecido e prezado pelo seu vasto repertório paleolítico, o Vale do Côa engloba uma miríade de grafismos provenientes de outras cronologias, nomeadamente proto-históricas.

O núcleo da Ribeira da Volta, analisado neste estudo, faz parte dos cinquenta e três sítios identificados no Côa que inserem representações da Idade do Ferro (Reis 2023). Identificado em novembro de 2007, por Mário Reis, o núcleo da Ribeira da Volta compreende um conjunto de gravuras que achámos necessário registar e analisar. Com efeito, na Ribeira da Volta estão atualmente identificadas onze rochas que patenteiam manifestações artísticas pré-históricas — designadamente paleolíticas —, modernas e especialmente proto-históricas¹. Os grafismos presentes neste núcleo, em particular as gravuras da Idade do Ferro, são relevantes para o contexto do Côa, uma vez que estas representações são singulares relativamente a outros sítios conhecidos. Evidenciam-se assim os painéis carregados de grafismos das Rochas 1 e 3. Estas superfícies densamente decoradas apresentam um conjunto de representações excecionais, das quais se destacam motivos zoomorfos e de armas pouco comuns e extremamente interessantes no cenário proto-histórico do Vale do Côa. Deste modo, ao nível do registo pareceu-nos essencial repertoriar as manifestações, em particular proto-históricas, que emergem neste núcleo. Além disso, a arte rupestre da Idade do Ferro, que tem sido cada vez mais identificada nas vertentes rochosas do Côa, representa, porém, um dos contextos menos estudados na região e no país (Luís 2024). De facto, a arte proto-histórica foi durante muito tempo desvalorizada do panorama geral da arte rupestre. Diferente dos outros grandes ciclos artísticos rupestres, a arte da Idade do Ferro sofreu durante muito tempo de uma ausência de investigação, havendo sido muitas vezes dependente do estudo de outras representações artísticas. Por conseguinte, este estudo intenta contribuir para a investigação da arte proto-histórica, procurando aprofundar o diálogo sobre a arte rupestre da Idade do Ferro, ainda pouco investigada no território

¹ Durante os trabalhos de campo identificaram-se outras duas rochas com grafismos de cronologia indeterminada.

português, mediante a documentação e estudo das manifestações da Ribeira da Volta. Foi nomeadamente neste processo que se relevou a presença de uma série de grafismos que, destacando-se dos que compõem o *corpus* atualmente conhecido da arte sidérica da região (Luís 2023), se aproximam de imagens atribuídas a períodos mais antigos, designadamente calcolíticos e/ou da Idade do Bronze, o que possibilita levantar a hipótese de que, tal como em outros sítios gravados da Pré-história recente portuguesa — como no Guadiana — também no Côa se poderão ter gravado imagens desses períodos.

Assim sendo, para o desenvolvimento deste estudo, foi necessário elaborar um registo rigoroso e fiel dos grafismos da Ribeira da Volta, uma vez que a documentação cuidadosa e minuciosa é essencial para a análise, mas também para a interpretação das representações da Ribeira da Volta. Do mesmo modo, no que diz respeito à compreensão das gravuras, foi fundamental desenvolver um levantamento preciso e detalhado, recorrendo a uma metodologia que nos pareceu, senão ideal, a mais adequada. Para tal, foram elaborados levantamentos fotográficos e decalques noturnos das gravuras deste núcleo, identificando as diversas gravuras e elementos naturais presentes na superfície rochosa. Foi a partir deste processo de identificação que se realizou uma investigação minuciosa destas representações, nomeadamente recorrendo à comparação com outras manifestações identificadas no território peninsular. Com efeito, a Península Ibérica abunda em diversas manifestações sidéricas que ajudam a um melhor entendimento do núcleo presentemente estudado. Estes exemplos diversificados refletem a pluralidade dos diferentes povos que compartilham o território ibérico. Apesar desta diversidade iconográfica observável nos grafismos elaborados, existe um sistema ideológico compartilhado por estes grupos que se verifica em diversas formas de expressão. Desta maneira, o estudo geral destas diversas representações artísticas da Idade do Ferro é essencial não só para melhor entender o panorama rupestre do Vale do Côa, como do território peninsular.

Como neste estudo abordamos a investigação e as conclusões alcançadas, relativas aos grafismos observados no núcleo da Ribeira da Volta, foi necessário estruturar esta dissertação em partes distintas de forma a dar conta da evolução do trabalho realizado.

A primeira parte desenvolvida nesta dissertação baseia-se no estudo bibliográfico dos diversos contextos que julgamos necessários para uma compreensão mais

aprofundada da Ribeira da Volta. Crucial no desenvolvimento desta dissertação, esta parte assentou na compilação de referências que expõem o historial da arte rupestre da Idade do Ferro no território peninsular, nomeadamente o avanço do estudo do Vale do Côa. Este capítulo não só permite uma compreensão mais assertiva do contexto proto-histórico peninsular como possibilita a inclusão dos grafismos da Ribeira da Volta no seu contexto territorial imediato.

A segunda parte deste estudo diz respeito à análise dos dados existentes sobre o núcleo da Ribeira da Volta. Assim, este capítulo descreve os múltiplos contextos que englobam o núcleo, nomeadamente bibliográfico, geográfico e geológico em torno deste território.

A terceira parte, explorada nesta dissertação, concerne à metodologia a que recorreremos durante o registo destas gravuras. Neste foi realizado um trabalho de campo, durante o qual se elaborou o levantamento por decalque dos diferentes painéis da Ribeira da Volta. Realizados em película de polivinil com canetas de acetato, os decalques executados ao longo do trabalho do campo permitiram levantar um conjunto de grafismos e elementos naturais das rochas. Uma vez o decalque terminado e os dados recolhidos, foi elaborado um levantamento fotográfico diurno e noturno dos grafismos e iniciou-se o tratamento dos diversos elementos registados. Este trabalho de gabinete consistiu na digitalização dos decalques e na vectorização dos desenhos. Um tratamento informático que se tornou necessário para um melhor registo e compreensão dos dados obtidos. Esta etapa, complementada pela inventariação e descrição das gravuras, permite não só melhor interpretar e divulgar estes grafismos mas também retirar constantes ou pelo menos identificar características recorrentes que possam nos fornecer pistas sobre os contextos sociais nos quais estas gravuras foram criadas.

A quarta parte detém-se particularmente sobre a caracterização dos diferentes registos localizados na Ribeira da Volta. Assim, elaborámos uma inventariação e uma descrição atenta e pormenorizada destes motivos. Em seguida procedeu-se a um trabalho comparativo de recursos iconográficos, sobre a qual assentam as nossas propostas de interpretação e de atribuição cronológica para os grafismos da Ribeira da Volta.

Capítulo 2:

Estado da Arte

2.1 Arte Rupestre da Idade do Ferro na Península Ibérica

A classificação geral da arte rupestre peninsular, concebida e defendida nos finais do século XX e até muito recentemente, definia de modo muito abrangente a aparição e o desenvolvimento das manifestações parietais, em grutas, abrigos e rochas ao ar livre, do Paleolítico Superior à Idade do Bronze (Royo 2009). A arte da Idade do Ferro foi assim durante muito tempo excluída, ou pelos menos limitada, deste panorama, devido a uma falta de definição e a uma ausência de investigação. De facto, enquanto a investigação incidindo sobre a arte paleolítica, tanto nas grutas como ao ar livre, tem sido estudada há mais de um século de forma intensiva, a arte da Idade do Ferro na Península Ibérica tem sido, salvo raras exceções — designadamente no Vale da Casa, no Vale do Côa (Baptista 1983), nos vales do Tejo (Gomes, 2010) e do Guadiana (Collado 2006; Baptista & Santos 2013), em Molelinhos (Cunha 1991) e em outros sítios do concelho de Tondela (Santos 2006) e do Centro de Portugal (Gomes 1999) que são genericamente atribuídos aos finais da Idade do Bronze ou aos inícios da Idade do Ferro —, objeto de estudo há apenas duas décadas (Royo 2009)². Esta recente consideração pela arte rupestre proto-histórica deve-se ao estudo elaborado por diversos investigadores que desenvolveram ao longo dos anos trabalhos e estabeleceram inventários que permitiram o reconhecimento destas representações no meio científico, ainda que o registo e por vezes a salvaguarda desta arte dependessem da investigação de outras representações parietais, como por exemplo a arte paleolítica (Luís 2021, Royo 2009, Neves e Figueiredo 2015). Assim, este novo interesse pelo estudo da arte proto-histórica tem-se intensificado nos últimos anos, o que levou a uma multiplicação do número de registos e de descobertas realizados e ao desenvolvimento do entendimento da arte rupestre proto-histórica no território ibérico. No entanto, este estudo encontra-se ainda desvalorizado e incompleto na sua maioria, na medida em que diversos sítios carecem de análise ou de registo gráfico ou fotográfico completo.

Esta recente investigação possibilitou a identificação de um repertório de novas manifestações gráficas, nas quais sobressaía um sistema simbólico e iconográfico típico,

² Já nos inícios dos anos 80, A. M. Baptista defendia a existência de uma arte sidérica no Noroeste e centro peninsulares, conformado essencialmente por figuras incisas (Baptista 1983-1984, 1986)

enquadrado no primeiro milénio antes da Era comum (Royo 2009). Assim, perante os progressos realizados nestes últimos anos foi possível considerar um conjunto de características partilhadas pela arte proto-histórica peninsular. Deste modo, veio-se a constatar que, em geral, os registos identificados se encontram ao ar livre e estão distribuídos em afloramentos rochosos, por vezes próximos de cursos de água. Estas manifestações observam-se em diversos contextos: por vezes encontram-se isoladas em territórios afastados, constituindo o único testemunho arqueológico, outras vezes encontram-se próximas de outros registos arqueológicos, inscritos na mesma ou noutras cronologias (Royo 2009). Contrastando com os grafismos naturalistas de grande dimensão característicos da arte paleolítica, a arte rupestre proto-histórica, mais esquemática, não deixa, no entanto, de apresentar feições próprias, distinguindo-se sobretudo pelos seus grafismos, ainda que exista uma diversidade de técnicas, destacando-se maioritariamente, durante este período, o uso da incisão simples como técnica de gravação. Os grafismos inventariados mais recorrentes exibem temáticas de caça e de doma, com o uso de motivos de armas, zoomorfos, antropomorfos ou podomorfos — estes, muitas vezes atribuídos ainda ao Bronze Final (e.g. Gomes e Monteiro 1974-1977, Cunha 1991, Santos 2006, Gomes 2010, Luís *et al.* 2024).

Testemunhos da representação de uma diversidade cultural, social e económica, estas manifestações artísticas expressam os comportamentos e o fundamento ideológico destas sociedades proto-históricas na Península Ibérica (Royo 2009). Isto atestam os vários registos repartidos no território ibérico que foram classificados e diferenciados em diversos grupos distintos (Figura 1), segundo as características geográficas, tipológicas e estilísticas de cada um. Uma vez que esta arte manifesta as possíveis noções territoriais que estes povos tinham, na medida em que as sociedades da Idade do Ferro não tinham a perceção atual da conceção de fronteira, muitas das manifestações proto-históricas portuguesas têm paralelos no lado espanhol e vice-versa, dado que os povos peninsulares proto-históricos frequentavam territórios que se encontram atualmente divididos entre os dois países. Este entendimento demonstra perfeitamente a escala de análise da qual este estudo depende, uma vez que estes grupos peninsulares, apesar de carregarem um sistema simbólico e iconográfico típico, estão todavia conectados por um conjunto de comportamentos e de características ideológicas comuns. Por isso, entendemos que os estudos sobre os registos rupestres proto-históricos do território peninsular beneficiariam de uma comparação menos restringida pelos limites geográficos

atuais, visto que essas concepções não são representativas dos conceitos peninsulares da Idade do Ferro.

Em Espanha, o estudo do período proto-histórico encontra-se atualmente mais desenvolvido devido não só a políticas patrimoniais diferentes que disponibilizam maiores recursos financeiros e humanos, mas também a um mais intenso trabalho de investigação. Graças ao trabalho notável de vários investigadores, a investigação das manifestações da Idade do Ferro beneficia de um número significativo de registos conhecidos (Silva 2011, Neves e Figueiredo 2015). Assim, baseando-nos sobre os trabalhos de Royo Guillén, referimos sucintamente aqui os registos efetuados nos grupos peninsulares (Figura 1) que incluem representações iconográficas da arte rupestre da Idade do Ferro: da Hurdes e de la Serena; da Serra de Guadarrama e a Meseta Central; da Altimeseta Soriana; da bacia central do Ebro: do Baixo Aragão/Baixo Ebro; o grupo pirenaico e prepirenaico; da Serra de Albarracin; do Alto Maestrazgo e Serra Mediterraneas; o grupo galaico; o grupo do rio Tejo; o grupo do Guadiana e o grupo do rio Douro (Royo 2009). A estes haveria ainda que acrescentar um grupo que, à falta de melhor precisão, designaríamos como da Beira Alta, embora se centre essencialmente no concelho de Tondela (Gomes e Monteiro 1974-1977, Santos 2006).

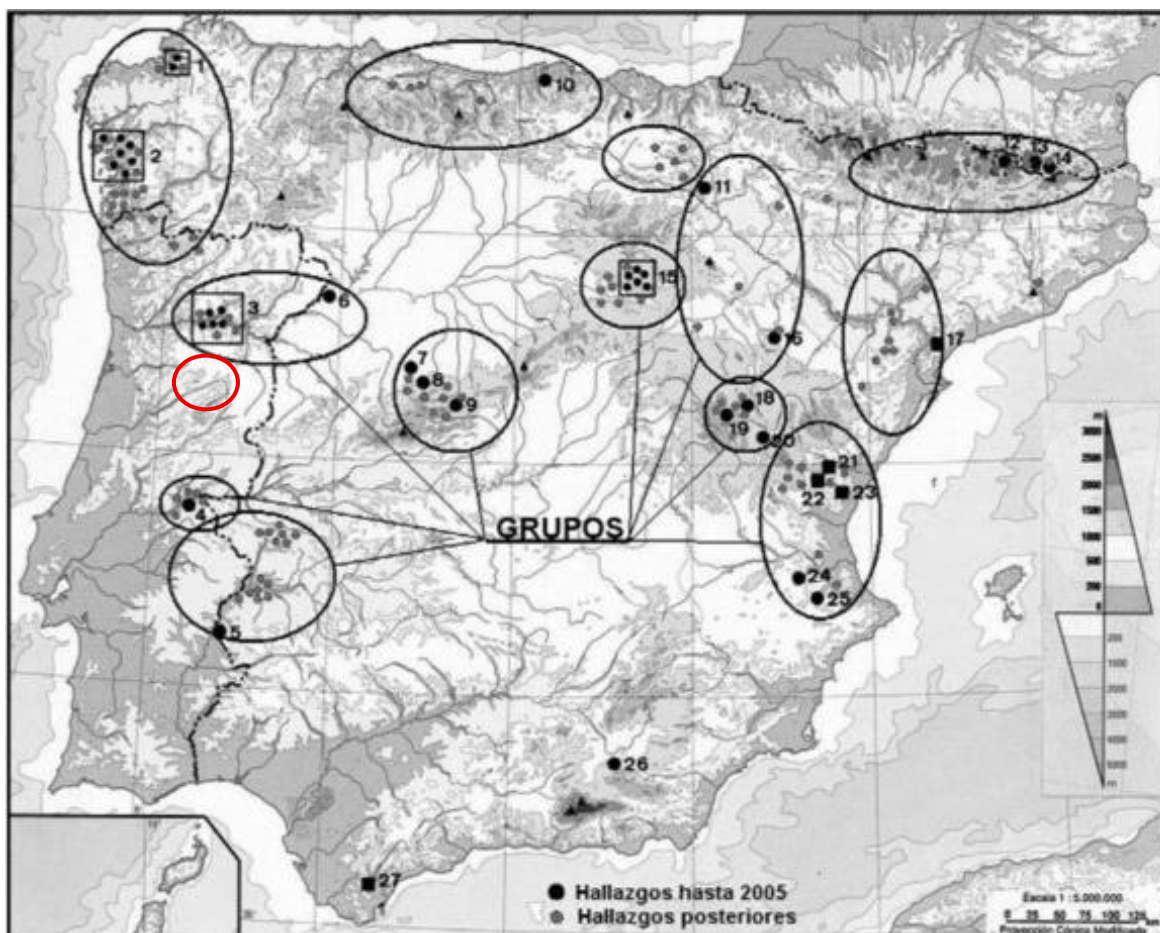


Figura 1 - Grupos de arte rupestre da Idade do Ferro na Península Ibérica (Royo 2009).

2.1.1 Grupo da Beira Alta

O grupo da Beira Alta, caracteriza-se essencialmente por sítios onde abundam figuras picotadas, designadamente de podomorfos, círculos ou falos, atribuídos essencialmente aos finais da Idade do Bronze ou aos inícios da Idade do Ferro. Centrado principalmente no concelho de Tondela, este grupo inventaria núcleos, como, por exemplo, Alagoa (Figura 2), Carregueira, uma das fases do Fial ou Laje das Côcas (Gomes e Monteiro 1974-1977, Santos, 2006, 2008). É igualmente neste grupo que se encontra o importante sítio de Molelinhos (Figura 3). Este núcleo é constituído por seis painéis de xisto abundantemente gravados de representações de armas — designadamente do Bronze Final à II Idade do ferro — essencialmente por incisão simples e profunda (Cunha 1991).



Figura 2- Decalque da rocha 3 da Alagoa (Gomes e Monteiro 1974-1977).



Figura 3- Registo fotográfico do núcleo de Molelinhos (Molelinhos estação de arte rupestre, s.d.).

2.1.2 Grupo de Las Hurdes e de La Serena

Localizado na Extremadura espanhola, o grupo de Las Hurdes e de La Serena particulariza-se pelo seu extenso complexo de arte rupestre da Idade do Ferro (Figura 4 e Figura 5). Assim denominado por agregar dois grandes núcleos de arte rupestre da região: o primeiro situado na localidade de Las Hurdes na província de Cáceres e o segundo posteriormente descoberto, identificado na localidade de la Serena, na província de Badajoz. As diversas representações que se destacam neste grupo foram estudadas nas últimas décadas por autores como Carmen Sevillano San José e Julián Bécares Pérez, no caso de Las Hurdes (Sevillano San José 1991, 2009, Sevillano San José e Bécares Pérez 1998), e por Hipólito Collado Giraldo, Arturo Domínguez García e María Amparo Aldecoa Quintana em La Serena (Collado Giraldo 2015, Domínguez García e Aldecoa Quintana 2017), que trataram de registar e analisar a multitude de grafismos presentes nestas localidades. As gravuras proto-históricas que se encontram nestes núcleos singularizam-se tanto pela diversidade de técnicas como de representações. Em Las Hurdes evidenciam-se os exemplos do Tesito de los Cuchillos em El Castilloya (Figura 4), a Piedra Mora em Aceña e a Pisada del Moro em Cerezal, onde se inventariou um conjunto de gravuras incisas e picotadas, nas quais figuram recorrentemente diversos podomorfos e motivos de armas (Sevillano San José 1991, Sevillano San José e Bécares Pérez 1998, Sevillano San José 2009, Royo 2009). Por sua vez em La Serena foram documentados vários conjuntos de figurações zoomorfas e fusiformes incisas e picotadas, situados no Vale de Guadalefra, em La Roca de los Carros, no Arroyo Tamujoso (Figura 5) ou no abrigo de Covacho em Badajoz (Domínguez García e Aldecoa Quintana 2017, Collado Giraldo 2015, Royo 2009).

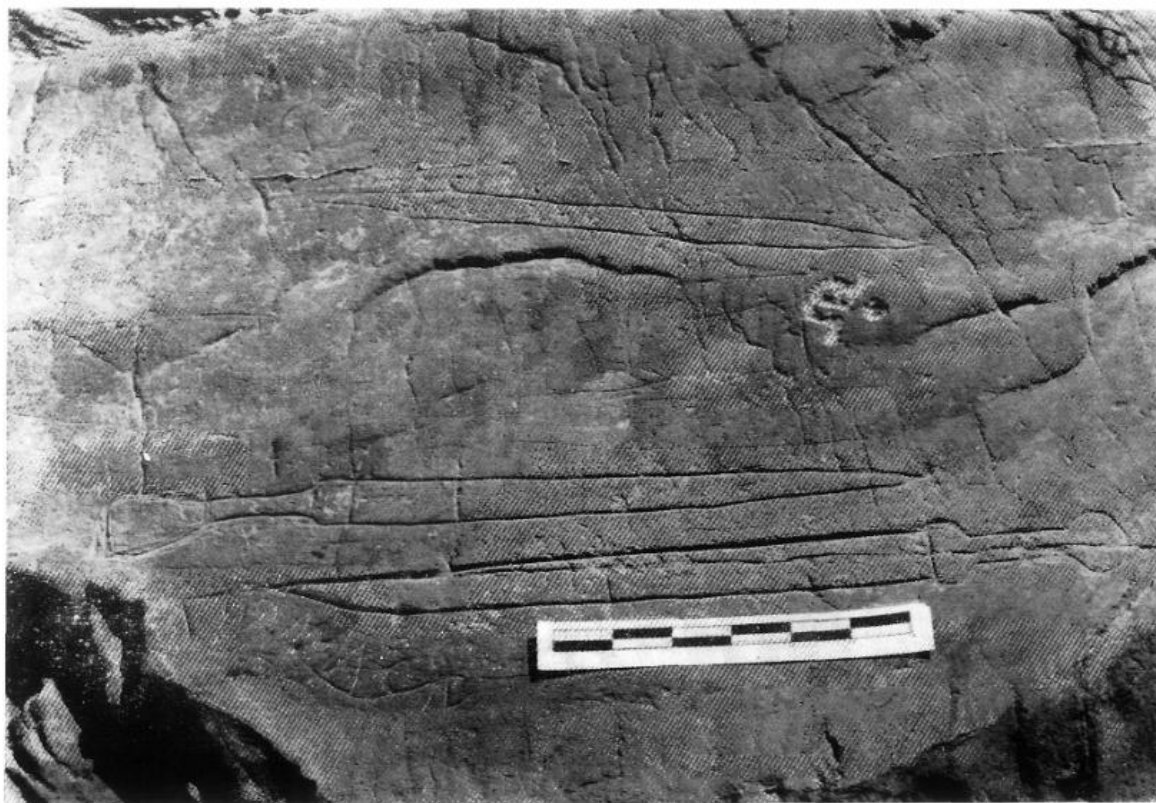


Figura 4- Motivos de armas identificados em Las Hurdes no Tesito de los cuchillos (Sevillano San José 2009).



Figura 5- Gravuras da Rocha 21 do Arroyo Tamujoso em La Serena (segundo Domínguez e Aldecoa 2007, Royo 2009).

2.1.3 Grupo da Sierra de Guadarrama e Meseta Central

O grupo da Sierra de Guadarrama e Meseta Central, alojado nas serras interiores da zona central da Meseta em torno da bacia do Alto Douro, distingue-se por um conjunto de núcleos rupestres proto-históricos, identificados nas localidades de Domingo García, Santa María de Nieva e no norte da Sierra de Guadarrama. Estudado nomeadamente por Juan Antonio Gómez-Barrera e José Ignacio Royo Guillén (Gómez-Barrera 1992, Royo 2004), este grupo revela diversas representações, maioritariamente picotadas, de carácter bélico ou de caça (Royo 2004, 2009). Com efeito, os grafismos que sobressaem neste grupo são as figurações claramente proto-históricas de antropomorfos armados ou montados a cavalo (Figura 6). Estas gravuras enaltecidas pela sua grande quantidade encontram-se espalhadas pelas superfícies dos afloramentos rochosos formando um grupo tipologicamente coeso de representações (Gómez-Barrera 1992, Royo 2004, 2009).



Figura 6- Decalque de gravuras equestres identificadas na Sierra del Guadarrama (Álvaro Bobadilla 1989, Royo 2004).

2.1.4 Grupo da Alta Meseta Soriana

No grupo da Alta Meseta Soriana, próximo da nascente do rio Douro na cidade de Sória, observam-se uma multitude de gravuras, entre as quais algumas pertencem à Idade do Ferro. Estas gravuras repartidas em diversos afloramentos, dos quais sobressaem os sítios do Barranco de la Mata, o conjunto de Tiermes e Sotillos de Caracena e do Valle del río Manzanares, registam um conjunto único que revela um estilo próprio deste território (Figura 7). Este grupo estudado por Juan Antonio Gómez-Barrera e José Ignacio Royo Guillén (Gómez-Barrera 1992, Royo 2004, 2009) é composto por um conjunto único de manifestações filiformes de estilo esquemático onde aparecem múltiplas cenas equestres. Estas representações, ainda que simples, retratam, de forma nítida, múltiplos antropomorfos montados a cavalo e por vezes armados (Royo 2004, 2009).

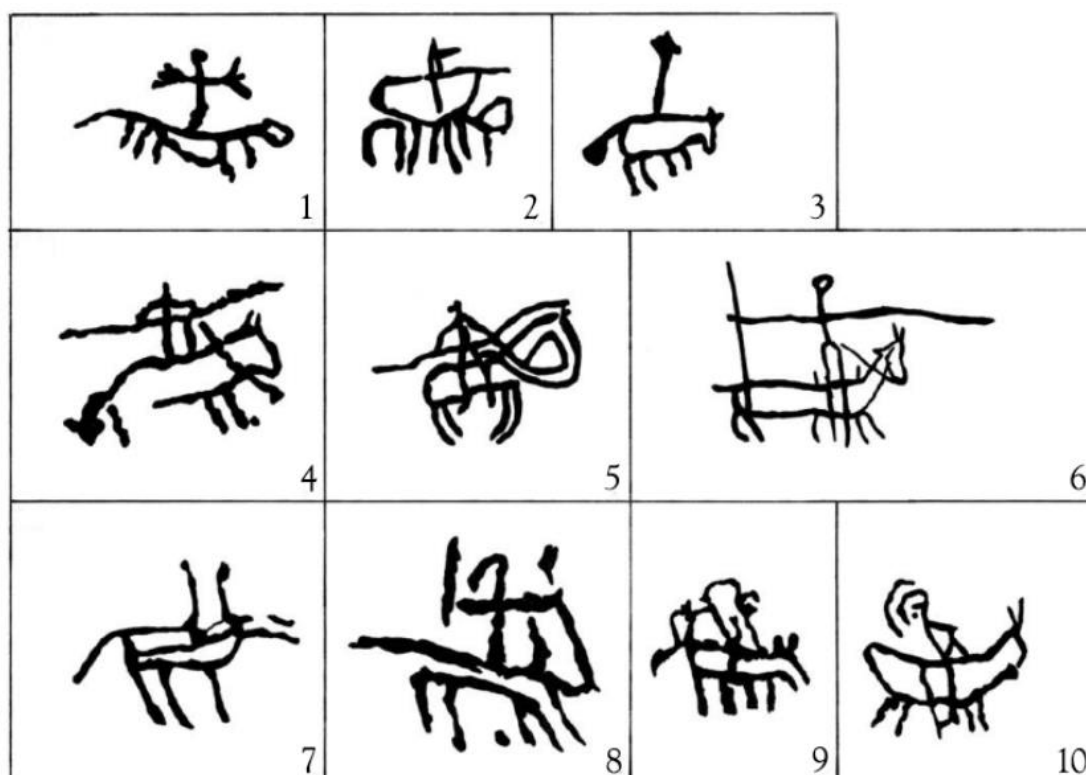


Figura 7- Motivos equestres da Alta Meseta Soriana: 1- Manzanares; 2, 5, 6, 10- Barranco de la Mata; 3- Cañada del Monte; 4, 7, 8, 9- Tiermes-Sotillos (Gómez Barrera 1992, Royo 2009).

2.1.5 Grupo da Bacia Central do Ebro

O grupo da Bacia Central do Ebro, até agora pouco estudado, é composto por diversos afloramentos rochosos dispersos na região (Royo 2009). Devido à escassez de trabalhos aprofundados no que toca a este grupo, estamos perante uma certa limitação no que concerne à contextualização destas manifestações parietais. Porém, inferiu-se que, dada a proximidade de outros vestígios, a datação destas representações esteja relacionada com os múltiplos contextos arqueológicos próximos da Idade do Ferro, tanto mais que as gravuras observadas apresentam traços característicos deste período. Com efeito, as representações mais frequentes neste grupo são as do cavalo e do cavaleiro, figurações frequentes na arte rupestre da Idade do Ferro (Royo 2009). Os grafismos presentes neste grupo caracterizam-se também pelo uso da incisão simples como meio de gravação, nomeadamente em Arroyo del Horcajo (Figura 8), um santuário celtibérico, e nos afloramentos de Peña del Cuarto de Learza, em Navarra (Royo 2009).

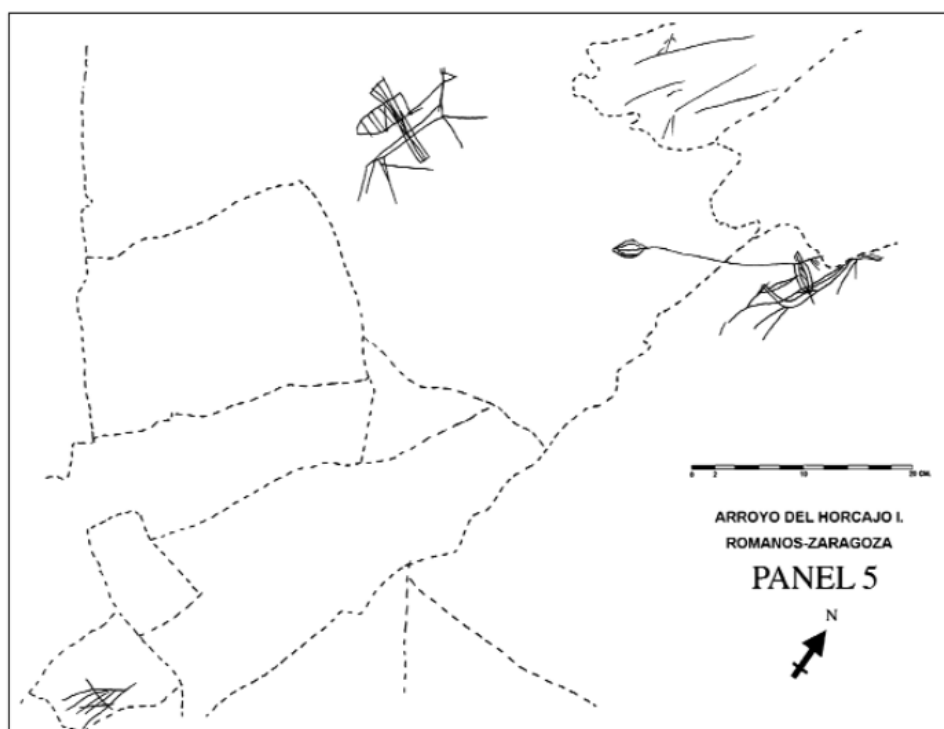


Figura 8- Decalque do Painel 5 da Rocha 1 do Arroyo del Horcajo (Royo 2009).

2.1.6 Grupo do Baixo Aragón/Baixo Ebro

No Baixo Aragón, até à fronteira com a Catalunha encontram-se diversas manifestações do grupo dito Baixo Aragón/Baixo Ebro. Estes registos, disseminados pela região, recorrem a diversas técnicas que vão desde a abrasão à picotagem e da incisão até à pintura. Este grupo é constituído por uma diversidade de grafismos, dos quais alguns datam muito provavelmente da Idade do Ferro, dadas certas características gráficas. De facto, neste grupo diverso sobremaneira, destacam-se as pinturas de época ibérica do abrigo de la Font de la Bernarda, o conjunto de gravuras simbólicas de incisão simples de Valrobira I em Arens de Lledó (Figura 9), mas também as estelas gravadas com inscrições ibéricas e covinhas do povoado de El Cabo em Andorra (Marco e Royo 2012, Royo 2004, 2009). Além disso, nesta região também se evidenciam grafismos curiosos de figuras antropomorfas que parecem estar ‘orando’, descobertos em Mas de N’Olives, na localidade de Torreblanca, nas margens do rio Segre. Estas figuras dispostas com os membros superiores abertos para cima, de braços erguidos em gesto espiritual de louvor, ainda que pouco comuns em contextos deste período, foram identificadas próximas de outros painéis claramente proto-históricos, o que pode sugerir um contexto coevo para estes grafismos (Royo 2009). Se neste caso os registos não deixam de ser de difícil interpretação e a sua datação delicada, uma vez que não são muito comuns no panorama proto-histórico, na sua maioria as representações identificadas da Idade do Ferro, presentes no grupo do Baixo Ebro, enquadram-se na iconografia proto-histórica típica da Península Ibérica.

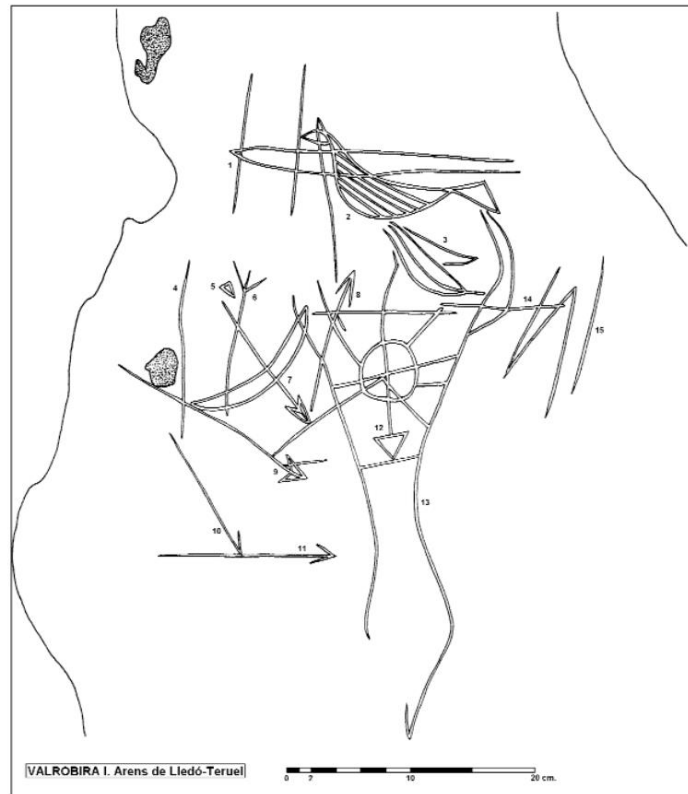


Figura 9- Gravuras de incisão simples de Valrobira I em Arens de Lledó (Royo 2004, 2009).

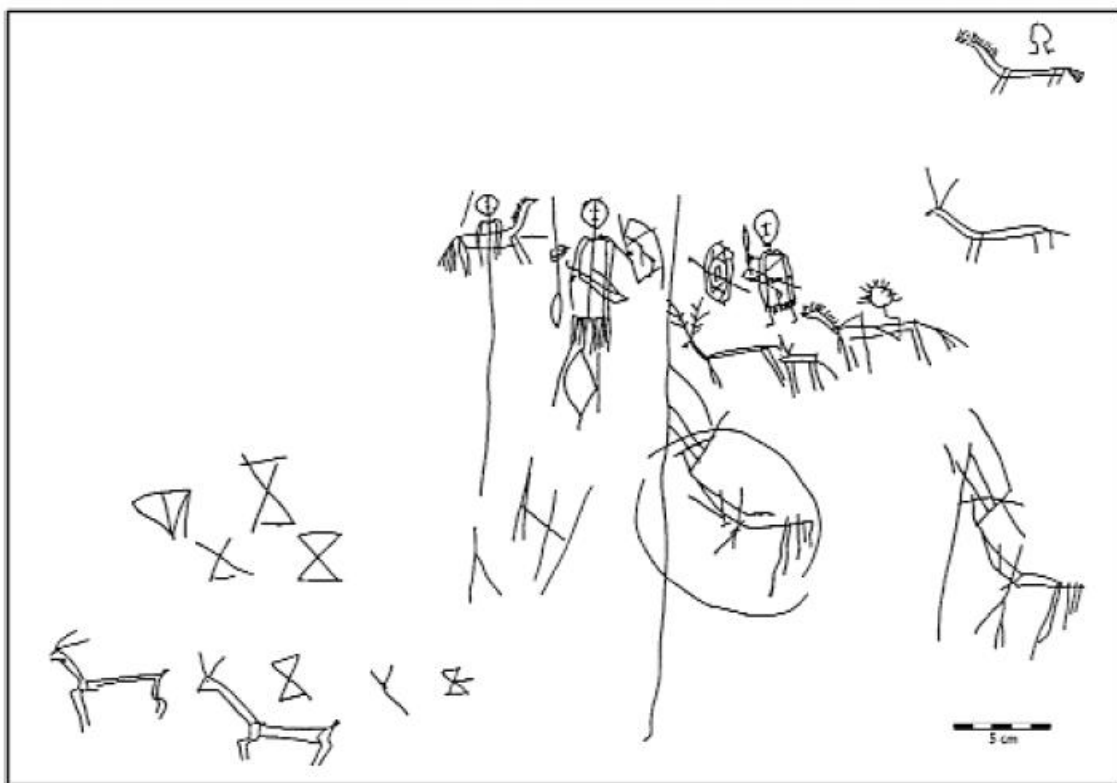


Figura 10- Gravuras do afloramento de Osseja na Cerdanha (Royo 2009, Campmajo 1993, Ferrer i Jané 2010).

2.1.7 Grupo Pirenaico e Pré-pirenaico

Localizado na região dos Pirenéus, o grupo, denominado de Pirenaico e pré-pirenaico, possui um vasto conjunto de manifestações rupestres distribuídas em afloramentos rochosos e abrigos. Este grupo é composto por uma diversidade de representações da Idade do Ferro, desde gravuras fusiformes a filiformes, passando por figuras e inscrições proto-históricas. Este grupo, notavelmente estudado por Pierre Campmajo e Joan Ferrer i Jané, dispõe de uma variedade de expressões gráficas que utilizam também diferentes técnicas como a abrasão, o picotado e a incisão (Campmajo 1993, Ferrer i Jané 2010, Royo 2009). Assim, neste grupo encontram-se grafismos típicos da Idade do Ferro, como as gravuras do afloramento de Osseja na Cerdanha, onde figuram representações de caça, com motivos de cervídeos assim como de antropomorfos armados de lança e escudo e montados a cavalo (Figura 10), ou como os grafismos encontrados na Cueva de Lasque em Orés, que associam fragmentos de epígrafes ibéricas a motivos fusiformes e filiformes (Royo 2009).

2.1.8 Grupo da Serra de Albarracín

O grupo da Serra de Albarracín, assim denominado por se situar nesta Serra, foi dos últimos a ser identificado como encerrando numerosas representações proto-históricas na região espanhola. Este grupo inclui múltiplos núcleos com manifestações da Idade do Ferro, associados a diversos povoados e estações proto-históricas, o que permite contextualizar melhor os registos observados neste grupo. As gravuras observadas nesta região enquadram-se assim no panorama de representações associadas à Idade do Ferro, já que este grupo possui, por exemplo, representações picotadas de diversos motivos equestres, observáveis no núcleo de Puntal de Tío Garrillas II em Pozondón (Figura 11) ou grafismos como covinhas e podomorfos, patentes no abrigo de Masada de Ligros IV em Albarracín (Royo 2004, 2009).



Figura 11 - Gravuras de Puntal del Tío Garrillas na Sierra de Albarracín (Royo 2004).

2.1.9 Grupo do Alto Maestrazgo e das Serras Mediterrâneas

O grupo proto-histórico do Alto Maestrazgo e das Serras Mediterrâneas distribui-se pelas regiões de Aragão do território espanhol, Castelló e Valencia. Este grupo dispõe de diversos afloramentos rochosos com representações gravadas e pintadas que abrangem diversas cronologias, sendo que se podem discernir algumas proto-históricas. Estudadas nos últimos anos por José Ignacio Royo Guillén (Royo 1999, 2004, 2005, 2009) e Ramón Viñas (Viñas e Conde 1989, Viñas et al. 1983), as manifestações parietais observáveis nesta região distinguem-se pela sua diversidade, que abrange desde as figurações equestres pintadas de Cingle de Mola, Remigia em Castellón, Mas d'en Josep e Mas del Cingle (Viñas e Conde 1989, Viñas et al. 1983), as cenas equestres com motivos gravados da Cova del Barranc de l'Aguila de Xátiva, em Valencia ou na Peña de los Burritos (Figura 12) em Alpuente, Alicante (Royo 2005, 2009), às representações esquemáticas de Las Rozas I de Castellote e Barranco de Gibert II de Mosqueruela. Assim, a multitude de registos presentes neste grupo espanhol não deixa de ser exaltante para o contexto proto-histórico peninsular (Royo 1999, 2009).

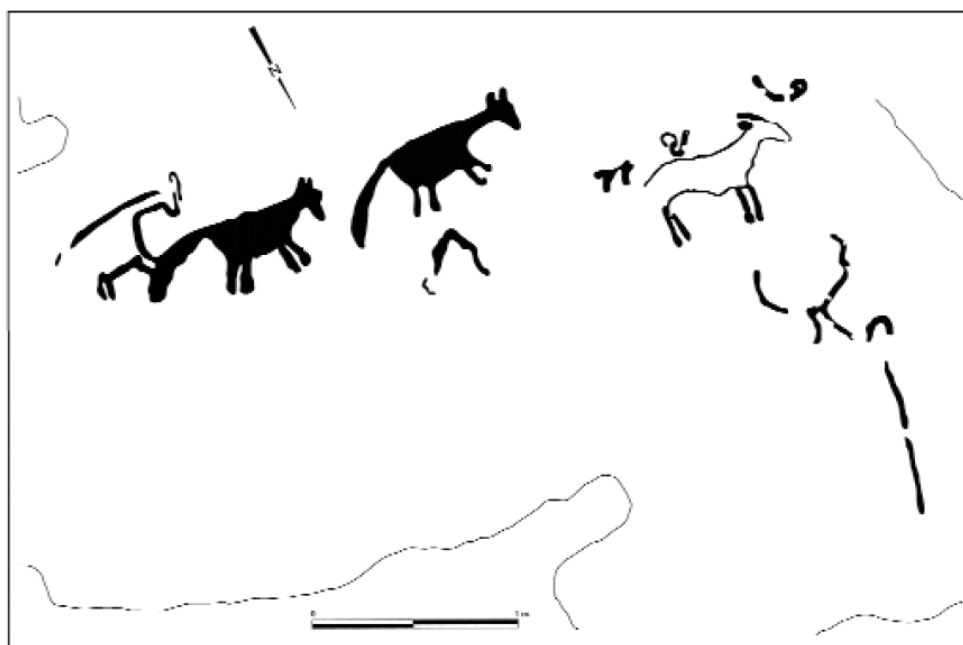


Figura 12- Motivos zoomorfos da Peña de los Burritos (Royo 2005, 2009).

2.1.10 Grupo Galaico

Se estes grupos que acabamos de mencionar são tipicamente espanhóis, também existem grupos que percorrem as fronteiras atuais dos dois países. Estes grupos, como o vamos ver, representam grande parte do espólio das representações rupestres em Portugal. Assim, por coincidência, o primeiro grupo a ser identificado na Península Ibérica, comportando representações da Idade do Ferro, é um grupo que abarca os dois países: o grupo galaico, identificado nos finais do século XX, no território da Galiza e do norte de Portugal. No entanto, este grupo integra uma tradição artística, denominada “arte atlântica” ou “galaico-portuguesa”, com uma cronologia ainda atualmente discutida. Baseado em dois modelos principais — um modelo de cronologia curta centrado no final do Calcolítico e inícios da Idade do Bronze (e.g. Peña e Rey 2001, Fábregas 2001, Rodríguez & Fábregas 2012) e um modelo de cronologia longa que considera um período que se estende da Pré-história Recente à Idade do Ferro (e.g. Santos Estévez 2007, 2012, Santos Estévez e Güimil-Fariña 2015, Royo 2009) — este grupo compreende um conjunto de manifestações diversas. Assim a par das manifestações pré-históricas é plausível que a iconografia galaico-portuguesa compreenda representações típicas do período em estudo, com figuras zoomorfas, maioritariamente de cervídeos e

representações de armas (Gomes 2002). Neste grupo identificaram-se assim, conjuntos de arte móvel como a Lousa de Formigueiros (Mejide Cameselle et al. 2009) e a laje dos cavalos de Chao de Sanmartí e de Coaña (Villa Valdés 2010). O primeiro sítio identificado no castro de Formigueiros, na Serra do Edramo próximo de Sarria, contém um conjunto de seis lajes gravadas com motivos incisos de zoomorfos, nomeadamente peixes e equídeos (Figura 13) e motivos geométricos como círculos concêntricos (Mejide Cameselle et al. 2009). O segundo sítio já situado no norte da Península Ibérica, nas Astúrias, também em contexto "castrejo", compreende uma laje gravada de motivos zoomórficos da Proto-história, dos quais se destacam duas figuras de equídeos (Figura 14).

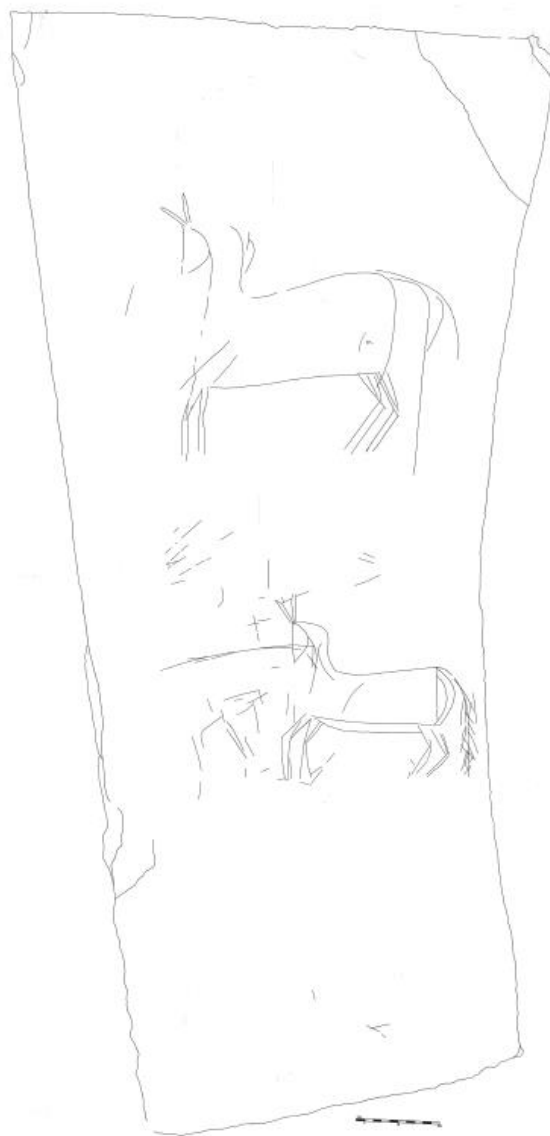


Figura 13- Laje do Castro de Formigueiros (Mejide Cameselle et al. 2009).



Figura 14- Laje dos cavalos de Chao de Sanmartí e de Coaña (Villa Valdés 2010).

2.1.11 Grupo do Rio Tejo

Um dos grandes espólios rupestres da Idade do Ferro português encontra-se no Vale do Tejo. A arte do Vale do Tejo foi descoberta em outubro de 1971, durante a campanha de prospeção realizada nas margens do rio Tejo. Esta campanha tinha como objetivo a identificação e o registo do espólio rupestre, que se encontrava em risco de desaparecimento devido à construção da barragem de Fratel. Os trabalhos de prospeção, sugeridos pelo etnólogo Paulo Caratão Soromenho, foram inicialmente efetuados por um grupo de estudantes voluntários da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa sob a coordenação de Eduardo da Cunha Serrão, e resultaram na identificação das primeiras rochas gravadas, do Cachão do Boi, na zona de Fratel (Silva 2011, Rosa 2012). Os trabalhos arqueológicos realizados durante a década de 70

estabeleceram um marco histórico na arqueologia portuguesa, não só porque, como o salienta Neemias Rosa, o salvamento das gravuras do Vale do Tejo, com a exceção do Gabinete da Área de Sines (Silva e Soares 1981), ‘desencadeou o primeiro projeto de arqueologia territorial diretamente relacionado com um grande empreendimento público no país’ ainda antes da revolução do 25 de abril (Rosa 2012, p. 15), mas também porque contribuiu para a formação de uma das gerações de arqueólogos mais reconhecida em Portugal. O trabalho realizado nesta intervenção resultará não só na identificação de inúmeras gravuras respetivamente divididas em treze estações em Portugal — Cachão de São Simão, Alagadouro, Lomba da Barca, Cachão do Algarve, Ribeira de Ficalho, Fivenco, Fratel, Cascalheira do Tejo, Foz da Ribeira de Nisa, Chão da Velha, Silveira, Ribeira de Figueiró e Gardete (Gomes 2010) — como também na identificação de um núcleo na margem espanhola do rio, sítio de Herrera de Alcântara. Apesar de, cerca de um ano após esta descoberta, a construção da barragem de Fratel ter sido concluída, o que resultaria na submersão de 90% do espólio rupestre (Gomes 1983), as medidas de salvamento que decorreram neste período, assentando sobretudo no levantamento das gravuras com o recurso à moldagem em látex, permitiram o registo dos grafismos que hoje se conhece.

Esta descoberta no Vale do Tejo levaria, mesmo após a inauguração da barragem de Fratel, a que, em 1973, fossem feitas inúmeras descobertas nesta região. Entre 1973 e 1976, o Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (GEPP) prospeeta de forma sistemática as margens de um dos afluentes do rio Tejo, o rio Ocreza, onde se vem a descobrir um conjunto de grafismos diversos, repartidos por mais de uma dezena de painéis que integram atualmente a Arte Rupestre do Rio Tejo. Em finais de 2000, no contexto do acompanhamento dos trabalhos de construção da A23, surge a identificação de um painel com arte paleolítica no sítio do Ocreza (Baptista 2001). Com o decorrer da prospeção, em 2001, no contexto de uma campanha realizada pelo Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo (CEIPHAR), serão identificados novos painéis gravados, nomeadamente num dos afluentes do rio Ocreza, no Vale do Carvalheiro. Nesta campanha, tendo como objetivo inicial a realocação de algumas das gravuras previamente identificadas, serão identificados trinta e um painéis gravados, assim como uma dezena de painéis contendo covinhas (Silva 2011). Atualmente, estima-se que a região do Tejo abarque um número total de 1443 superfícies gravadas repartidas em cerca de trinta núcleos diferentes, dos quais vinte se encontram nas

proximidades do Tejo, dois no Vale do Erges, dois no Vale do Sever, um no Vale da Ribeira das Ferraduras, quatro no Vale do Ocrea e um no Vale da Ribeira da Pracana (Gomes 2010). O interesse destes núcleos para o nosso trabalho reside na presença de algumas representações identificadas como pertencendo ao período da Idade do Ferro (Figura 15) Figura 15- Decalque da Rocha 43 M84(1) do Fratel (Garcês 2018), nomeadamente motivos circulares, podomorfos, armas, serpentes, animais fantásticos e zoomorfos que, no entanto, permanecem infelizmente pouco estudados no contexto do Tejo (Gomes 2010).

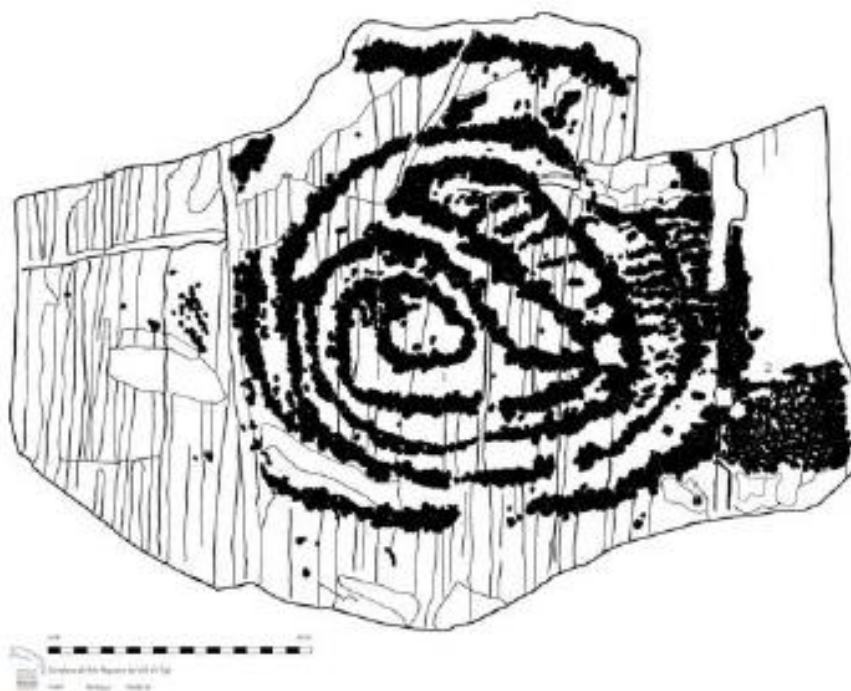


Figura 15- Decalque da Rocha 43 M84(1) do Fratel (Garcês 2018).

2.1.12 Grupo do Guadiana

Na região do Alentejo, o aparecimento de diversos registos rupestres nas zonas adjacentes ao rio Guadiana, no início do século XXI, dos quais alguns encerram representações proto-históricas, levou ao descobrimento de um dos maiores sítios arqueológicos em Portugal. A descoberta da arte rupestre do Guadiana, identificada

primeiro no lado espanhol em 2000 e, um ano mais tarde, em 2001, no lado português, inscreve-se num contexto em muito semelhante aos das descobertas do Côa e do Tejo (Baptista e Santos 2013, Collado 2006), pois, a sua identificação ocorreu durante a prospeção de um dos territórios ameaçados de submersão pela construção da barragem do Alqueva, na zona de Molino Manzániz, em Espanha (Collado 2006, Silva 2011). Este acontecimento deu início a uma campanha de prospeção ao longo do rio Guadiana que redundou no levantamento de cento e setenta e quatro estações arqueológicas repartidas pelo território peninsular, que levaram, à imagem do que aconteceu no Côa, a uma polémica internacional sobre a pertinência da barragem e a uma prossecução dos trabalhos de prospeção nos dois países (Collado 2006, Silva 2011). Os diversos trabalhos, que decorreram durante o ano de 2001 até ao encerramento das comportas da barragem em 2002, resultaram na identificação de quinhentas e setenta estações contendo cerca de cinco mil motivos identificados, inseridos em cronologias diversas, abrangendo períodos desde o Paleolítico Superior até à Modernidade. Porém, muito deste espólio não sobreviveu à subida das águas após o fim da construção da barragem. Resta-nos os levantamentos e os registos efetuados pelos diversos intervenientes, tanto espanhóis como portugueses (Collado Giraldo 2006, Baptista & Santos, 2013).

No que diz respeito às manifestações proto-históricas identificadas na região do Guadiana, podemos destacar, no lado espanhol, algumas rochas de Molino Manzániz (Collado 2006) e, no lado português, os núcleos de Mocissos e de Moinhola (Figura 16 e Figura 17), ainda que sejam identificados outros registos mais indefinidos noutros locais como o de Santo Ildefonso ou de Azenhas d'El Rei (Baptista e Santos 2013). Em geral, as manifestações proto-históricas identificadas no Guadiana assemelham-se ao perfil dos grafismos do Côa, correspondendo a gravuras de incisão simples, com a recorrência a motivos zoomórficos, geométricos e antropomorfos associados aos primeiros, designadamente em composições equestres (Baptista e Santos 2013). De facto, se uma das características recorrentes na arte rupestre proto-histórica na Península Ibérica se evidencia pela presença de representações de equídeos e cervídeos, notamos contudo, que a partir dos levantamentos efetuados, o panorama dos elementos mais frequentes na arte rupestre do Guadiana é principalmente determinado por motivos geométricos, ziguezagues e os frisos.



Figura 16- Cervideo da rocha 3 de Mocissos (Baptista e Santos 2013).



Figura 17- Cervideo da rocha 109 da Moinhola (Baptista e Santos 2013).

2.1.13 Grupo do Douro

O último grupo que nos resta a abordar é o grupo do Douro. Este grupo é representado por um conjunto diverso de locais, dos quais ressalta, em território espanhol, o castro de Yecla de Yeltes e o sítio de Arroyo de las Almas e, em território português, a arte móvel do Sabor e o complexo de gravuras do Vale do Côa. Este grupo engloba os grafismos da Idade do Ferro identificados no sítio da Ribeira da Volta sobre o qual incide o presente trabalho e por isso será abordado de forma mais extensa que os restantes grupos.

- Yecla de Yeltes e Arroyo de las Almas

Começando pelo castro de Yecla de Yeltes, localizado na localidade do mesmo nome, este povoado fortificado agrupa um conjunto de manifestações inseridas no contexto proto-histórico. Gravadas em diversos silhares de granito inscritos nos muros e alicerces do interior da muralha deste castro, estas representações apresentam uma diversidade de grafismos (Valls 1983, 2009, Luís 2009b). De facto, neste castro encontram-se múltiplos motivos recorrentes no território ibérico (Figura 18), tais como motivos de quadrúpedes e de cavaleiros, representados em diversas regiões da península, ou motivos circulares característicos da arte galaico-portuguesa (Luís 2009b, Royo 2009). As diversas representações que se situam neste castro enquadram-se num contexto pertinente para o estudo do período proto-histórico, uma vez que se encontram em relação direta com o povoado fortificado de Yecla de Yeltes. Este castro salmantino de cronologia pré-romana fornece um enquadramento arqueológico ideal para uma melhor compreensão cronológica destes grafismos (Valls 1983, 2009).

Próximo de Yecla de Yeltes, igualmente no município de Salamanca, situa-se o conjunto artístico do Arroyo de las Almas. Este grupo de arte rupestre ao ar livre, descoberto em 2015, é constituído por vinte e quatro rochas gravadas que abrangem uma cronologia ampla de manifestações (Reis e Vázquez Marcos 2015, 2019, Luís e Vázquez Marcos 2022). Assim, identificam-se neste espólio grafismos do Paleolítico Superior à Época Moderna, incluindo a Idade do Ferro. As figuras proto-históricas (Figura 19), em específico, foram identificadas em onze das vinte e quatro rochas catalogadas neste sítio. Nestas destaca-se o registo maioritário de signos incisos geométricos e abstratos, ainda que existam múltiplas representações incisas de animais

e humanas. O conjunto artístico proto-histórico do Arroyo de las Almas, além de representar um dos sítios rupestres da Idade do Ferro mais importantes na Península Ibérica, com um número superior a cento e vinte motivos observados, constitui um paralelo iconográfico essencial para a compreensão deste período, uma vez que os seus grafismos se assemelham a diversas manifestações proto-históricas nomeadamente identificadas no Vale do Côa e no Guadiana (Reis e Vázquez Marcos 2015, 2019, Luís e Vázquez Marcos 2022).

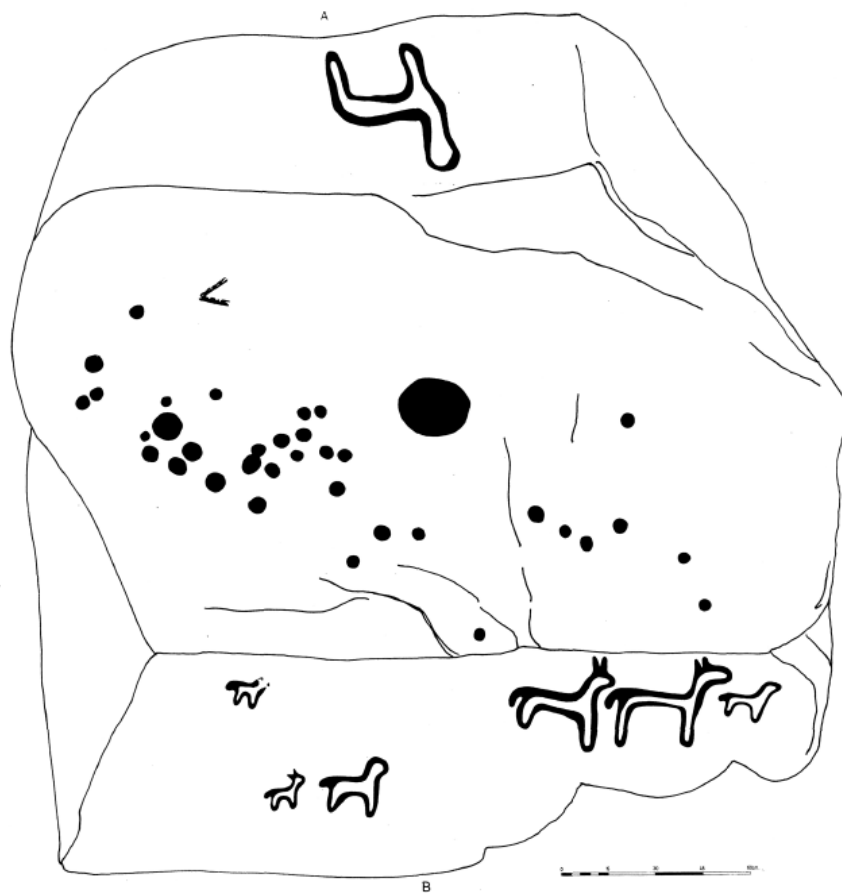


Figura 18- Registo 7 de Yecla de Yeltes (Valls 1983).

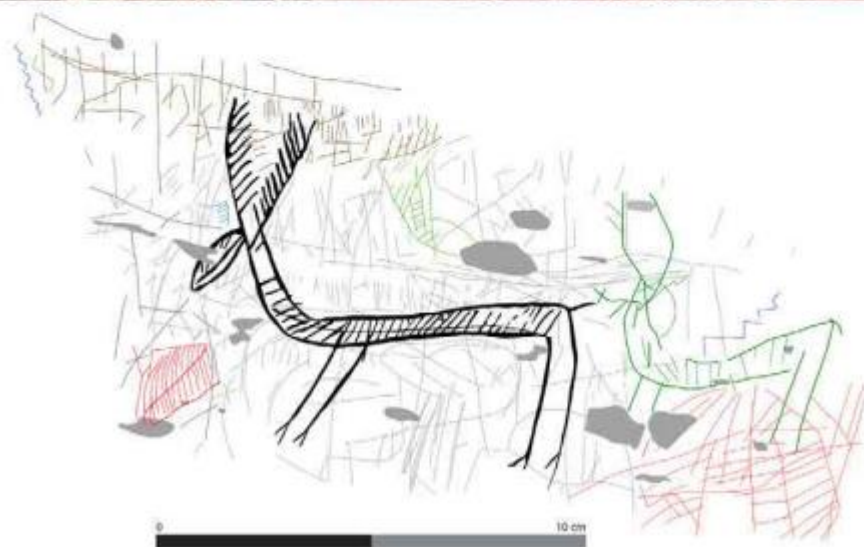


Figura 19- Painel 8 da rocha I do núcleo II do Arroyo de las Almas (Reis e Vázquez Marcos 2019).

- Vale do Sabor

Nas proximidades do rio Sabor, afluente do rio Douro, foi identificado um vasto registo de conjuntos de arte móvel da Idade do Ferro, nomeadamente em Crestelos (Mogadouro) e Castelinho (Torre de Moncorvo) (Luís e Vázquez Marcos 2022).

A arte móvel do sítio de Crestelos foi descoberta entre 2008 e 2015, numa sucessão de trabalhos arqueológicos no seguimento da construção barragem do vale do rio Sabor (Silva *et al.* 2016, Luís e Vázquez Marcos 2022). Nestes foram identificadas mais de cem placas de xisto gravadas com uma maioria de motivos geométricos e abstratos e algumas representações figurativas de zoomorfos e antropomorfos (Figura 20). Ainda que a

maioria destas gravuras proto-históricas tenha sido feita a partir de incisão simples, são contudo observáveis alguns registos de picotagem e abrasão em Crestelos. Destacam-se assim temáticas com antropomorfos montados a cavalo associados a motivos geométricos e abstratos.

Semelhantemente, foi identificado em 2010, aquando da construção da mesma barragem, o sítio fortificado do Castelinho. Este sítio contém uma gigantesca coleção de arte móvel, com cerca de quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro (Santos *et al.* 2012, Neves e Figueiredo 2015, Luís e Vázquez Marcos 2022). Nestas destacam-se as representações de motivos geométricos, abstratos e figurativos, como antropomorfos e zoomorfos (Figura 21). Estas gravuras de incisão simples que preenchem as superfícies das placas de diversas dimensões contam com diversas representações e temáticas, das quais sobressai sobretudo a figuração de cavalos. De facto, nestas placas a representação de equídeos totaliza 150 registos, documentados de forma isolada, em manadas ou ainda associados a antropomorfos montados, (Neves e Figueiredo 2015).

A arte rupestre identificada no Castelinho, assim como a arte móvel de Crestelos, representa um dos mais importantes registos de manifestações proto-históricas na Península Ibérica. De facto, nestes dois locais que se caracterizam como áreas de armazenamento intramuros abundam registos móveis da Idade do Ferro depositados em fossos e datados entre o século II e I a.C., constituindo, por isso, um enquadramento arqueológico ideal para uma melhor compreensão iconográfica e cronológica das manifestações proto-históricas. Com efeito, a arte rupestre do grupo do Douro divide-se principalmente em dois casos característicos (Luís e Vázquez Marcos 2022). O primeiro define-se pelos seus inúmeros registos inscritos em suportes naturais de xisto ou ardósia ao ar livre (Vale do Côa e Arroyo de las Almas), afastados de áreas de ocupação humana em vales fluviais. O segundo caso evidencia uma arte originada nos povoados fortificados destas comunidades. Sobretudo móveis, estes grafismos abrangem as muralhas (Yecla de Yeltes) ou os fossos (Crestelos e Castelinho) dos povoados (Luís e Vázquez Marcos 2022). Contudo, a tipologia dos motivos e as suas associações são semelhantes nestes dois casos, com algumas diferenças formais e técnicas devido nomeadamente aos próprios suportes utilizados (Luís e Vázquez Marcos 2022). Deste modo, estes dois tipos são complementares no seu entendimento e estudo e por isso figuram no mesmo grupo de análise (Grupo do Douro).

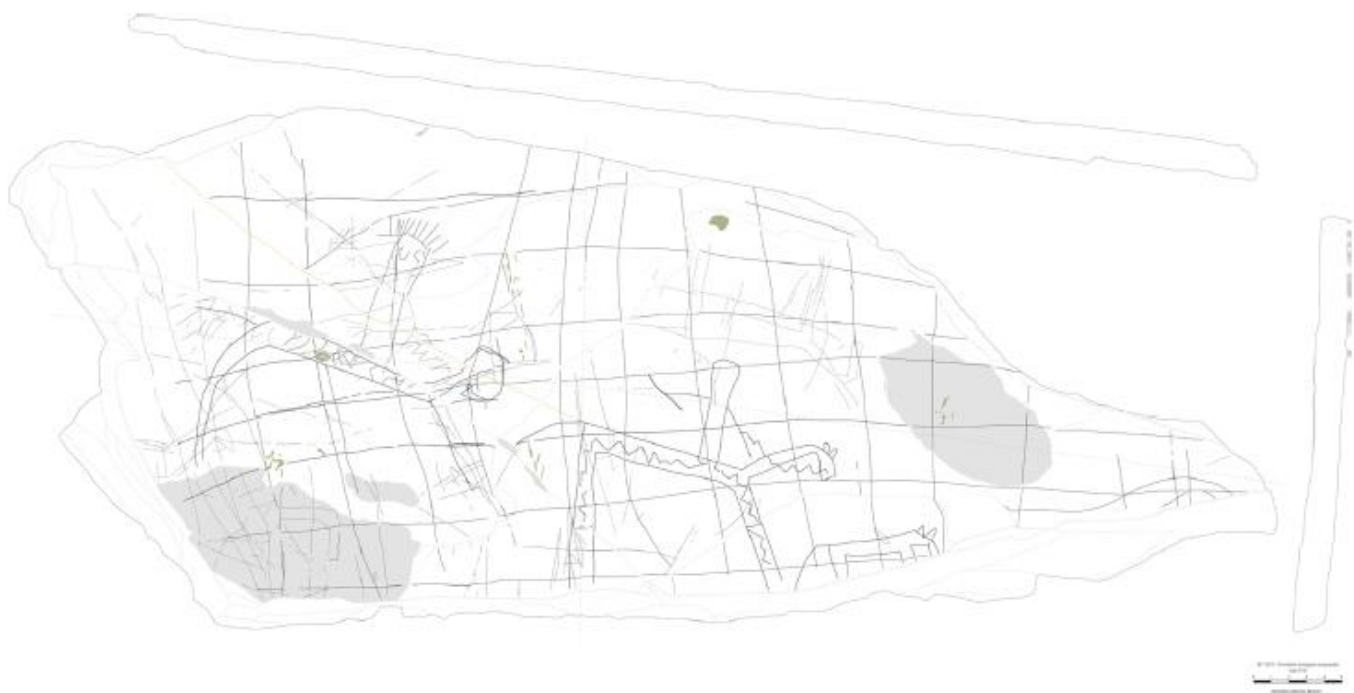


Figura 20- Gravuras da Quinta de Crestelos (Silva et al. 2016).



Figura 21- Placa I do Castelinho (Neves e Figueiredo 2015).

- Vale do Côa

Após esta breve exposição contextual dos grupos que constituem a arte rupestre da Idade do Ferro na Península Ibérica, ao considerar por um lado os sítios espanhóis e por outro os sítios em Portugal, dos quais havemos fornecido uma breve contextualização histórica, geográfica e estilística, podemos concluir que esta arte rupestre está abundantemente presente, embora o seu estudo não esteja tão amplamente divulgado. Após estas considerações, abordaremos agora o âmago deste estudo ao contemplar particularmente o contexto do Vale do Côa onde se inscreve o núcleo abordado nesta dissertação: o sítio da Ribeira da Volta.

O Parque Arqueológico do Vale do Côa situa-se no nordeste do território continental português, no distrito da Guarda. Esta área, atualmente conhecida pela sua importância patrimonial e cultural, encontra-se definida como Zona Especial de Proteção da arte rupestre do Vale do Côa, integrando nos concelhos de Vila Nova de Foz Côa, Mêda, Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel e Sabugal. Para além destes, um conjunto de sítios de arte rupestre da margem direita do rio Douro insere-se no concelho de Torre de Moncorvo. O Vale do Côa é composto por 98 sítios de arte rupestre e acumula mais de 1300 registos dispersos nas vertentes do rio Côa (Figura 22), ao longo de 30 quilómetros, e do rio Douro, aproximadamente 15 quilómetros (Côa Parque s.d., Reis 2023). O Côa contempla um repertório de arte rupestre complexo e variado, abrangendo diversos contextos e cronologias, dos quais se denotam registos pré-históricos, proto-históricos e modernos. Mas esta riqueza arqueológica que hoje conhecemos só muito recentemente foi considerada como um bem patrimonial de grande monta.

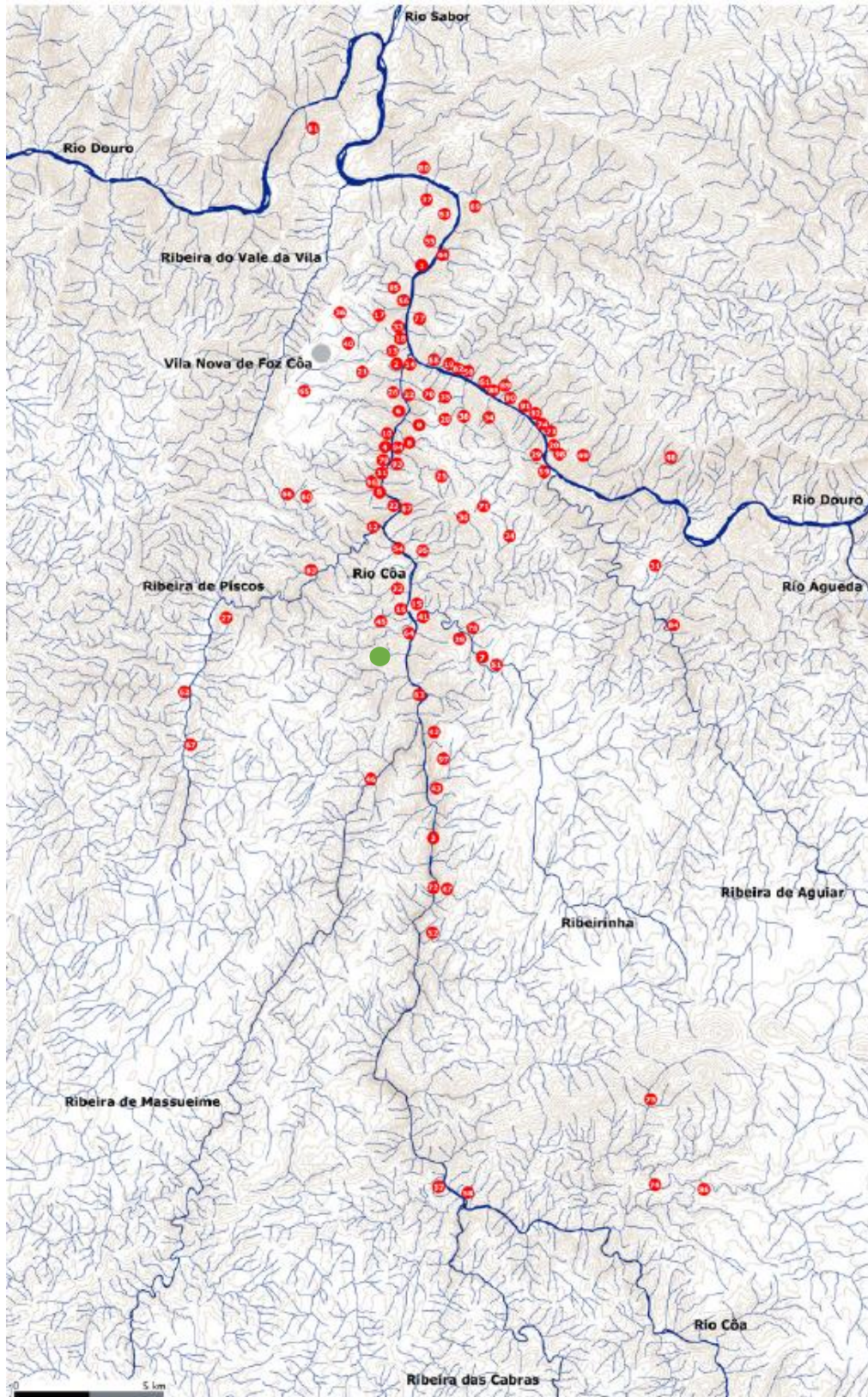


Figura 22- Distribuição de núcleos de arte rupestre do Côa incluindo a Ribeira da Volta (cartografia adaptada a partir da Carta Corográfica de Portugal – escala 1:50,000, Instituto Geográfico e Cadastral, extratos das folhas 11-C, 11-D, 15-A, 15-B, 15-C, 15-D) (Reis 2023).

Em meados de 1982, é descoberto o núcleo rupestre do Vale da Casa (Figura 23) na região do Douro (Baptista 1983). Também conhecido pelos topónimos de Vale da Cerva³, de Vale de Canivães⁴ e de Horta das Freiras⁵, este núcleo foi identificado, ele também, durante trabalhos de prospeção nas zonas em risco de submersão pelas águas da albufeira da barragem do Pocinho, pela equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho formada por Francisco Sande Lemos, Jesus Martinho, Vladimiro Pires e Manuel Pires, mais tarde auxiliados por António Martinho Baptista (Lemos 1995). Aquando da sua primeira intervenção, este núcleo contemplou apenas seis rochas identificadas⁶ (Baptista 1983), mas uma segunda intervenção, iniciada no contexto de uma campanha de salvamento do espólio, levou a que fossem detetadas outras plataformas gravadas, resultando num inventário de vinte e três rochas gravadas (Baptista e Reis 2008a, 2008b). Para além destas, muitas outras poderiam ter sido registadas, mas, devido à subida das águas do rio e ao encerramento das comportas da barragem, algumas rochas⁷ foram permanentemente submersas, sem que qualquer estudo e desenho tenha sido realizado. Só mais tarde, em 1996, aquando de uma descida temporária das águas da albufeira, foram inventariadas mais seis rochas, fixando-se assim num total de vinte e nove rochas gravadas no sítio do Vale da Casa (Reis 2013). No último inventário, feito em 2023, serão identificados trinta registos no Vale da Casa, dos quais doze foram assinalados como elementos da Idade do Ferro (Baptista e Reis 2008b, Reis 2023).

³ Cfr. Domingos J. Cruz (1998), 'Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V-II milénios a.C.)'. In: Actas do Colóquio "A Pré-história da Beira Interior" (Tondela, novembro. 1997), Viseu, pp.149-166.

⁴ Cfr. António Martinho Baptista e Marcos García Díez (2002) 'L'art Paléolithique dans la Vallée du Côa (Portugal) – La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air'. In: "L'art Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image" (Tautavel – Campôme, outubro. 1999), pp. 187-205.

⁵ Cfr. Mário Reis (2013), "Mil Rochas e Tal...!": Inventários dos Sítios da Arte Rupestre do Vale do Côa (2.ª Parte)'. In: *Portvgalia*, Nova Série, vol.34, pp. 5-68.

⁶ Em certos artigos (Baptista 1983, 1984, Baptista e Reis 2008a) é feita a referência a cinco rochas identificadas, enquanto noutros (Baptista e Reis 2008b, Reis 2012, 2013) é feita a seis. Foi utilizado o artigo mais recente como referência

⁷ No último inventário efetuado estima-se que o número de registos afetados pela albufeira da Barragem do Pocinho seja de vinte e seis (Reis 2023).

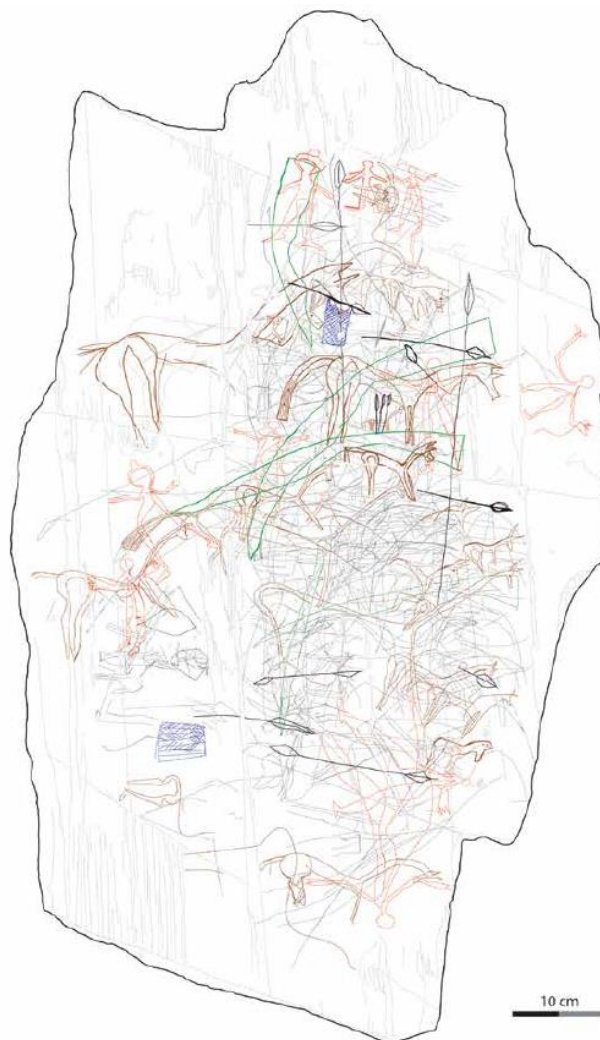


Figura 23- Decalque da Rocha 10 do Vale da Casa (Luís 2023).

A descoberta deste núcleo rupestre foi um prenúncio da descoberta, quase 10 anos mais tarde na mesma região, da arte rupestre do Côa. Isto é, por coincidência, a construção de uma nova barragem no curso final do rio Côa, cerca de cinco quilómetros a montante do Vale da Casa, proporcionou a revelação de diversos vestígios de ocupação humana, fixados ali desde a Pré-história até à Época Contemporânea. Foi a partir de um primeiro relatório de Estudo de Impacte Ambiental (EIA), redigido em 1989, por Francisco Sande Lemos (Lemos 1994) que o Instituto Português de Património Arquitetónico (IPPAR) toma a iniciativa de aprofundar os estudos arqueológicos na região e vem, em 1990, a criar o Projeto Arqueológico do Côa (PAC), com a implementação de uma equipa sob a direção do arqueólogo Néelson Rebanda (Baptista e Reis 2008b). Posteriormente, em novembro de 1991, Néelson Rebanda e a sua equipa

fazem a descoberta das primeiras gravuras paleolíticas da Cova do Inferno e, face à confirmação de uma presença pré-histórica na região e à sua possível importância, convidam António Martinho Baptista, Mário Varela Gomes e Mila Simões de Abreu a visitarem as gravuras descobertas. Fazem parte da equipa de Nelson Rebanda, João Félix, Manuel Almeida e o desenhador Fernando Barbosa, que já tinha estado presente em 1982 nos levantamentos do Vale da Casa. Os dois primeiros serão posteriormente responsáveis pela grande maioria das descobertas da Arte Rupestre do Côa até 2004 (Baptista e Reis 2008b). Nelson Rebanda mantém-se em funções até 1994, momento em que se revelam ao público em geral as gravuras do Côa, em novembro desse ano (Baptista e Reis 2008b). Este anúncio desencadeia uma intensa polémica e um movimento nacional em torno da preservação das gravuras, que conduziram a uma série de trabalhos de investigação mandatados pelo governo e assumidos por António Martinho Baptista e Mário Varela Gomes. Terminados nos finais de 1996, os resultados destes trabalhos são dados a conhecer no Relatório Científico de 1997 (Zilhão dir. 1997). Este relatório estará na base da decisão política de salvaguardar estas gravuras, do consequente abandono da construção da barragem do Côa e da classificação destas gravuras como Monumento Nacional e Património da Humanidade em 1998 (Luís 2023). Com a criação de um novo organismo de tutela da arqueologia portuguesa, o Instituto Português de Arqueologia (IPA) e a fundação do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) e do Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART) em 1997, inicia-se o levantamento e estudo não sistemático de rochas, primeiro no contexto do CNART, depois do PAVC e mais tarde da Fundação Côa Parque (Luís 2023). Na entrada do novo milénio, Mário Reis dá início a trabalhos de prospeção arqueológica contínua, que contribuíram para o aumento exponencial do número de registos com arte rupestre conhecidos, nomeadamente registos de arte sidérica (Baptista e Reis 2008a, 2008b, Reis 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2023).

Porém, nesta altura também se questiona o descobrimento de arte rupestre no Côa, pois verifica-se que já havia menções escritas às gravuras do Côa datadas da primeira metade do século XX. Estes trabalhos, escritos por Francisco Manuel Alves e José Silvério de Andrade, constituem de facto as primeiras referências escritas conhecidas sobre gravuras na região do Côa. Assim, o primeiro registo escrito ocorre em 1938 na obra *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança* de Francisco Manuel Alves, conhecido por Abade de Baçal. No Tomo X desta obra monumental em

onze tomos surgem três breves alusões às gravuras rupestres nas imediações de Vila Nova de Foz Côa. Todas estas menções, segundo as palavras do autor, terão sido proferidas pelo “grande benemérito Dr. José Silvério de Campos Henriques Salgado de Andrade, abastado proprietário de Vila Nova de Foz de Côa” (Alves 1938, p. 282). A primeira menção às gravuras rupestre refere-se ao conhecido “muro dos namorados”, na rua do mesmo nome, no interior da aldeia de Castelo Melhor (Reis 2015), destapado, em 1932, aquando de obras de desentulho de uma via a fim de a adaptar ao trânsito. Apesar de breve, a descrição do Abade fornece alguns elementos tipológicos sobre estas gravuras, nomeadamente sobre os motivos vegetalistas, animalistas e geométricos. Por outro lado, o autor estabelece uma comparação com outras pedras gravadas presentes nos muros e nas paredes de casas de Castelo Melhor (Alves 1938). No total, foram identificadas oitenta destas pedras, que terão sido associadas a um antigo edifício religioso, datado entre o século XV e XVII, entretanto demolido (Baptista e Reis 2009) e tendo as suas pedras, como acontece em muitos casos, servido de material de construção. A segunda alusão feita a gravuras rupestres nesta publicação refere a existência de duas ferraduras gravadas num fragueiro de uma antiga rua no sítio chamado Caminho de Santa Bárbara (Alves 1938), as quais desconhecemos até hoje. Porventura destruídas ou tapadas, estas gravuras poderiam estar situadas no caminho, atualmente, alcatroado, ao lado da capela de Santa Bárbara em Vila Nova de Foz Côa (Baptista e Reis 2008b). Finalmente, a última observação feita neste documento às gravuras rupestres presentes em Vila Nova de Foz Côa diz respeito a uma cruz gravada no famoso sítio da Canada do Inferno (Alves 1938). Com efeito, o documento apresenta um desenho da cruz que não se aparenta precisamente a nenhuma das cruzes identificadas no sítio, devido provavelmente ao pouco rigor com que se faziam os levantamentos rupestres na época, já que eram elaborados à vista, por vezes negligenciando alguns detalhes e, ocasionalmente, misturando e recriando detalhes das gravuras. No entanto, e apesar de algumas diferenças formais, pode-se deduzir que a gravura aparenta ser a cruz identificada na rocha 7 da Canada do Inferno, de cronologia moderna (Reis 2015, Baptista e Reis 2008b). Parece-nos pertinente mencionar que esta referência torna-se interessante para o contexto da descoberta da Arte do Côa, uma vez que como o salienta Mário Reis “Num último comentário sobre esta antiga referência à Canada do Inferno, pode afirmar-se que ela é tão interessante por aquilo que diz como, sobretudo, pelo que omite” (Reis 2015, p. 136), dado que, se aceitarmos como verídica a asserção

que a cruz gravada pertence deveras à rocha 7 da Canada do Inferno, é surpreendente que dos diversos motivos que compõe esta rocha apenas tenha sido mencionada uma cruz. Pois, esta rocha comporta múltiplos motivos aparentes, igualmente picotados e de cronologia moderna, nomeadamente duas datas (1753 e 1758), cruces, uma figura antropomórfica armada, uma assinatura, entre outros motivos (Reis 2015). Além do mais, como reportam António Martinho Baptista e Mário Reis, tendo em conta que a rocha 7 da Canada do Inferno se encontra em frente da rocha I que contempla diversos motivos paleolíticos, é curioso que haja uma ausência de referências à existência desta arte nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*. Assim, nesta obra, o Abade não só não faz diretamente qualquer alusão à existência de arte do Paleolítico em Foz Côa como a sua menção da referida rocha 7 parece-nos interessante na medida em que o autor refere uma rocha que não é das mais emblemáticas do Côa no que concerne as rochas com gravuras de época moderna da Canada do Inferno. Por exemplo, este sítio abriga a rocha 24, que se encontra repleta de motivos de época moderna, está próxima de moinhos e é de acesso fácil (Reis 2015, Baptista e Reis 2008b). Esta rocha 24 é constituída por um grande painel saturado de figuras picotadas, entre as quais podemos realçar múltiplas cruces, diversos motivos antropomórficos e o que parece representar um relicário ou um cálice com uma possível custódia em cima.

Na verdade, o mais plausível é que o autor deste documento, o Abade de Baçal, nunca tenha visitado pessoalmente as gravuras que menciona na sua obra (Baptista e Reis 2008b), e terá recorrido, como supramencionado, a informações que têm uma origem indireta ao basear-se nas palavras de José Silvério de Andrade, o que pode justificar tais questões. Dois anos mais tarde, em 1940, José Silvério de Andrade, viria a publicar, no *Anuário da Região Duriense*, um trabalho que assinala igualmente, apesar de brevemente, a existência de pedras gravadas nos arredores de Vila Nova de Foz Côa, em Castelo Melhor (Andrade 1940), confirmando assim as declarações do Abade de Baçal. Esta concomitância de publicações e sobretudo a referência, nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, às palavras do «grande benemérito Dr. José Silvério de Campos Henriques Salgado de Andrade» levou a que se ponderasse durante algum tempo ser Silvério de Andrade o descobridor das gravuras paleolíticas do Côa, em particular das gravuras da Penascosa que se encontram nas imediações de Castelo Melhor (Baptista e Reis 2008b). Porém, estas gravuras, que Silvério de Andrade refere como sendo de cronologia antiga, apresentam diversas tipologias de motivos animalistas

que não se encontram na Penascosa, o que nos leva a considerar que poderão ser gravuras inscritas numa cronologia mais recente. Pois, como menciona o autor:

Há meses foi chamada a atenção de quem estas linhas escreve para umas pedras gravadas com desenhos representando flôres, plantas e animais ali encontrados. Alguns, feitos com notável perfeição, especialmente um peixe, umas serpentes e uma cabeça de cavalo arredado, assim como uma ave em atitude de levantar vôo, revelavam intuição artística da parte do lapicida. É evidente que se trata de petróglifos de época muito remota, para ali arremessados, à revelia, dignos de detalhado estudo. (Andrade 1940, p. 504).

Segundo esta descrição das «pedras gravadas», é possível que as gravuras enumeradas sejam as gravuras supramencionadas do muro dos Namorados que se situam em Castelo Melhor, uma vez que os diversos motivos vegetalistas, geométricos e animalistas citados coincidem com algumas representações do muro de Castelo Melhor (Luís 2005). Apenas a “ave em atitude de levantar vôo” não existe nas pedras conhecidas do sítio, alguns especialistas considerando que talvez figure numa das nove pedras enviadas por Silvério de Andrade ao Museu de Bragança, atualmente Museu do Abade de Baçal (Baptista e Reis 2008b). Por outro lado, a descrição das pedras gravadas sublinha que “os petróglifos [foram] para ali arremessados, à revelia” o que nos permite concluir que se trata de blocos soltos e móveis do muro dos Namorados, e não dos fragmentos rochosos que acolhem as gravuras da Penascosa (Luís 2005, Baptista e Reis 2008b). Se consideramos este registo escrito como a descrição das gravuras representadas no muro dos Namorados, não podemos atribuir a José Silvério de Andrade a qualidade de verdadeiro descobridor das gravuras paleolíticas do Côa, mas sim, como o afirmam António Martinho Baptista e Mário Reis, ao arqueólogo Nelson Rebanda que, em finais de 1991, foi “quem primeiro as viu e reconheceu como tal” (Baptista e Reis 2008b).

Após estes dois testemunhos, o do Abade de Baçal e o de José Silvério de Andrade, as gravuras do Vale do Côa caem no esquecimento da arqueologia portuguesa, que durante o Estado Novo priorizará a revelação de vestígios arqueológicos que vão ao encontro da ordem salazarista, que visa reforçar a identidade e os ideais patrióticos como os Descobrimientos, e o período áureo da fundação de Portugal (Gomes 2016). Será, pois, necessário esperar os primeiros anos após o 25 de Abril, para que surjam as

primeiras descobertas da arte rupestre do Côa já nos anos 80 com a construção da Barragem do Pocinho (Baptista e Reis 2008b), levando, como vimos *supra*, à descoberta do grupo de arte rupestre do Côa.

Ao mesmo tempo que a arte paleolítica do Côa é tornada pública e se inicia a polémica para preservação do Côa (Luís, 2021), sucedem-se diversos trabalhos de investigação que se focaram no estudo da arte paleolítica, concentrada nas imediações da barragem. De facto, a importante descoberta da arte paleolítica nas margens do rio Côa fez com que o reconhecimento das gravuras proto-históricas e históricas que lhe eram marginais fosse minorizado, pelo que não integraram a polémica de proteção da arte do Côa (Luís 2008), senão como um argumento da antiguidade das gravuras paleolíticas, que ocasionalmente sobrepunham, como acontece na rocha I da Vermelhosa (Zilhão 1997). Com efeito, se no início o interesse principal da comunidade científica instou principalmente sobre a arte paleolítica, só na década de 90, no que diz respeito à arte proto-histórica do Vale do Côa, é que são descobertas representações rupestres atribuídas a este período. A arte da Idade do Ferro, que inicialmente se encontrava apenas no Vale da Casa, veio assim a afirmar-se quando começam a ser identificados, na zona terminal do Côa e na área adjacente do Douro, os núcleos do Meijapão, do Vale de José Esteves, do Vale de Cabrões e do Vale da Vermelhosa.

O núcleo do Meijapão é descoberto em fevereiro de 1993, quando a sua rocha I é identificada (Baptista e Reis 2008b) e posteriormente mencionada no inventário feito no Relatório Científico de 1997 (Baptista e Gomes 1997). Atualmente, após pontuais adições ao longo dos anos, nomeadamente a descoberta da rocha 2 em 1998 (Baptista 1999, 2001, Baptista e García Diez 2002) e a identificação das últimas duas rochas em 2006 (Baptista e Reis 2008b, Reis 2011, 2012), este núcleo é composto por quatro rochas⁸ das quais três painéis com motivos da Idade do Ferro e um com motivos de Época Histórica (Baptista e Reis 2008b, Reis 2014). Neste sítio foi realizado um decalque parcial da rocha I, por Fernando Barbosa, recentemente divulgado numa publicação (Luís 2023) e foi apresentado o registo fotogramétrico das três rochas que revelam motivos da Idade do Ferro numa dissertação de mestrado publicada em 2023 (Soares 2023).

⁸ No último inventário de Mário Reis é referenciado um total de cinco registos presentes no Meijapão. Cfr: Reis 2023.

Pouco depois do descobrimento da rocha I do núcleo do Meijapão, João Félix e Manuel Almeida identificam em novembro de 1994, com o alargamento da prospeção e investigação, novas gravuras atribuídas à Idade do Ferro no Vale de José Esteves (Santos *et al.* 2020). Foram identificadas oito rochas de xisto com gravuras, datadas do Paleolítico Superior e mais especificamente da Idade do Ferro, o que permitiu ao arqueólogo e investigador Néelson Rebanda, a partir das suas primeiras publicações, em 1995 (Rebanda 1995a, 1995b) divulgar o núcleo. Atualmente com as diversas adições pontuais de novas rochas gravadas, o sítio do Vale de José Esteves totaliza setenta e oito rochas identificadas (Figura 24) (Luís 2023). Destas, encontram-se publicados os decalques das rochas 3 (Luís 2023), 4 (Santos *et al.* 2014, Santos 2015, Santos *et al.* 2020, Luís 2023), rocha 7 (Luís 2016, Luís 2023), 8 (Luís 2023), 12 (Santos *et al.* 2020), 13 (Baptista 2012, Santos 2019, Luís 2023), 16 (Baptista 2008b, Luís 2023), 17 (Santos 2019), 18 (Luís 2016, Luís 2023), 19 (Baptista 1999, Santos 2015, Luís 2023), 36 (Santos 2020), assim como os painéis 1 e 3 da rocha 80 (Luís *et al.* 2024, Santos *et al.* 2025).

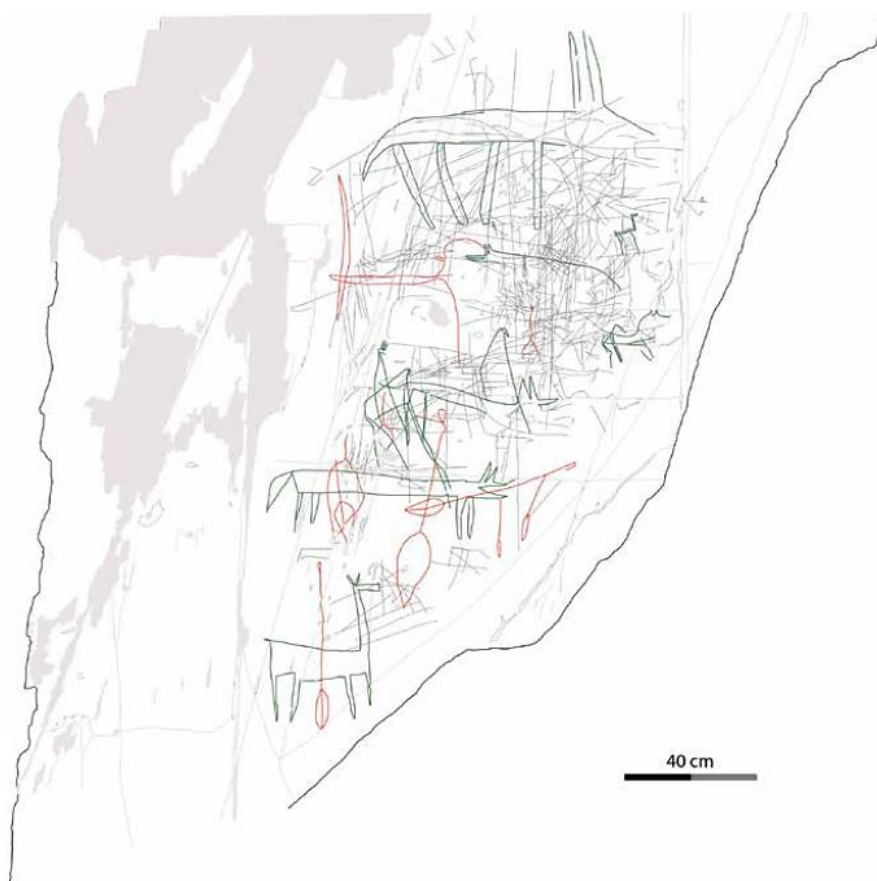


Figura 24- Rocha 8 do Vale de José Esteves (Luís 2023).

Paralelamente, motivados pelo fervor em torno da descoberta de gravuras, alguns fozcoences iniciaram prospeções nas zonas periféricas à barragem (Luís 2021), nomeadamente José Constâncio que, mais tarde, acompanhado do arqueólogo António de Sá Coixão, descobriria as gravuras do Vale de Cabrões e do Vale da Vermelha (Rebenda 1995a, Abreu *et al.* 1998).

O Vale de Cabrões (Figura 25), descoberto em inícios de 1995, será inicialmente inventariado com cerca de doze rochas (Baptista e Gomes 1997) mas este número viria a ser multiplicado posteriormente. Assim entre 1997 e 2004, o número atingirá os vinte e cinco registos inventariados (Baptista e Reis 2008b), e entre 2007 e 2010, o número aumentará para sessenta e um registos (Reis 2011, 2013). Atualmente, no último inventário feito por Mário Reis, são contados cento e um registos no núcleo do Vale de Cabrões, sendo cinquenta e seis deles atribuídos à Idade do Ferro, fazendo assim do Vale de Cabrões um dos sítios com mais registos de Arte Rupestre do Côa (Reis 2023). Entre estes, destaque-se os painéis com figuras da Idade do Ferro das rochas 3, 6, 9, 11, 12, 35 e o registo parcial da rocha 2, desenhados por Fernando Barbosa e recentemente publicados por Luís Luís (Luís 2023) e no dispositivo gráfico da rocha 3 (Luís *et al.*, 2025).

Descoberto no mesmo ano que o Vale de Cabrões, o Vale da Vermelha é identificado em junho de 1995 (Abreu *et al.* 1998) e inicialmente integrava apenas três painéis identificados (Reis 2014). Em 1996, no âmbito do projeto “*Gravado no Tempo- Etched in Time*” – *Inventário Total da Arte Rupestre Portuguesa*, um grupo de investigadores dirigido por Mila Simões de Abreu faz um levantamento gráfico de seis rochas (Abreu *et al.* 2000). No entanto, os trabalhos efetuados no âmbito deste projeto não serão objeto de uma divulgação completa, tendo sido sumariamente descritos em três artigos (Fossatti 1996, Abreu *et al.* 1998, 2000). Entre 2000 e 2011 serão feitas periodicamente novas adições, o que perfaz, em novembro de 2011, vinte e quatro painéis gravados (Reis 2013). Na atualidade, o Vale da Vermelha apresenta vinte e seis painéis gravados, dos quais quinze durante a Idade do Ferro (Reis 2023).



Figura 25- Rocha 12 de Vale de Cabrões.

Atualmente, a identificação de novos núcleos rupestres da Idade do Ferro e a adição periódica de novos registos faz com que a arte rupestre no Côa conte com um total de quinhentas e sessenta e cinco rochas que contemplam cinquenta e três sítios com cerca seis mil sessenta e nove motivos identificados (Reis 2023). Deve ainda destacar-se o trabalho científico de Luís Luís que em diversos estudos ao longo dos últimos anos, proporcionou o desenvolvimento dos estudos e uma melhor compreensão da arte da Idade do Ferro no Côa (Luís 2008, 2009, 2010, 2016, 2021), incluindo a recente publicação de setenta e seis decalques de rochas gravadas, dos quais cinquenta e quatro são integrais (Luís 2023). As gravuras da Idade do Ferro representam o segundo grande ciclo artístico do Côa, ultrapassando em número de motivos, a Arte do Paleolítico Superior (Reis 2023).

Capítulo 3:

Enquadramento da

Ribeira da Volta

3. Enquadramento da Ribeira da Volta

3.1 Contexto Bibliográfico

Em novembro de 2007, durante a finalização da prospeção sistemática realizada na Quinta da Barca, foi identificado, por Mário Reis, o núcleo da Ribeira da Volta. Situado na margem do rio Côa, no caminho de acesso, por sul, à Quinta da Barca, este núcleo compreende um conjunto de gravuras atribuídas ao Paleolítico Superior, à época Moderna e principalmente à Idade do Ferro (Reis 2014, 2023). O seu topónimo (Ribeira da Volta) surgiu aquando da sua descoberta, dada a necessidade de o diferenciar do núcleo mais próximo (Quinta da Barca). Nesse sentido, considerou-se o topónimo do afluente mais próximo, mas como este se desconhecia, optou-se por utilizar o nome do confluente deste, uma ribeira situada na margem esquerda do Côa próxima da Quinta da Barca, a ribeira da Volta (Reis 2012). Assim, durante esta breve prospeção, foram identificadas quatro rochas exibindo representações da Idade do Ferro, inventariadas com os números um a quatro (Figura 26, Figura 27, Figura 28 e Figura 29).



Figura 26- Rocha 1 da Ribeira da Volta.



Figura 27- Rocha 2 da Ribeira da Volta.



Figura 28- Rocha 3 da Ribeira da Volta.



Figura 29- Rocha 4 da Ribeira da Volta.

Em 2011, o núcleo foi, pela primeira vez, referenciado de forma sucinta num artigo de Mário Reis, no qual são abordadas não só as características geológicas, como também as características estilísticas das gravuras da Ribeira da Volta. As gravuras são então apresentadas como sendo pertinentes pela sua originalidade e singularidade no contexto da arte do Côa, muito particularmente os motivos de armas que figuram na rocha 3 (Reis 2011).

Em 2012, estas rochas são de novo mencionadas num trabalho mais abrangente de Mário Reis, incidindo sobre uma análise mais pormenorizada de cada um dos sítios da arte do Côa. Este estudo giza o historial da evolução das descobertas e o estado da prospeção feita, assim como os atributos topográficos, a cronologia dos registos inventariados e as características das rochas e dos motivos identificados (Reis 2012). Este trabalho foi o primeiro de três partes distintas, sendo a segunda publicada no ano seguinte (Reis 2013) e a última em 2014 (Reis 2014). As duas primeiras partes organizam-se seguindo uma distribuição baseada nos dois eixos principais da arte do Côa, os rios Côa e o Douro. A última parte constitui-se como um ponto da situação e a conclusão final do trabalho. O primeiro texto detém-se sobre os sítios distribuídos ao longo do

Côa, eixo que apresenta o maior número de registos, o segundo texto debruça-se sobre os sítios restantes, distribuídos ao longo do Douro (Reis 2012).

Neste texto de 2012, foi feito um inventário mais detalhado das quatro rochas contendo gravuras da Idade do Ferro e identificadas aquando da descoberta da Ribeira da Volta e mencionadas no artigo de 2011 (Reis 2011). Com efeito, no texto de 2012, estas rochas são descritas como um grupo estilisticamente coeso composto de motivos incisos revelando diversas representações de animais, de armas, de representações geométricas. É igualmente neste texto que é feita a primeira alusão às chamadas covinhas presentes na rocha 2 da Ribeira da Volta, que surgem num painel horizontal na parte superior do afloramento (Figura 30). A cronologia deste grupo de covinhas — motivo pouco documentado na arte rupestre sidérica do Côa — não se determinou, uma vez que não se confirmou uma associação segura às gravuras próximas, atribuídas essencialmente à Idade do Ferro (Reis 2012).



Figura 30- Covinhas da Rocha 2 da Ribeira da Volta (Registo fotográfico de Tania Mosquera Castro).

Em 2014, a Ribeira da Volta será mencionada pelo mesmo autor, na última publicação do seu trabalho supramencionado em três partes. Nesta, o autor faz um ponto de situação das novas descobertas feitas após os trabalhos de prospeção contínuos pela região. Neste inventário, Mário Reis esclarece sobre os novos achados feitos na Ribeira da Volta, que conta com mais seis rochas, o que perfaz um total de dez (Reis 2014), número que permanece o mesmo até ao último inventário (Reis 2023). De facto, em abril de 2013, Thierry Aubry e Luís Luís tinham descoberto três novos registos, as rochas 5 (Figura 31), 8 (Figura 34) e 10 (Figura 36), no âmbito de um estudo relacionado com os critérios de distribuição e de preservação da arte rupestre no Côa (Aubry et al. 2015) e, em finais de junho, Mário Reis, num trabalho de prospeção com o intuito de relocalizar os registos deste núcleo, identificara outras três rochas: 6 (Figura 32), 7 (Figura 33) e 9 (Figura 35) (Reis 2014).



Figura 31 - Rocha 5 da Ribeira da Volta.



Figura 32- Rocha 6 da Ribeira da Volta.



Figura 33- Rocha 7 da Ribeira da Volta.



Figura 34- Rocha 8 da Ribeira da Volta.



Figura 35- Rocha 9 da Ribeira da Volta (Autor: Mário Reis).



Figura 36- Rocha 10 da Ribeira da Volta.

Se inicialmente a Ribeira da Volta foi descrita como constituindo um pequeno núcleo inscrito numa única cronologia, a Idade do Ferro, a identificação destas novas rochas permitiu remeter a Ribeira da Volta para o panorama habitual da arte do Côa, onde coexiste um leque de gravuras que aliam cronologias diferentes. De facto, nas novas rochas foram identificadas tanto gravuras modernas, motivos da Idade de Ferro e do Paleolítico Superior, como traços de cronologia indeterminada de difícil compreensão (Reis 2014). Será também feita menção ao grupo de covinhas, previamente aludidas (Reis 2012), referenciadas no texto como de cronologia indeterminada, ainda que seja feita a atribuição hipotética a uma cronologia “pré-histórica” (Reis 2014), subentendendo-se pelo contexto que será uma Pré-história Recente. Quanto às gravuras paleolíticas do sítio, estas são atribuídas à fase 4 de produção gráfica da bacia do Douro, isto é, ao Azilense (Santos 2019).

Após estes primeiros inventários, feitos por Mário Reis, nenhum outro estudo de envergadura sobre a Ribeira da Volta foi publicado até à atualidade, sendo o sítio apenas aludido esporadicamente em alguns trabalhos (Reis 2013) e mencionado nos últimos inventários feitos (Reis 2023, Luís 2023).

3.2 Contexto Geográfico e Geológico

3.2.1 Contexto Geográfico

O complexo de arte rupestre da Ribeira da Volta inscreve-se no conjunto de arte rupestre da Idade do Ferro do Vale do Côa (Figura 37). Este núcleo, pertencente à freguesia de Chãs do Município de Vila Nova de Foz Côa, situa-se numa área de afloramentos de xisto na margem do rio Côa, com as coordenadas 7,1166204°W; 41,0019753°N. Este local, situado a cerca de 11,5 km do atual Museu do Côa, encontra-se próximo do núcleo de arte pré-histórica da Quinta da Barca. Para mais, este complexo localiza-se aproximadamente a 940 metros de distância da confluência da ribeira para onde corre a ribeira da Volta com o Côa, a 220 metros acima do leito deste último (Plataforma Online Fundação CôaParque, s.d.).

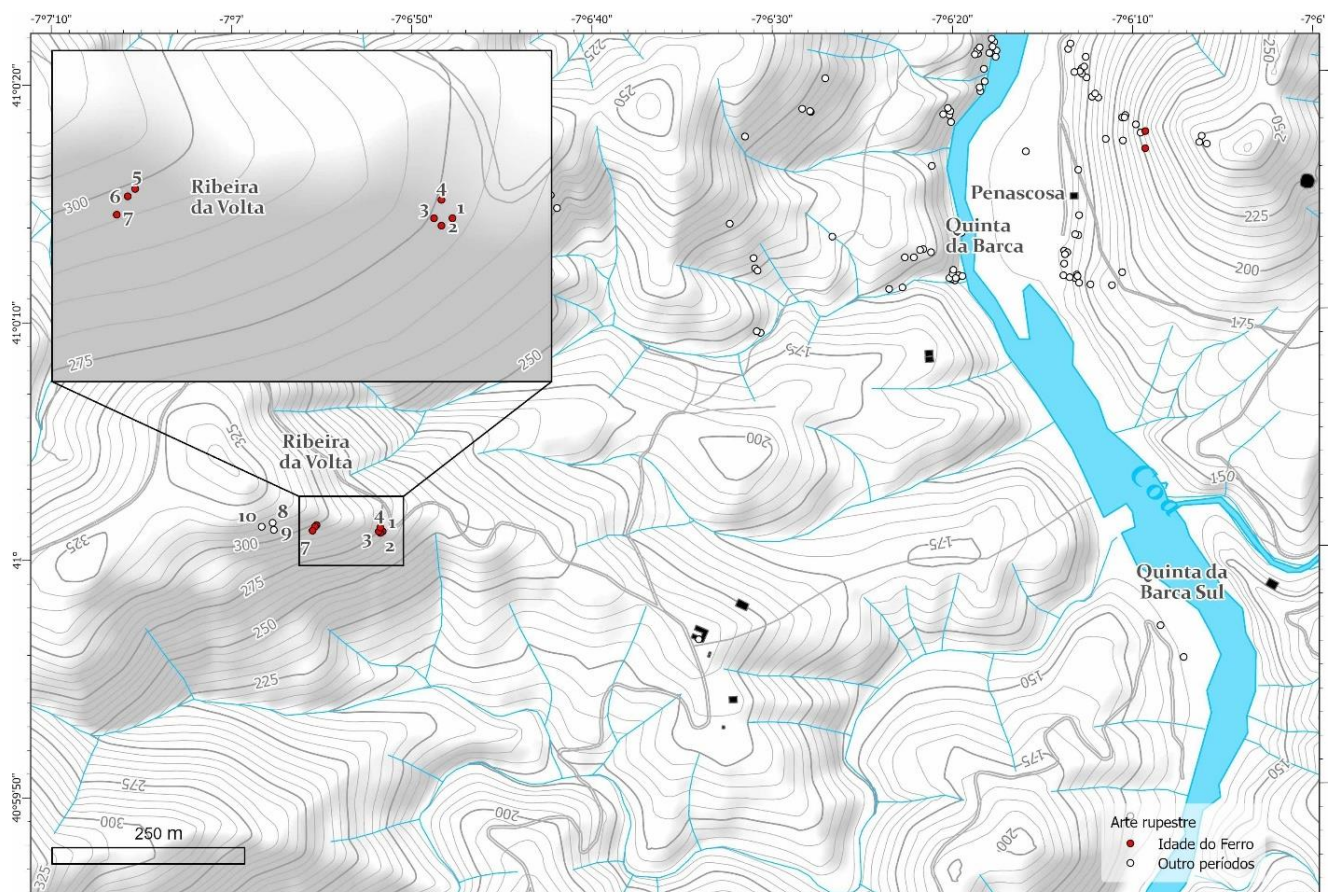


Figura 37- Localização cartográfica dos painéis do núcleo da Ribeira da Volta (Autor: Luís Luís).

3.2.2 Contexto Geológico

Quando se considera o contexto geológico na região do Vale do Côa, verifica-se que este está dividido em três unidades metassedimentares do Supergrupo Dúrico-Beirão, conhecidas por Formação da Desejosa, Formação de Pinhão e Formação de Rio Pinhão. Os núcleos de arte rupestre conhecidos no Vale do Côa encontram-se repartidos apenas nas formações geológicas da Formação Desejosa e Formação de Pinhão. Com efeito, estas duas formações são as únicas unidades metassedimentares no Vale do Côa que permitem a formação de superfícies de diáclase ideais como suporte gráfico. Isto é, estas superfícies destacam-se das outras na região na medida em que não só apresentam as características necessárias para a gravação, como também possuem as propriedades necessárias para a preservação das gravuras (Ferreira *et al.* 2023, Aubry *et al.* 2015, Chauvière *et al.* 2009).

Se considerarmos a maioria dos núcleos de arte rupestre do Côa, observamos que grande parte se espalha pelas vertentes íngremes e pelos vales encaixados do Côa, os quais proporcionam as condições naturais que permitem a exposição das superfícies verticais de xisto onde se encontram as gravuras. Estas superfícies correspondem às superfícies de diáclase encaixadas na parte ocidental da Meseta Ibérica, que devido a um processo de fracturação da tectónica frágil tardi-hercínica sofreram uma orientação NW-SE. De facto, salvo algumas exceções como as do núcleo do Vale da Casa – localizado próximo do leito do rio e onde as gravuras se encontram em painéis horizontais polidos pela ação erosiva das águas — e da Faia — localizada na zona granítica do Côa – a maioria dos grafismos nesta região encontra-se nestes planos de diáclase verticais de xisto direccionados a NW-SE, situados nas encostas íngremes e nos vales encaixados do Côa (Aubry *et al.* 2012, 2015, Luís 2021).

Esta orientação específica, NW-SE leva a que, atualmente, grande parte dos registos de arte rupestre do Vale do Côa, independentemente da sua cronologia, partilhe o mesmo tipo de superfícies. Desde modo, quando se observa o exemplo dos 53 núcleos de Idade do Ferro inventariados nesta região, deparamo-nos com a coexistência, nas mesmas áreas e superfícies, de grafismos sidéricos com gravuras de outras cronologias, devido, em grande medida, à reduzida disponibilidade dos planos de diáclase (Reis 2023, Luís 2021, Aubry *et al.* 2015). Contudo, a inventariação atual dos núcleos de arte rupestre do Côa evidencia que a maioria das gravuras surge nas

vertentes direcionadas a sudeste (50% no caso das gravuras da Idade do Ferro), a este (22%), a sul (11%), enquanto os painéis orientados a noroeste representam menos de 10% (Luís 2021). Se, em primeira instância, poderíamos ser levados a deduzir que esta diferença de registos entre as vertentes direcionadas a SE e as superfícies orientadas a NW resultaria de uma preferência por parte destas comunidades, uma vez que a presença das gravuras, apenas em uma das vertentes, poderia ser entendida como uma escolha cultural (como é o caso do exemplo dos monumentos megalíticos propositadamente edificadas para nascente, utilizado em artigo sobre este tópico (Aubry *et al.* 2015), parece mais plausível que a distribuição da arte rupestre pelos afloramentos rochosos do Côa provenha de uma disposição que, antes de obedecer a motivos antrópicos, depende principalmente da formação e da preservação do suporte (Luís 2021).

Com efeito, como referenciado, a formação das superfícies de diáclase durante o processo de fracturação da tectónica frágil tardi-hercínica provocou uma estruturação de vertentes orientadas a NW-SE que, por sua vez, desencadeou uma limitação na disponibilidade destas superfícies enquanto suportes gráficos. Porém, o próprio desenvolvimento pós-gravação da rocha acabaria por influenciar em grande medida os registos que atualmente podemos contemplar, na medida em que se pode observar que as vertentes direcionadas a SE dispõem de uma maior exposição solar que as superfícies repartidas a NW. Esta exposição ocasiona uma melhor preservação das superfícies já que estas superfícies estão menos sujeitas a danos originados pela ação da água e menos expostas à colonização vegetal. De facto, esta colonização biológica constitui um dos principais fatores de deterioração destas superfícies dado que a ação dos musgos e dos líquenes sobre a rocha redundam na degradação e fragmentação da superfície. Ora, esta ação biológica é motivada por diversos fatores, que condicionam a preservação destas superfícies, como a orientação das vertentes e a exposição das mesmas à ação dos elementos, como a água das chuvas, a humidade e a exposição solar (Aubry *et al.* 2012, 2015). Nas diversas áreas observadas na região do Côa, percebe-se que, nas vertentes orientadas a NW, as condições de preservação não são as mais adequadas à conservação das gravuras uma vez que uma menor exposição solar e a consequente colonização vegetal degradam as superfícies de diáclase. Por conseguinte, estas condições adversas levam à degradação suportes e das possíveis gravuras que poderiam apresentar.

Assim, as diferentes condicionantes que influenciam o estado de conservação dos afloramentos rochosos limitam o tipo de manifestações observáveis atualmente. O que explica que grafismos de temporalidades mais antigas, porque estiveram sujeitos a uma maior exposição a elementos exteriores, se encontrem apenas nas superfícies que têm melhores condições de preservação, enquanto grafismos mais recentes podem aparecer em diferentes tipos de superfícies por vezes em espaços menos suscetíveis de conservação, como vertentes sombrias e em altitude (Luís 2021). Por exemplo, Luís Luís evoca o caso da Arte Azilense, que tem um tempo de exposição aos elementos 20 vezes superior ao da arte do I milénio a.C., e que, por isso, está menos preservada que a arte sidélica, muito particularmente nas zonas mais úmidas, altas e íngremes (Luís 2021). No entanto, não se pode deixar de colocar a hipótese destas superfícies já se encontrarem degradadas no Paleolítico Superior e, por isso, não terem sido escolhidas pelas comunidades coevas (Santos 2019). De reter é que, independentemente de antes ou depois da gravação, o estado de conservação dos suportes determina a distribuição das gravuras.

O núcleo da Ribeira da Volta caracteriza-se pelo seu contexto geológico particular, sobretudo quando ponderamos o panorama típico do Vale do Côa. Isto porque o núcleo da Ribeira da Volta se situa entre duas formações geológicas, a Formação de Pinhão e a Formação de Rio Pinhão (Figura 38), que apresentam características geológicas distintas. A Formação Pinhão caracteriza-se pelas suas superfícies de diáclase de grande regularidade e homogeneidade, enquanto a Formação Rio Pinhão é constituída por superfícies heterogêneas com abundância de dobras e com deposição de camadas de metagrauwaques e metaquartzovaques que tornam estes painéis pouco adequados como suporte gráfico (Aubry *et al.* 2015). Estas diferenças geológicas, que se manifestam neste núcleo, tornam-se patentes quando observamos as superfícies do afloramento rochoso. Com efeito, podemos dividir as superfícies de diáclase observáveis em dois casos distintos: o primeiro caracteriza-se por painéis uniformes oferecendo uma superfície maioritariamente regular, o segundo é composto por painéis irregulares, ocasionando superfícies de forte textura e diversas dobras. Estas características coincidem com o que seria de esperar de um núcleo localizado entre estes dois tipos de formação diferentes, ou seja, rochas com superfícies de diáclase distintas. Dado que se situa entre duas unidades metassedimentares, este núcleo apresenta-se como uma transição gradual entre tipos diferentes de formação geológica.

Assim, seria mais concebível perceber estas superfícies como um espectro, onde alguns painéis estão mais sujeitos a certas características geológicas do que outros. No entanto, parece-nos relevante mencionar que os painéis que apresentam uma maior homogeneidade evidenciam ocasionalmente alguns aspetos irregulares, como filões de quartzo ou o que parece ser óxido de ferro embutido (Figura 39 e Figura 40). É, pois, possível encontrar uma paisagem de rochas com superfícies que diferem do habitual, como por exemplo a Rocha I, na qual podemos observar tanto alguns painéis com superfícies regulares apesar do filão de quartzo que atravessa a rocha (Figura 39), como alguns painéis onde as superfícies são irregulares e dobradas.

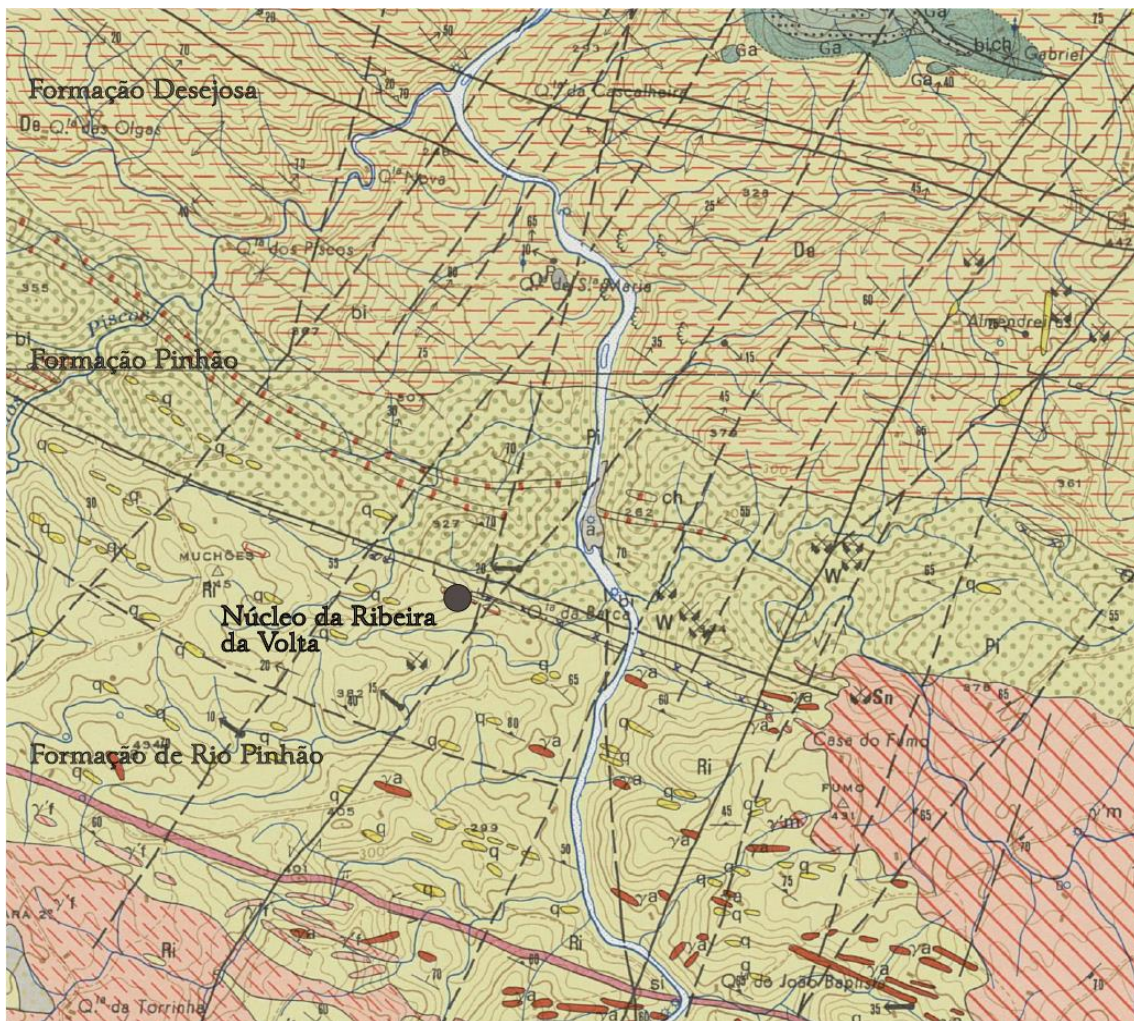


Figura 38- Carta Geológica 15-A Vila Nova de Foz Côa.



Figura 39- Pannel A da Rocha I da Ribeira da Volta.

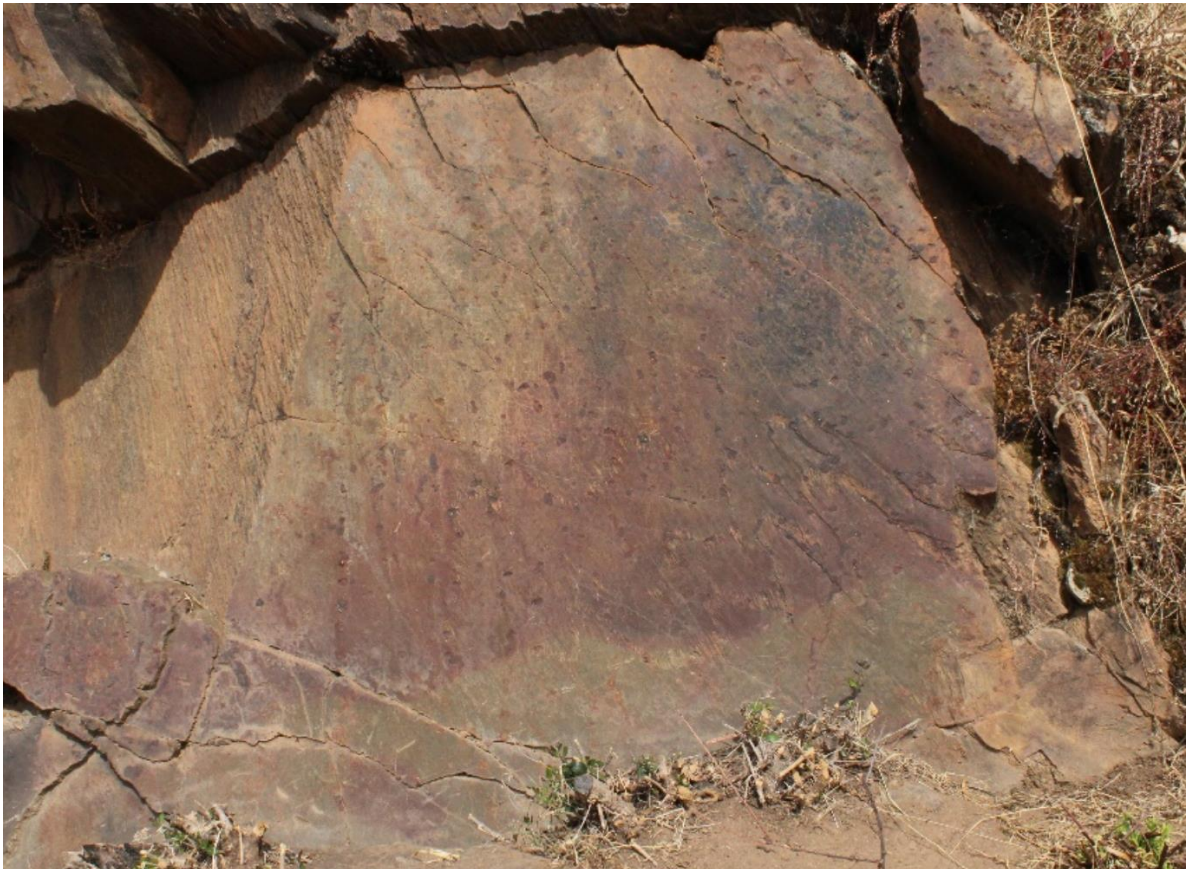


Figura 40- Pannel A da Rocha 3 da Ribeira da Volta.

Assim sendo, no caso da Ribeira da Volta, julgámos necessário documentar as atitudes dos painéis gravados, numa ótica de melhor registar o suporte e o contexto desta forma de arte proto-histórica. Assim, as orientações observadas no núcleo da Ribeira da Volta são respetivamente:

Tabela 1- Registo das atitudes registadas nos painéis da Ribeira da Volta.

Rochas	Atitudes	Rochas	Atitudes
Rocha 1A	N25°/82°SE	Rocha 4	N24°/84°E
Rocha 1B	N50°/94°SE	Rocha 5 A	N28°/89°E
Rocha 1C	N20°/85°E	Rocha 5 B	N26°/82°O
Rocha 1D	N20°/85°E	Rocha 5 C	N28°/89°E
Rocha 2	N14/84E	Rocha 6	N60°/68°NE
Rocha 3A	N20°/85°E	Rocha 7	N26°/83°SE
Rocha 3B	N20°/85°E	Rocha 11	N19°/97°E
Rocha 3C	N48°/78°SE		

As atitudes verificadas nos painéis gravados registados na Ribeira da Volta demonstram, assim como no resto dos sítios arqueológicos com arte rupestre no Côa, um contexto de formação, preservação geológica e disponibilidade de painéis que influencia a distribuição dos grafismos de arte rupestre dentro do próprio núcleo (Luís 2021, Aubry *et al.* 2015). Deste modo, verificamos que uma maioria de registos de planos está direcionada a este e sudeste (87%) e uma minoria residual de painéis está orientada a oeste e nordeste (13%). Estes painéis direcionados a oeste e nordeste representam dois casos particulares no núcleo da Ribeira da Volta: o painel B da Rocha 5 e a Rocha 6 (Tabela 1). De facto, no contexto do primeiro painel (painel B da Rocha 5), constatamos que se produziu um deslocamento de uma parte da rocha que provocou a separação da superfície rochosa em três planos. Por um lado, os painéis A e C, que apresentam a mesma atitude e — prossupomos — representam o estado originário da rocha; por outro, o painel B, que se movimentou e sofreu uma deslocação em relação ao resto da superfície e por isso se encontra com uma inclinação diferente (Figura 41). Assim, este painel gravado, direcionado a oeste, revela o processo de meteorização da rocha após a sua exposição aos elementos naturais, geológicos e /ou temporais. No que tange ao painel que se encontra a nordeste (Rocha 6), podemos observar um caso distinto de

preservação das gravuras. Com efeito, como já referenciado, existem diferentes circunstâncias que permitem a conservação de grafismos rupestres, como por exemplo a sua orientação. Assim, se notamos que a maioria das gravuras na Ribeira da Volta, salvo estas duas exceções, surge nos painéis orientados a SE e E, uma vez que são estas as orientações que possibilitam uma melhor conservação do suporte, observamos também que existe, no entanto, a possibilidade de encontrar grafismos em painéis direcionados a nordeste. No caso da exceção constituída pela Rocha 6, esta resulta principalmente da cronologia relativamente recente da gravação dos motivos. De facto, esta exceção advém da exposição, relativamente recente, destes grafismos às diversas condições geológicas, ambientais e antrópicas. Pensamos assim que, se porventura, as gravuras existentes pertencessem a cronologias mais remotas, por exemplo o Paleolítico Superior, talvez não fosse possível identificar os motivos gravados, uma vez que o tempo de exposição às diversas intempéries seria mais amplo e superior ao das manifestações proto-históricas presentes neste painel. Em suma, pensamos que este constitui o motivo principal pelo qual encontramos, ainda que dificilmente, alguns grafismos gravados no painel nordeste da rocha 6.



Figura 41 - Discrepância entre painéis da rocha 5.

Capítulo 4: Metodologia do projeto

4. Metodologia do projeto

4.1 Métodos de reprodução gráfica e interpretação

A reprodução gráfica é essencial no estudo de arte rupestre, devendo o levantamento utilizado na análise de grafismos caracterizar-se pela cópia rigorosa de grafismos mediante metodologias de registo que se têm desenvolvido e adaptado conforme os progressos tecnológicos (Barbuti *et al.* 2023, Dufayet 2023). Assim a par de uma metodologia mais tradicional, pela qual o nosso trabalho optou, vemos desenvolver-se, nos últimos anos, novas metodologias de reprodução e interpretação nos estudos da arte rupestre. Estas novas metodologias têm-se desenvolvido nomeadamente com o recurso a novas tecnologias de diferentes ramos científicos numa ótica de otimização de recursos e com o objetivo de procurar outros meios interpretativos (Pires *et al.* 2011). Para citar algumas destas metodologias, a fotogrametria, o levantamento 3D e, mais recentemente, o uso da inteligência artificial têm sido objeto de novos estudos, nomeadamente devido à sua eficácia a nível de redução de tempo no trabalho de campo, na reprodução tridimensional dos painéis e na análise e interpretação de motivos (Botica *et al.* 2024, Ballouard *et al.* 2024). Estes novos recursos, ainda em desenvolvimento, pretendem entender e divulgar a arte rupestre de novas formas e questionar o papel do levantamento no estudo da arte rupestre. Este crescente desenvolvimento das tecnologias e das ciências tem gerado ultimamente novas discussões a respeito dos meios de reprodução gráfica. No entanto, estas problemáticas não são novas. De facto, este questionamento tem emergido de forma recorrente em diferentes momentos na História da Arqueologia.

A questão do registo e das metodologias de levantamento das imagens nasceu, no século XIX, quando as primeiras grutas pintadas foram descobertas. Naquele instante, a descoberta destes grafismos, que viriam a movimentar o panorama do mundo pré-histórico, fomentou o desenvolvimento dos métodos de levantamento. Isto porque a divulgação destas imagens se tornou num dos objetivos essenciais para demonstrar a sua existência e veracidade à comunidade científica (Barbuti *et al.* 2023, Dufayet 2023). Ora nestes primeiros instantes, o tópico dos métodos de reprodução permanecia complexo, dado que não existia um consenso quanto à execução do levantamento. Nos diversos métodos empregues denota-se, contudo, o uso do registo gráfico e do registo fotográfico, o primeiro pela sua acessibilidade e o segundo pela sua capacidade de

reprodução. No entanto, na época, o registo fotográfico era um método demasiado oneroso e por isso muito menos utilizado que o registo gráfico. Apenas posteriormente, com o reconhecimento da arte parietal paleolítica, é que a utilização da fotografia como método de registo começou a democratizar-se (Barbuti *et al.* 2023, Dufayet 2023). Esta etapa contribuiu também para o desenvolvimento de diversos métodos de levantamento, dado que embora mais utilizado, o registo fotográfico permanecia um método caro e logo limitado na quantidade de reproduções que o orçamento permitia. Além disso, para alguns, a fotografia deformava os motivos e não permitia captar com rigor os grafismos no seu conjunto, isto porque, na sua grande maioria, as grutas onde figuram estes grafismos constituíam espaços estreitos e recurvados e logo não permitiam o recuo suficiente do aparelho para captar as imagens na sua totalidade (Pigeaud 2007).

Por esta razão, no início do século XX, instaura-se uma busca de novos métodos de reprodução, como a moldagem, o decalque direto e o decalque indireto. Destes, o decalque direto marcou a forma como o levantamento de arte rupestre se manifestou durante esta época. Notavelmente utilizado e popularizado por Henri Breuil, este método refere-se ao levantamento diretamente de grafismos recorrendo a um suporte transparente ou translúcido e destacou-se neste contexto pela precisão de registo (Baptista *et al.* 2013, Pigeaud 2007). De facto, como referem alguns autores, este método era considerado mais rigoroso e compreensível do que a fotografia e menos demorado e abrasivo do que a moldagem e por isso preferencial para o levantamento da arte parietal (Pigeaud 2007, Barbuti *et al.* 2023). Não obstante, o decalque direto possuía as suas imperfeições, pois este método também era prejudicial sobretudo para as superfícies mais vulneráveis, ao danificar ou atenuar algumas das pinturas, e por isso requeria, em certos casos, o auxílio de outros métodos de levantamento como o registo fotográfico ou o desenho à vista (Pigeaud 2007). Por outro lado, é importante mencionar que a problemática da deformação, que era imputada na época à fotografia, ocorria também nos levantamentos a partir do decalque direto (Pigeaud 2007, Baptista *et al.* 2013, Barbuti *et al.* 2023). Com efeito, se o uso do decalque direto é conveniente na reprodução de grafismos de pequena e média dimensão e de topografia plana, quando aplicado em áreas maiores e de morfologia irregular, pode levar, muitas vezes, a uma deformação da perspetiva. Isto porque esta metodologia assenta no levantamento de uma superfície tridimensional, a partir de um suporte bidimensional (Pires *et al.* 2011, Aujoulat 1987, Baptista *et al.* 2013), ou seja, ao aplicar o decalque sobre a rocha, os

levantamentos são realizados tendo em conta o volume do suporte. Ora, a reprodução desse volume leva, no caso de superfícies curvas e côncavas, a uma deformação de perspectiva. A tomada de consciência destes defeitos e o anseio de aperfeiçoar esta técnica conduziu o seu grande defensor, Henri Breuil, a desenvolver a sua metodologia de trabalho. Assim, Henri Breuil decidiu aplicar um princípio de triangulação e integrar o uso, em superfícies maiores, de diversos decalques parciais, no intuito de restringir, ou travar quanto possível, a deformação da perspectiva. Esta técnica permitia a projeção das imagens que se encontravam dentro de grutas (em superfícies curvas) para um suporte de papel, de forma plana, que respeitava as proporções corretas e corrigia a deformação de perspectiva que o decalque direto poderia ocasionar (Pigeaud 2007, Barbuti *et al.* 2023). O método utilizado por Breuil permitia um maior rigor e exatidão. No entanto Breuil procurava sobretudo analisar as figuras, e dessa maneira priorizava a estética da representação, pelo que removia do levantamento certos traços, símbolos e particularmente marcas do suporte, entendidas como desnecessárias (Robert 2007, Pigeaud 2007). Assim, no início do estudo desta arte, a pertinência do papel desempenhado pelo suporte, ainda que reconhecido, era muitas vezes negligenciado, o que fez com que o suporte material do painel rochoso não figure nos levantamentos feitos. Ora, sabemos que as próprias formas existentes nas paredes das cavernas estão muitas vezes relacionadas com os motivos presentes, como se pode ver na utilização de bossas, contornos e concavidades que são muito comuns e observáveis em diversos exemplos de arte paleolítica.

Apenas posteriormente, a partir de 1950, é que a importância do suporte para interpretação da arte seria requestionada e apontada nos levantamentos (Fuentes *et al.* 2019, Barbuti *et al.* 2023). A valorização do suporte será, por conseguinte, acentuada e esta postura traduz-se nomeadamente na adoção de novas metodologias que priorizam a conservação e a preservação das superfícies, particularmente o decalque indireto. Este método, incrementado nomeadamente por Michel Lorblanchet, permite um registo dos grafismos sem entrar em contacto direto com as superfícies, recorrendo a diversos meios como a utilização de estruturas de suporte colocadas por cima do afloramento rochoso. Este método posicionou-se como uma nova forma de reprodução gráfica que procurava dialogar com o contexto no qual esta arte se insere (Barbuti *et al.* 2023, Fuentes *et al.* 2019, Dufayet 2023). No entanto, a distância que este método requer para proteger as superfícies e o facto de nesta metodologia se registarem os grafismos num

suporte plano posicionado de forma ortogonal relativamente à parede, conduz forçosamente a uma deformação da projeção (Aujoulat 1987, Barbuti et al. 2023). Ciente das dificuldades encontradas quanto à cópia destas formas de arte, Norbert Aujoulat expõe esta problemática num trabalho no qual pondera as diversas deformações que os métodos de reprodução, como o decalque direto, o decalque indireto e a fotografia sofrem. Isto porque, segundo o autor, a reprodução gráfica da arte parietal deveria traduzir a forma como o nosso olhar observa estas cavidades e reproduzir essa interpretação de forma material, ou seja, conforme a uma projeção cónica e não plana (Aujoulat 1987).

No entanto, estes métodos de reprodução destinados ao registo da arte em ambiente cavernário diferem das metodologias empregues no levantamento da arte rupestre, particularmente no contexto do Côa. Pois, como referenciado, esta associa-se a locais determinados por superfícies curvas e côncavas — aliás esta associação é observada nos próprios grafismos que utilizam estes volumes de forma vantajosa. Ora na arte rupestre existente no contexto do Côa, as gravuras estão assentes em superfícies rochosas verticais e maioritariamente planas, uma diferença que se reflete na aplicação de métodos de reprodução gráfica. Assim, contrariamente às grandes adversidades encontradas com os métodos de replicação que constituíam a reprodução dos volumes observáveis na arte cavernária, a problemática de levantamento nos painéis observáveis do Côa é outra. Assim sendo, no panorama da arte rupestre do Côa, o método mais recorrente na realização de levantamentos é o decalque direto, isto porque, primeiro, se trata de um método que, quando realizado de forma correta, não danifica nem a superfície rochosa, nem as gravuras presentes, segundo, porque esta metodologia reproduz corretamente as gravuras presentes nos painéis verticais sem provocar a deformação que se observava nos levantamentos dos motivos da arte parietal e terceiro pois, até ao momento, esta técnica de reprodução gráfica é a que apresenta resultados mais satisfatórios, com um melhor nível de detalhe dos traços gravados, comparativamente com as experiências realizadas com, por exemplo, fotogrametria ou RTI (*Reflectance Transformation Imaging*) (Luís et al. 2024). Foi essencialmente por estas razões que se elegeu a metodologia do decalque direto no levantamento desde os primórdios da investigação das gravuras rupestres do Vale do Côa.

4.2 Metodologia adotada na Ribeira da Volta

A técnica de reprodução gráfica utilizada no trabalho de campo feito na Ribeira da Volta baseou-se, assim como os restantes levantamentos elaborados no Côa, no decalque direto das gravuras. Assim, foi realizado, pelos diversos membros da equipa⁹, um registo noturno recorrendo a uma projeção controlada de luz artificial sobre a superfície rochosa. A rocha foi coberta com uma película de polivinilo fixada cuidadosamente sobre o suporte, de forma a não danificar os motivos e o seu suporte e em seguida foram desenhadas as incisões gravadas, o limite e o microrrelevo do suporte. Este processo decorre num ambiente luminoso controlado e é continuamente verificado e confirmado pelos diversos investigadores envolvidos, de forma a obter um desenho fiel (Baptista *et al.* 2013). Para mais, durante o decalque direto são utilizadas canetas de acetato de diferentes diâmetros e cores, de forma a criar um desenho detalhado com o máximo de informações. Essas informações permitem uma melhor leitura e compreensão do decalque final, uma vez que, no caso da Ribeira da Volta, alguns painéis estão densamente gravados. Deste modo, ao longo do trabalho realizado foi necessário realçar o desenho com diferentes cores, principalmente em situações de sobreposição de motivos gravados, onde o decalque era mais complexo e carregado (Figura 42).

Este trabalho rigoroso, por vezes demorado, tem como objetivo criar um registo fiel não só para conservação e interpretação dos grafismos como também para a divulgação e investigação dos motivos observados. À vistadisso, este trabalho exigente e prolongado (Tabela 2, Tabela 3) torna-se essencial para uma melhor análise e uma interpretação elaborada dos grafismos. Com esse intuito foi igualmente realizado, *a posteriori*, o registo fotográfico diurno e noturno dos painéis das rochas e dos motivos principais, com recurso a luzes rasantes, assim como o registo fotogramétrico das representações tridimensionais como o painel horizontal da rocha 2 e a placa gravada encontrada à superfície durante o trabalho de campo (Figura 65, Figura 66, Figura 43, Figura 44). O registo do painel horizontal da rocha 2 da Ribeira da Volta, em específico, baseou-se na documentação detalhada do conjunto de grafismos identificados.

⁹ Equipa composta de Eleonor Cadete, Luís Luís, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre e Aleksandra Olbryś.

Consequentemente, além do decalque direto das gravuras, mediu-se os perfis de cada covinha e efetuou-se a fotogrametria geral do painel. As mensurações permitiram registar as vistas laterais e frontais de cada covinha, enquanto o registo fotogramétrico permitiu apresentar estas gravuras no seu contexto espacial.

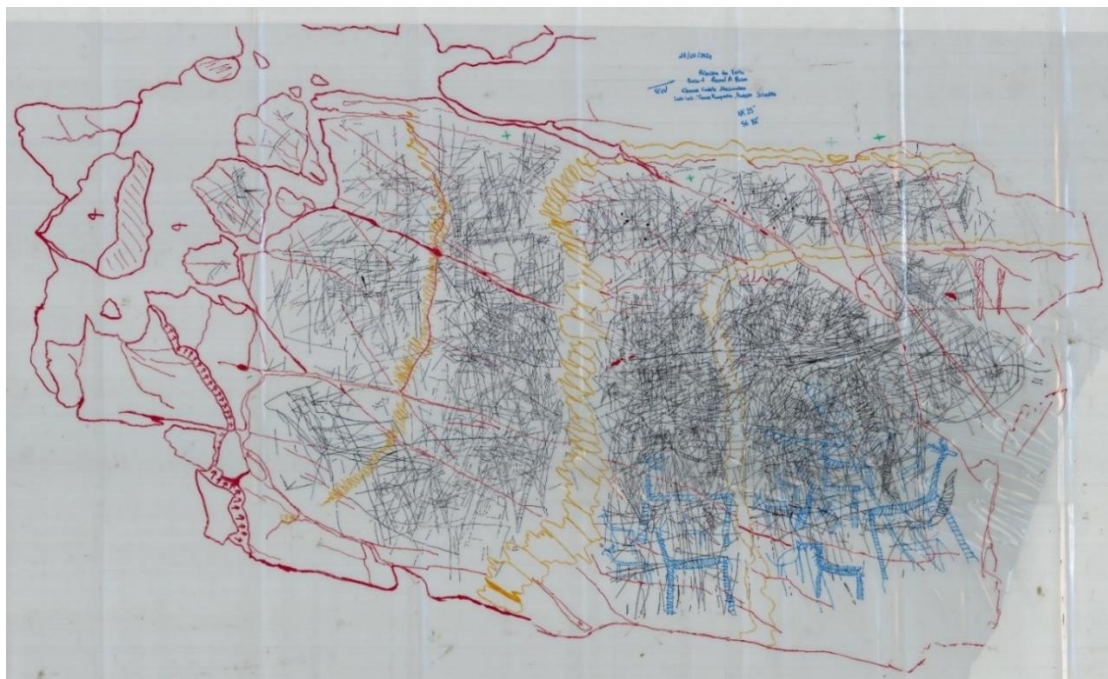


Figura 42- Decalque parcial do painel A da rocha I da Ribeira da Volta.

Posto isto, os dados recolhidos aquando do levantamento gráfico em campo são analisados e interpretados. Com efeito, após o levantamento em campo dos painéis é necessário iniciar um trabalho de gabinete, onde os dados serão informatizados. Esta etapa começa pela digitalização dos decalques num scanner e pela sua montagem num *software* de edição de imagens *raster*. Isto porque, por vezes, foi necessário dividir o decalque de um painel em diversos recortes para melhor acomodar as características da rocha e evitar as grandes deformações inerentes ao decalque de grandes superfícies com apenas uma peça de plástico. Em seguida, dá-se início à vectorização das gravuras, utilizando um *software* de desenho vetorial, e à criação de uma versão digital do decalque que permite melhor isolar e divulgar os grafismos do núcleo. De facto, durante este processo cada figura é isolada e inventariada. Neste inventário, segue-se a proposta de Gomes (2010), também adotada por Santos (2019) no estudo da arte paleolítica do Côa. Assim, a cada figura é atribuído um acrónimo que identifica o sítio (neste caso,

RVL), a que se segue um número identificativo da rocha e um segundo, separado do primeiro por “-” que identifica o número do motivo no painel. RVL01-100 corresponderá, assim, ao motivo 100 da rocha I da Ribeira da Volta. Este processamento de dados, permite a documentação e análise destas gravuras¹⁰ (Tabela 4), a fim de, não só aumentar o número de registos completos nesta região e melhor documentar a arte sidérica, como também fornecer um ponto de estudo para uma análise estilística que conduza a uma melhor contextualização destes grafismos e deste modo contribuir para uma melhor compreensão da arte rupestre da Idade do Ferro nesta região.

Tabela 2- Registo diário dos decalques elaborados na Ribeira da Volta.

Rochas	Dias	Horas	Pessoas
Rocha I	10	32:30	2
Rocha 2	2	06:30	1
Rocha 3	10	32:30	2
Rocha 4	1	03:15	1
Rocha 5	2	06:30	2
Rocha 6	1	03:15	2
Rocha 7	1	03:15	2
Rocha II	0.5	01:37	1
Total		89:22	

¹⁰ Para tal foi igualmente efetuado a contabilização aproximada dos grafismos de cada rocha da Ribeira da Volta.

Tabela 3- Registo diário da vectorização dos decalques da Ribeira da Volta.

Rochas	Horas
Rocha 1	38:00
Rocha 2	20:00
Rocha 3	82:00
Rocha 4	04:00
Rocha 5	12:00
Rocha 6	04:00
Rocha 7	06:00
Rocha 11	02:00
Total	168:00



Figura 43- Fragmento rochoso gravado (Registo fotogramétrico de Tania Mosquera Castro).



Figura 44- Fragmento rochoso gravado (Registo fotogramétrico de Tania Mosquera Castro).

Tabela 4- Contabilização dos grafismos identificados no núcleo da Ribeira da Volta.

Rocha	Zoomorfos	Antropomorfos	Armas	Geométricos	Covinhas	Inscrição	Incisões n. caracterizadas
Rocha 1	77	—	—	24	—	—	9390
Rocha 2	1	—	—	—	6	—	502
Rocha 3	19	1	51	13	—	—	23
Rocha 4	—	—	—	—	—	—	1200
Rocha 5	2	—	—	2	—	1	10360
Rocha 6	4	—	—	—	—	—	80
Rocha 7	2	—	—	—	—	—	600
Rocha II	—	—	—	—	—	—	90

Capítulo 5:
Caracterização da
Ribeira da Volta

5.1 Rocha I

Descrição do dispositivo gráfico

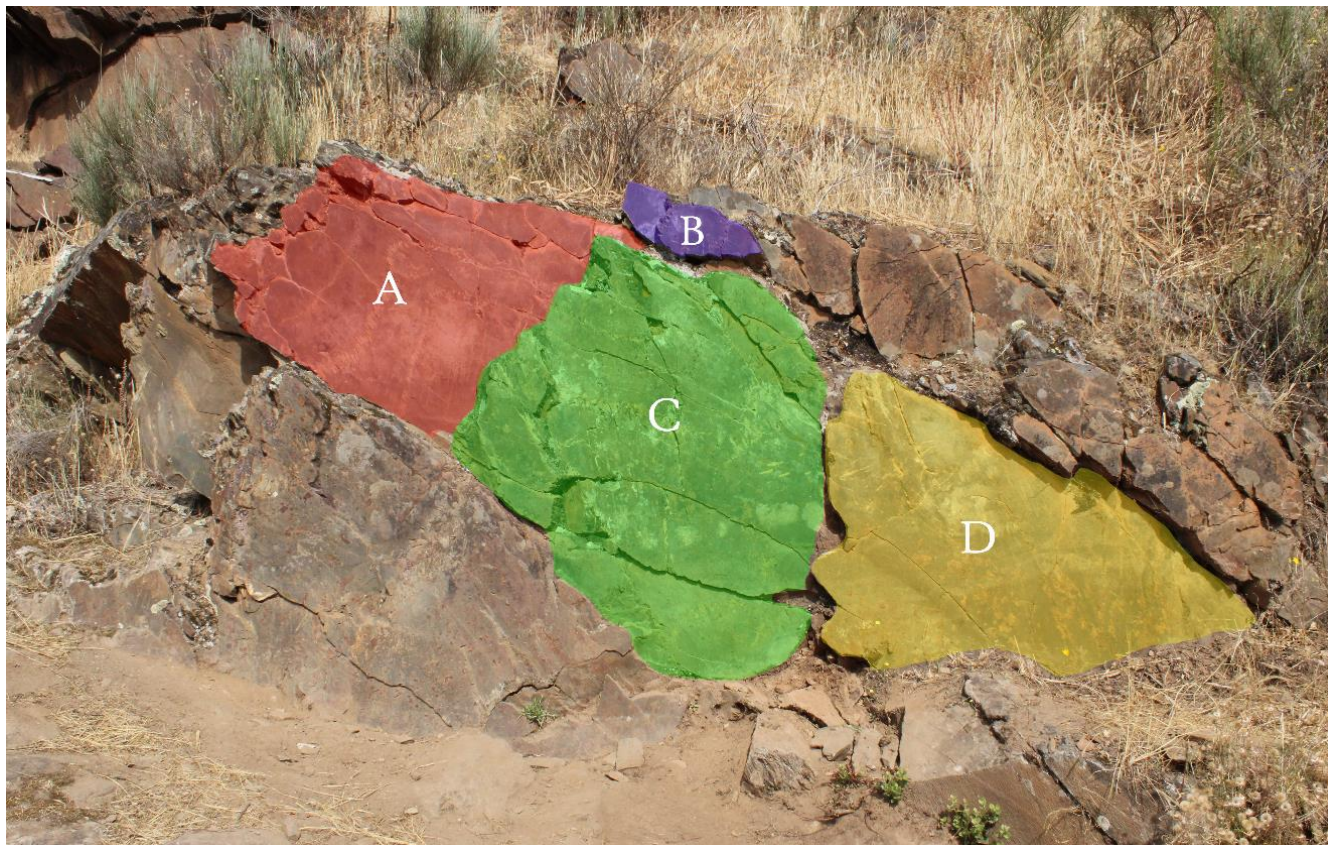


Figura 45- Divisão dos painéis da rocha I (painel A, B, C e D).

A rocha I (Figura 45, Figura 46) da Ribeira da Volta caracteriza-se pelo seu conjunto de painéis densamente gravados (Figura 47). Estes painéis, repartidos, durante o levantamento, em quatro secções (painel A, B, C e D), destacam-se pelas inúmeras representações idiossincráticas do núcleo da Ribeira da Volta.



Figura 46- Decalque da rocha I da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luis Luis, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbrys (22/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

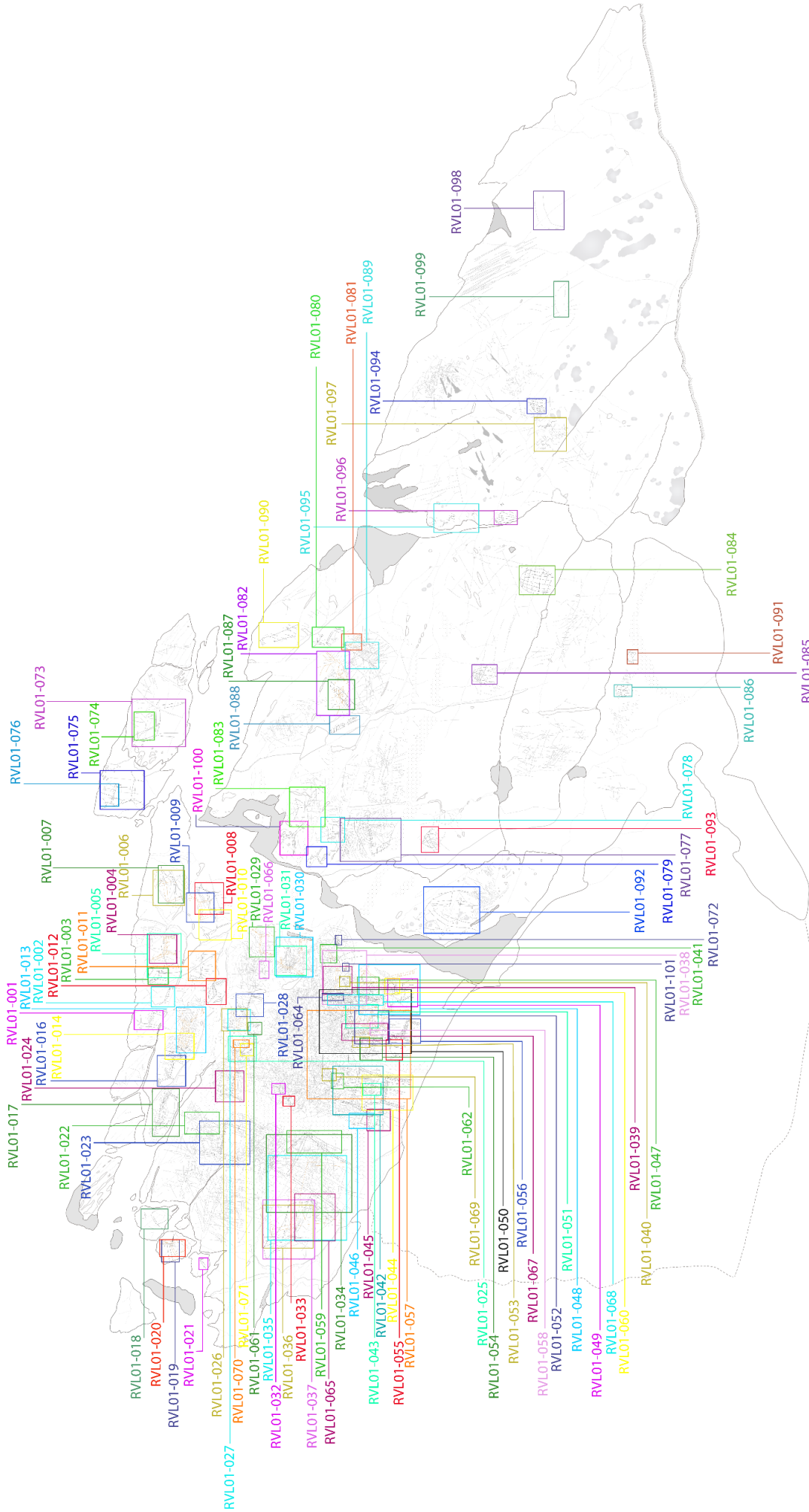


Figura 47- Mapeamento dos motivos da rocha I da Ribeira da Volta.

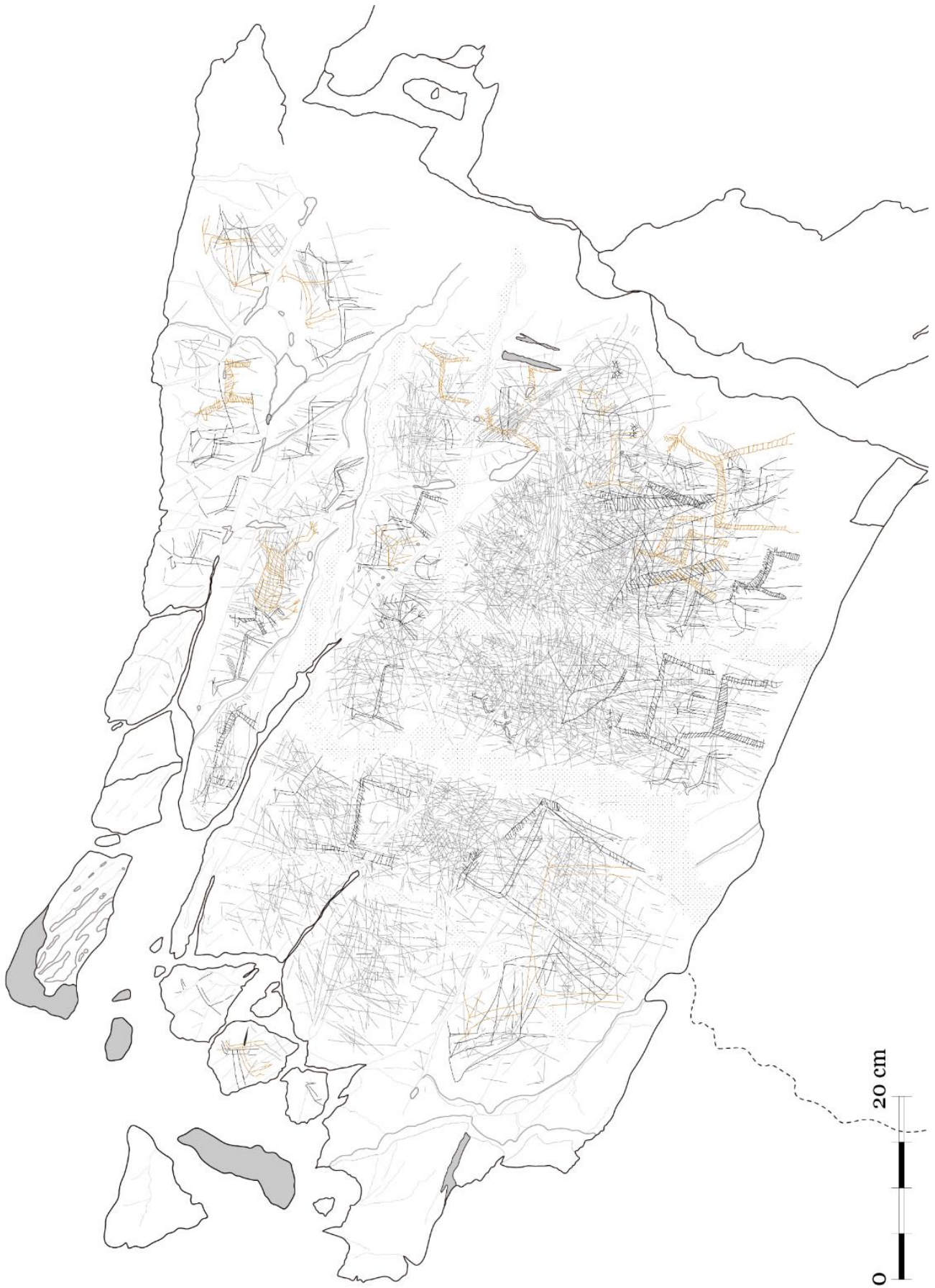


Figura 48- Decalque do painel A da rocha I (Decalque Direto- Eleonor Cadete, Luís Luís, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbryś (21/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

O painel A (Figura 48), que se encontra na extremidade esquerda da rocha, corresponde a um dos painéis mais densos e complexos do núcleo da Ribeira da Volta. Este painel, parcialmente danificado no centro da superfície¹¹ (Figura 49), encontra-se recoberto de grafismos, onde predominam as representações zoomórficas, em particular de cervídeos que, associados a um importante número de traços indeterminados, preenchem o suporte rochoso na sua totalidade.

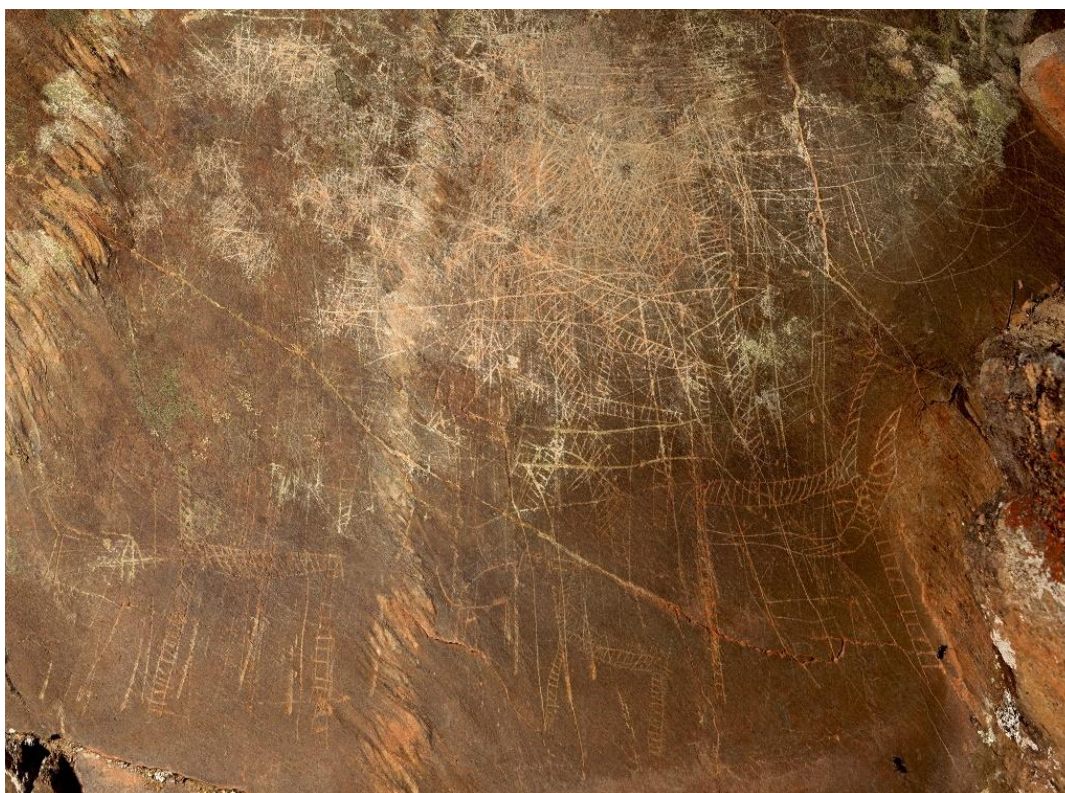


Figura 49- Registo fotográfico de Mário Reis - Colonização vegetal do painel A (Plataforma Online Fundação Côa Parque, s.d).

Estes cinquenta e nove motivos zoomórficos possuem uma tipologia semelhante. Aparecem figurados em perfil absoluto, com a exceção das hastes ou orelhas; o corpo, membros¹² e pescoço são retangulares formados a partir de incisões simples paralelas,

¹¹ No decorrer do levantamento desta rocha, em particular, constatámos que algumas das superfícies rochosas se encontravam recobertas de líquenes. A ação abrasiva desta colonização vegetal danificou parcialmente as gravuras presentes, o que dificultou a leitura e o levantamento dos diversos grafismos desta rocha, especialmente nas zonas mais densas e complexas de identificação.

¹² A definição dos membros deste tipo de representação baseou-se na tipologia do restante conjunto de cervídeos decorados (ex. RVL01-004). Esses cervídeos têm os membros igualmente definidos por um par de incisões paralelas que no entanto se encontram preenchidas de reticulados. Assim as quatro incisões que à partida podiam definir os quatro membros do animal, determinam apenas a pata traseira e dianteira.

por vezes preenchidas de linhas oblíquas paralelas (ex. RVL01-029, RVL01-048) e apresentam uma cauda curta linear. Este tipo de representação repete um tipo de esquema gráfico identificado em diversas figuras do núcleo da Ribeira da Volta e do qual nos referimos posteriormente nas considerações finais (Figura 50).



Figura 50- Registo fotográfico do motivo RVL01-047 (Autor:Tania Mosquera Castro).

Destacamos assim, o motivo RVL01-006, uma representação de um cervídeo, mais precisamente uma cerva ou corça, que se apresenta segundo o esquema habitual de composição dos motivos de cervídeos observados na rocha I — um corpo retangular, patas compridas com as extremidades aberta, cabeça triangular com orelhas e cauda comprida — à exceção da orientação da cabeça, que se encontra em oposição à direção do corpo (corpo voltado para a direita do observador e cabeça direcionado para a esquerda), como se tivesse a olhar para trás (Figura 51).

Da mesma forma, realçamos o motivo RVL01-011, uma representação de um zoomorfo com os membros compridos, o corpo e pescoço contínuos, aos quais se associa a figuração de uma cauda curta e principalmente de uma cabeça pequena triangular com um par de chifres ou hastes. Estas características permitem-nos aferir que se trata da representação de um caprídeo ou de um cervídeo, neste caso um vareto (Figura 52).

Semelhantemente, sobressai nesta agregação de gravuras um motivo zoomorfo pouco usual (RVL01-013). Este motivo (Figura 53), semelhante a outras manifestações (RVL01-082, RVL03-038, RVL03-039) identificadas no painel C da Rocha I (Figura 57) e no painel B da Rocha 3 (

Figura 73), define-se pelo seu corpo globular preenchido com reticulados, pelo tamanho reduzido da cabeça mas também pelos seus membros atípicos que aparecem como longos, com articulações e semelhantes a patas de galinha.

Neste painel verifica-se igualmente a presença de dois motivos de grande tamanho, especialmente comparando com as restantes representações. Ambos os motivos RVL01-050 e RVL01-057 retratam cervídeos com um corpo retangular, patas compridas abertas nas extremidades, cauda curta linear e cabeça triangular com hastes ou orelhas. Neste caso, o motivo RVL01-050 dispõe de um notável par de hastes ramificadas, enquanto a gravura RVL01-057 conta com um par de hastes ou orelhas lineares que contrastam com o motivo anterior. Para mais estas duas figuras encontram-se em oposição uma da outra, uma vez que a primeira figura está voltada para a direita do observador enquanto a segunda aparece direcionada para a esquerda.



Figura 51- Registo fotográfico do motivo RVL01-006 (Autor:Tania Mosquera Castro).



Figura 52- Registo fotográfico do motivo RVL01-011 (Autor:Tania Mosquera Castro).



Figura 53- Registo fotográfico do motivo RVL01-013 (Autor:Tania Mosquera Castro).

Do mesmo modo, foi identificada, na parte inferior direita do painel, uma representação zoomórfica diferente das restantes (RVL01-055). Este motivo peculiar apresenta um corpo redondo pautado de incisões, possivelmente os membros dianteiros e traseiros, assim como uma incisão direcionada de forma ascendente na traseira do corpo, o que pode representar uma cauda (Figura 54). Perante as pequenas incisões perto do ‘focinho’ desta figura, que parecem assemelhar-se a bigodes, e a falta de pescoço, surgiu a sugestão deste motivo representar um carnívoro, em particular um felino, o que a verificar-se, constitui um tipo de representação incomum no panorama do Vale do Côa.

Referimos também a figura RVL01-056, que representa um zoomorfo com o corpo, patas e pescoço retangulares, preenchidos de linhas oblíquas paralelas, uma cabeça retangular e mais particularmente o contorno — mais precisamente a linha dorsal, o pescoço, a cabeça e a pata traseira — também repletos de linhas paralelas (Figura 54).



Figura 54- Registo fotográfico dos motivos RVL01-055 e RVL01-056 (Autor:Tania Mosquera Castro).

Por fim, identificou-se um conjunto de motivos diversos no painel A. Destes destacamos, no canto inferior direito do painel, um grupo de quatro motivos fora do comum no panorama do Côa. Estes elementos (RVL01-72, RVL01-101), justapostos a

elementos zoomórficos e a diversas incisões indeterminadas, destacam-se pela sua forma circular rodeada de pequenas incisões, que fazem lembrar uma figura 'solar'.

Ademais foram observados cinco motivos escalariformes (RVL01-62, RVL01-63, RVL01-64, RVL01-67, RVL01-68) principalmente no canto inferior direito do painel. Acima destes motivos figuram um conjunto de incisões que formam diversos símbolos indeterminados, o motivo RVL01-070 que se assemelha a uma seta ou a uma haste ramificada e o motivo RVL01-071 que lembra o detalhe das patas do motivo RVL01-013 que parecem patas de galinha.

O painel A da rocha I da Ribeira da Volta representa um dos painéis mais complexos e difíceis de analisar. Com efeito, este painel parcialmente degradado pela ação da colonização vegetal e densamente gravado, contempla também um grande número de grafismos atípicos, especialmente no contexto em que foram identificados (Idade do Ferro).

O painel B (Figura 55) caracteriza-se pela sua pequena superfície gravada localizada no topo da rocha I. Este painel patenteia quatro motivos zoomorfos de traço inciso, que aparentam ser cervídeos. Estes motivos (RVL01-073, RVL01-074, RVL01-075, RVL01-076) assemelham-se aos motivos representados no painel A e C, isto é, um corpo retangular em perfil absoluto, com a exceção das hastes ou orelhas, membros compridos compostos de incisões paralelas, geralmente abertas nas extremidades e caudas curtas lineares. Neste painel, são também observadas algumas incisões simples que foram interpretadas como indeterminadas.



Figura 55- Decalque do painel B da rocha I (Decalque Direto- Eleonor Cadete, Luis Luis, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbrys (7/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

O painel C (Figura 56) que assenta no centro do suporte rochoso da rocha I, abaixo do painel B, apresenta diversos grafismos ao longo da sua superfície. Assim, evidenciam-se diversas gravuras, das quais sete figuras de zoomorfos (RVL01-077, RVL01-078, RVL01-079, RVL01-080, RVL01-081, RVL01-083, RVL01-100) que continuam o estilo gráfico referido nos outros dois painéis desta rocha (painel A e B) — um corpo retangular, ocasionalmente decorado, em perfil absoluto, exceto as hastes ou orelhas, cauda curta linear e membros longos — mas ainda um motivo zoomorfo atípico de forma globular, com o corpo preenchido de reticulados e um par de hastes ramificadas (RVL01-082) (Figura 57), semelhante à figura RVL01-013 do painel A (Figura 53). Além disso evidencia-se também um zoomorfo (RVL01-089) com uma tipologia diferente das restantes, na qual a figura é representada apenas com quatro incisões, uma linha dorsal e peitoral que formam o corpo e uma linha frontal e mandibular que constituem a cabeça. Neste painel, figura também um aglomerado de motivos geométricos, nomeadamente seis reticulados (RVL01-084, RVL01-085, RVL01-086, RVL01-091, RVL01-092, RVL01-093) assim como três motivos escalariformes (RVL01-087, RVL01-088, RVL01-090) que se sobrepõem a diversas incisões indeterminadas.



Figura 56- Decalque do painel C da rocha I (Decalque Direto- Eleonor Cadete, Luis Luis, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbryś (22/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).



Figura 57- Registo fotográfico do motivo RVL01-082 (Autor:Tania Mosquera Castro).

O painel D (Figura 58) constitui um dos painéis menos gravados desta rocha. Este painel, localizado na extremidade direita da rocha, possui exclusivamente um conjunto de motivos geométricos associados a traços de carácter indeterminado. Nestes motivos, concentrados maioritariamente na área superior do painel, figuram dois reticulados (RVL01-094, RVL01-096), dois naviformes (RVL01-098, RVL01-099) e um conjunto de ziguezagues (RVL01-095, RVL01-097).



Figura 58- Decalque do painel D da rocha I (Decalque Direto- Eleonor Cadete, Luís Luís, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbryś (9/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

Descrição dos motivos



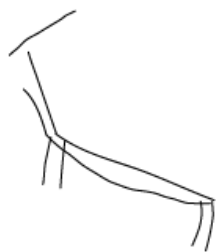
RVL01-001

RVL01-001

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, na esquerda do motivo RVL01-002.

Descrição: Cervídeo voltado para o lado esquerdo do observador. Este zoomorfo apresenta-se em perfil absoluto, com a exceção das hastes. Dispõe de um corpo retangular e estreito, duas patas compridas, abertas nas extremidades e um pescoço retangular comprido, perpendicular ao corpo, seguido da cabeça retangular da figura.



RVL01-002

RVL01-002

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, entre os motivos RVL01-001 e RVL01-003.

Descrição: Cervídeo voltado para o lado esquerdo do observador. Este motivo apresenta-se segundo a mesma tipologia dos restantes cervídeos do painel A — um corpo

retangular em perfil absoluto formado de incisões paralelas, um par de patas curtas e retangulares e um pescoço longo. A cabeça deste cervídeo aparenta estar ausente, à exceção da figuração de uma haste no cimo da figura.



RVL01-003

RVL01-003

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, entre os motivos RVL01-002 e RVL01-005.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente cervídeo ou equídeo, voltado para o lado esquerdo do observador. Corpo retangular em perfil absoluto composto de um par de patas retas, um longo pescoço seguido de uma cabeça triangular e de uma incisão que pode formar a haste ou a orelha do zoomorfo. Esta figura apresenta uma cauda relativamente comprida comparativamente ao resto do corpo, dificultando a caracterização da espécie animal, no entanto tendo em conta o conjunto de motivos retratado no painel A da Rocha 1, julgamos observar um cervídeo.



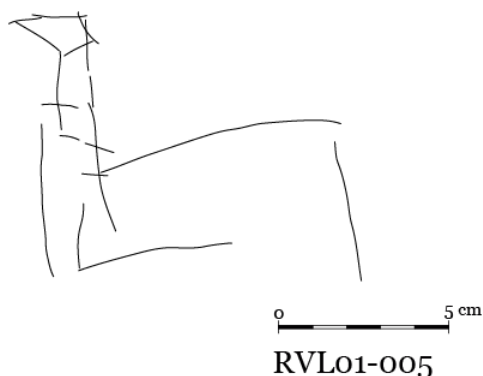
RVL01-004

RVL01-004

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, sobreposto ao motivo RVL01-005.

Descrição: Cervídeo voltado para o lado esquerdo do observador. Semelhante aos motivos adjacentes, esta figura tem um corpo retangular formado de incisões paralelas que definem as patas, o longo pescoço, o dorso e ventre do animal. No cimo da cabeça retangular existem duas hastes ou orelhas simples. Esta figura apresenta-se completamente decorada de incisões retilíneas à exceção da cabeça.

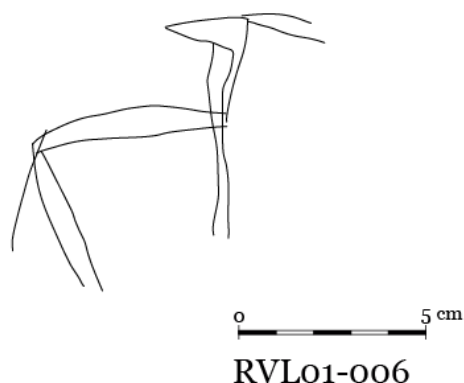


RVL01-005

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, sobreposto ao motivo RVL01-004.

Descrição: Zoomorfo voltado para o lado esquerdo do observador. O corpo desta figura encontra-se parcialmente incompleto. Destacamos apenas um membro traseiro, uma linha dorsal, uma linha ventral incompleta e um pescoço irregular seguido de uma cabeça triangular ausente de hastes. O pescoço desta figura apresenta algumas incisões horizontais, possivelmente um início de decoração interna, também visível em outros motivos deste painel.

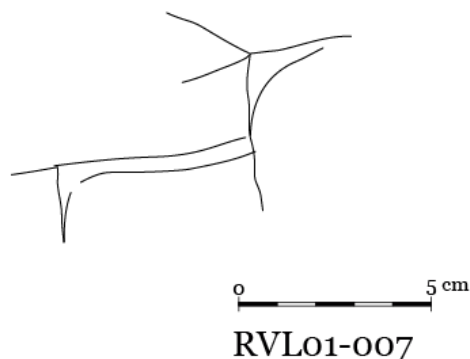


RVL01-006

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, sobreposto ao motivo RVL01-007.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente cervídeo, com o corpo voltado para o lado direito do observador e com a cabeça orientada para a direita. Esta figura apresenta um corpo retangular em perfil absoluto definido por incisões paralelas, duas patas compridas e retilíneas, uma cauda comprida e um longo pescoço reto seguido de uma cabeça triangular com um par de hastes simples.



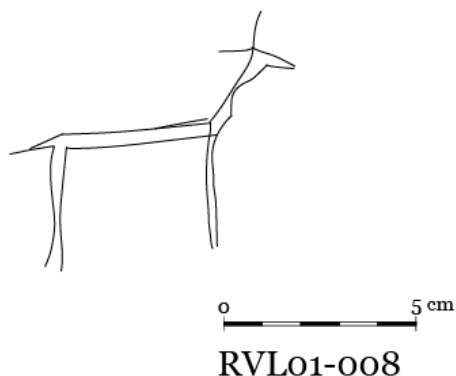
RVL01-007

Rocha: R1 Painel A

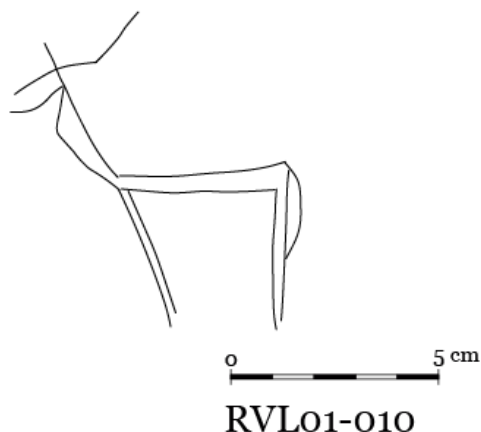
Posição: Topo do painel, sobreposto ao motivo RVL01-006.

Descrição: Cervídeo com o corpo voltado para a direita. Corpo fino e retangular em perfil absoluto, uma cauda e duas patas curtas — a pata traseira formada por duas incisões que se unem e a dianteira com apenas uma incisão. O pescoço e a cabeça triangular desta figura confundem-se, contrastando com o resto dos motivos deste

painel que têm um pescoço comprido. A cabeça possui um par de hastes lineares.



comprido seguido de uma cabeça triangular e um par de orelhas lineares.



RVL01-008

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, abaixo do motivo RVL01-009 e à direita de RVL01-010.

Descrição: Cervídeo voltado para o lado direito do observador.

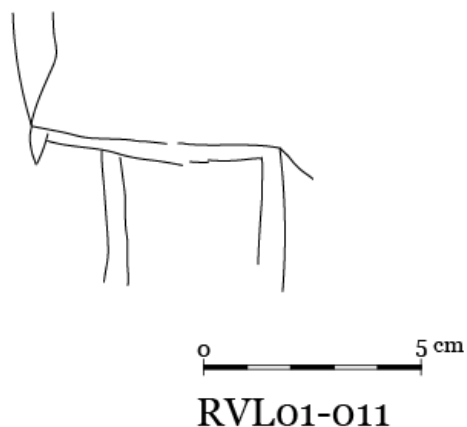
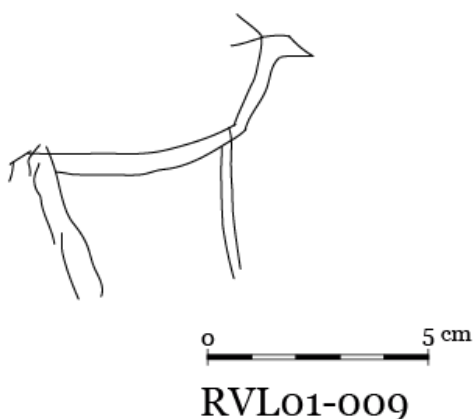
Corpo retangular estreito, duas patas longas e retas, cauda curta, pescoço comprido e irregular, cabeça triangular seguida de duas hastes ou orelhas lineares.

RVL01-010

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, abaixo do motivo RVL01-009 e à esquerda de RVL01-008.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente cervídeo, com o corpo voltado para a esquerda do observador. Corpo retangular em perfil absoluto, patas retas e compridas, abertas nas extremidades, com uma cauda comprida, pescoço longo e cabeça incompleta com um par de hastes lineares.



RVL01-009

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, acima dos motivos RVL01-008 e RVL01-010.

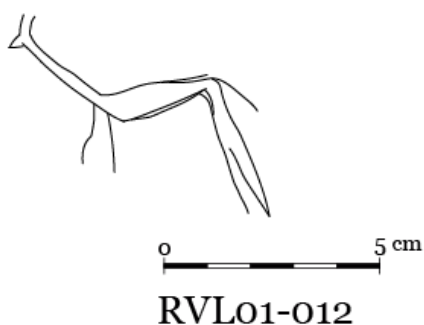
Descrição: Cervídeo voltado para o lado direito do observador. Corpo e membros retangulares longos, cauda curta, pescoço

RVL01-011

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, à direita de RVL01-012.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente caprídeo ou cervídeo (vareto), direcionado para a esquerda do observador. Corpo e membro retangulares, cauda curta, pescoço retilíneo no seguimento do corpo, cabeça triangular seguida de um par de hastes lineares grandes, semelhantes às de um caprídeo.

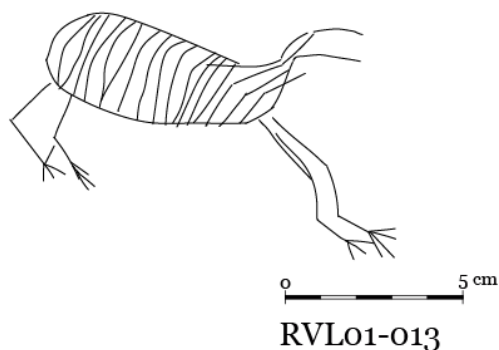


RVL01-012

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, à esquerda de RVL01-011.

Descrição: Cervídeo, voltado para a esquerda do observador. Corpo retangular em perfil absoluto, pescoço comprido seguido de uma pequena cabeça triangular e duas incisões que se assemelham a orelhas. Um par de pernas retilíneas e uma cauda curta.

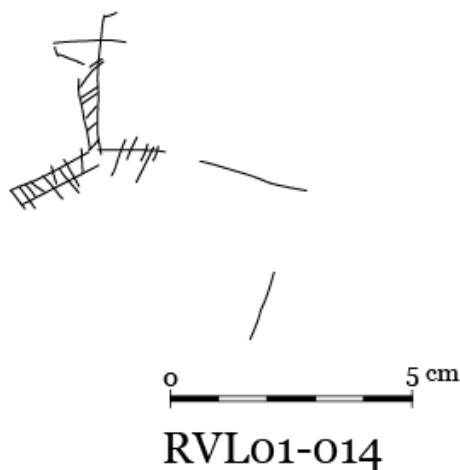


RVL01-013

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, à esquerda de RVL01-012 e sobreposto a RVL01-014 e RVL01-015.

Descrição: Zoomorfo, com o corpo direcionado para a direita do observador. Corpo globular preenchido de incisões oblíquas paralelas. Patas compridas e angulosas, com pequenas incisões nas extremidades, semelhantes a patas de galinhas. Pescoço e cabeça redondos confundem-se.

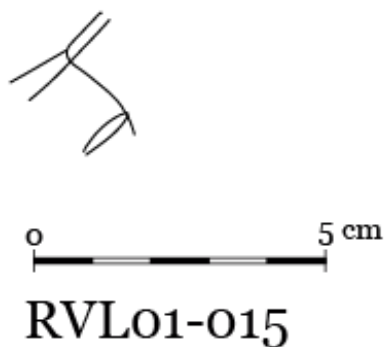


RVL01-014

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, sobreposto a RVL01-013 e RVL01-015.

Descrição: Cervídeo com o corpo direcionado para a esquerda do observador. Corpo incompleto, mas no seguimento dos restantes motivos da mesma tipologia. Corpo reto, semidecorado de incisões oblíquas paralelas. Observa-se a linha dorsal e uma incisão pertencente a pata traseira, assim como a pata dianteira completa da figura. Pescoço longo decorado seguido da cabeça triangular e duas incisões que fazem as orelhas.

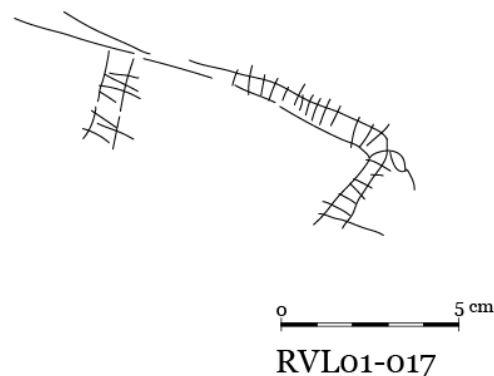


RVL01-015

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, sobreposto a RVL01-013 e RVL01-014.

Descrição: Zoomorfo direcionado para a esquerda do observador de forma oblíqua. O corpo delimitado por apenas a linha dorsal, duas patas retilíneas, abertas nas extremidades. As patas dianteiras seguem o seguimento do pescoço da figura. Ausência de cabeça ou de cauda curta.

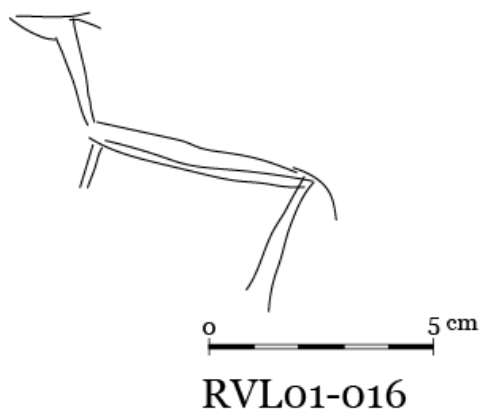


RVL01-017

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, à esquerda do motivo RVL01-016.

Descrição: Zoomorfo incompleto, direcionado para a esquerda do observador. Corpo retangular decorado de incisões paralelas oblíquas, duas patas igualmente decoradas de incisões e cauda curta. Pescoço no seguimento da linha dorsal e ventral, ausência da cabeça da figura.

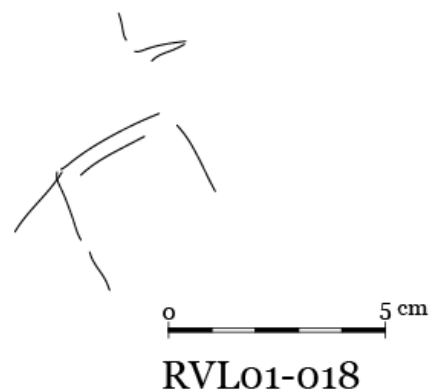


RVL01-016

Rocha: R1 Painel A

Posição: Topo do painel, à esquerda do motivo RVL01-014.

Descrição: Cervídeo com o corpo direcionado para a esquerda do observador. Corpo retangular e longo, duas patas retas, abertas nas extremidades, assim como uma cauda curta. Pescoço comprido seguido de uma cabeça triangular com duas orelhas lineares.

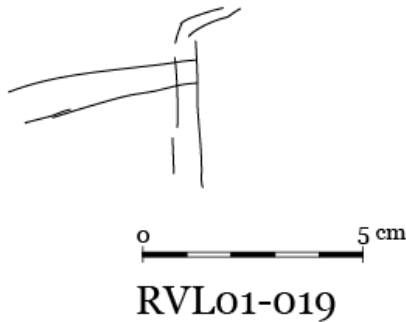


RVL01-018

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Esquerdo, acima dos motivos RVL01-019 e RVL01-020.

Descrição: Cervídeo com o corpo direcionado para a direita do observador. Corpo retangular incompleto, duas patas lineares e uma cauda curta. O pescoço desta figura está ausente, devido a uma fissura natural do suporte, no entanto denota-se a cabeça triangular e uma pequena incisão no topo que indica a haste ou a orelha do cervídeo.

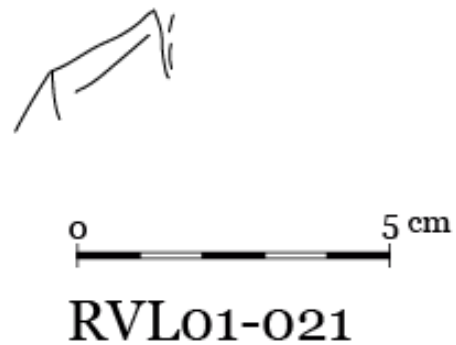


RVL01-019

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Esquerdo, sobreposto a RVL01-020.

Descrição: Zoomorfo orientado para a direita do observador. Corpo retangular em perfil absoluto, figuração apenas da pata dianteira, pescoço curto e cabeça definida por duas incisões paralelas, ausência de hastes ou orelhas e de cauda o que não permite definir a espécie representada.

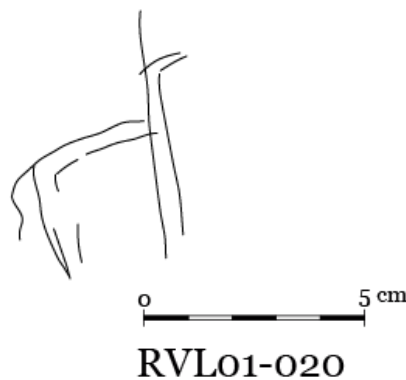


RVL01-021

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Esquerdo, abaixo dos motivos RVL01-019 e RVL01-020.

Descrição: Zoomorfo, direcionado para a direita do observador. Corpo retangular, cauda comprida, patas curtas, definidas no caso da traseira por apenas uma incisão e no caso da dianteira por duas incisões paralelas. Ausência de pescoço e de cabeça, o que dificulta a de definição da espécie da figura.

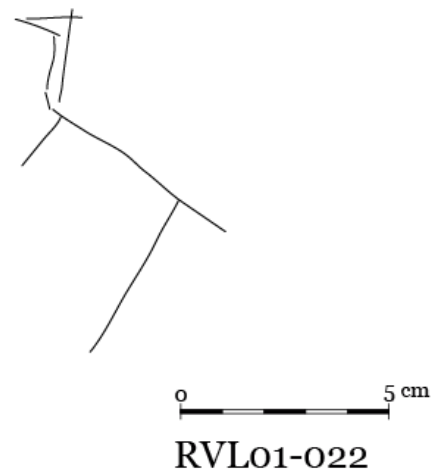


RVL01-020

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Esquerdo, sobreposto a RVL01-019.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente cervídeo ou equídeo, orientado para a direita do observador. Corpo e patas retangulares, ambos definidos a partir de incisões paralelas. Cauda comprida, pescoço reto e ortogonal ao resto do corpo, cabeça definida por duas incisões paralelas, e uma orelha ou haste definida com a mesma incisão que define a pata dianteira e o pescoço.

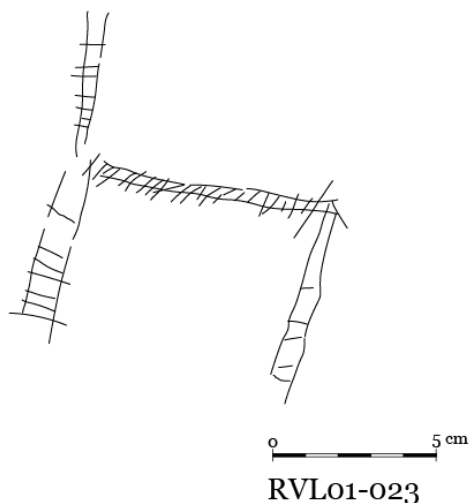


RVL01-022

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, acima de RVL01-023.

Descrição: Cervídeo orientado para a esquerda do observador. Corpo, patas e cauda lineares, pescoço retangular, constituído de duas incisões paralelas, cabeça triangular seguido de duas orelhas lineares curtas.



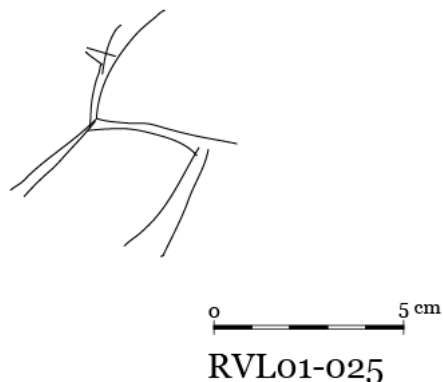
RVL01-023

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, abaixo de RVL01-022.

Descrição: Cervídeo incompleto direcionado para a esquerda do observador. Corpo retangular decorado de incisões oblíquas paralelas, duas patas retangular igualmente preenchidas de reticulados, cauda curta e pescoço longo decorado, ortogonal ao corpo. Ausência de cabeça ou hastes da figura.

com uma cabeça triangular e um par de hastes ou orelhas lineares.

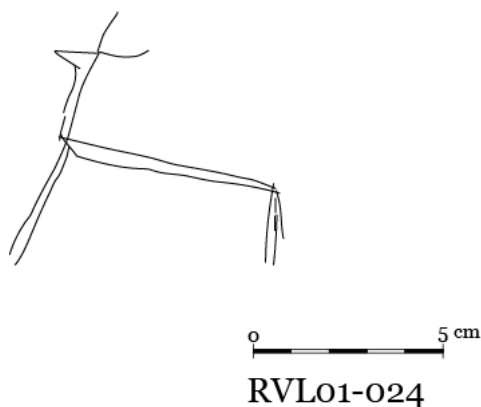


RVL01-025

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, à direita de RVL01-024

Descrição: Cervídeo direcionado para a esquerda do observador. Continuando a tipologia mencionada, este motivo tem um corpo retangular em perfil absoluto, delimitado por duas incisões paralelas, assim como as duas patas compridas, com as extremidades abertas. O pescoço comprido ortogonal ao corpo do cervídeo prolonga-se além da cabeça triangular e forma as hastes ou orelhas lineares do cervídeo.

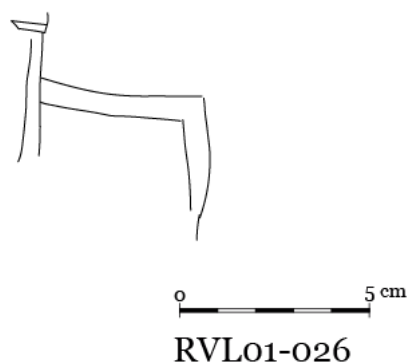


RVL01-024

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, entre o motivo RVL01-023 e o motivo RVL01-025.

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do observador. Corpo longo e retangular em perfil absoluto, membros retos, abertos nas extremidades e cauda curta. Pescoço comprido, ortogonal ao corpo do zoomorfo,



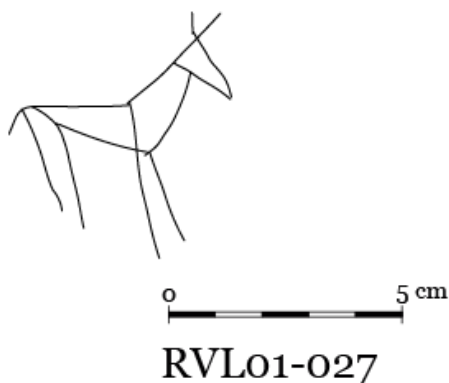
RVL01-026

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, sobreposto ao motivo RVL01-027.

Descrição: Zoomorfo direcionado para o lado esquerdo do observador. Corpo retangular, em perfil absoluto, delimitado

por incisões paralelas, assim como os membros. Pescoço curto ortogonal ao corpo da figura, cabeça retangular e uma pequena incisão que define a orelha do zoomorfo. Ausência de cauda.

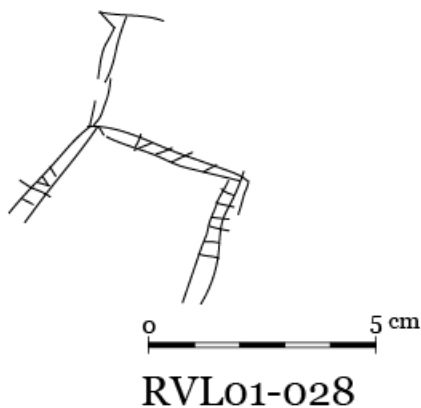


RVL01-027

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, sobreposto ao motivo RVL01-026.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente cervídeo, orientado para a direita do observador. Motivo de corpo trapezoidal, patas retangulares, com as extremidades abertas e uma cauda curta. O pescoço trapezoidal comprido é seguido de uma cabeça triangular com duas orelhas lineares.

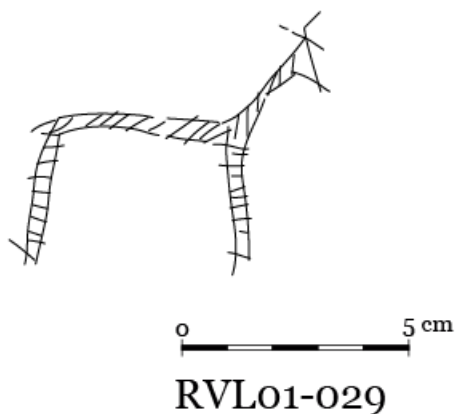


RVL01-028

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, à direita de RVL01-026 e RVL01-027.

Descrição: Cervídeo direcionado para a esquerda do observador. Corpo retangular e estreito, em perfil absoluto, decorado de incisões paralelas. Duas patas igualmente retangulares e esguias preenchidas de incisões paralelas e uma cauda curta. Esta figura tem um pescoço longo, uma cabeça pequena e triangular com apenas uma haste ou orelha linear.

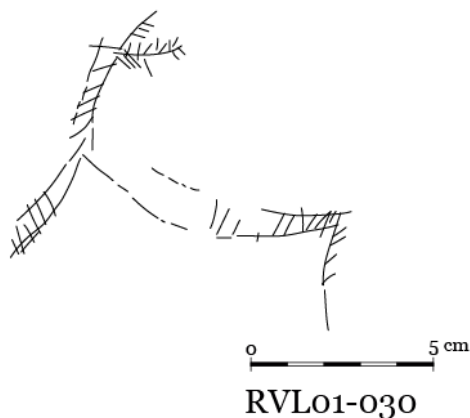


RVL01-029

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Direito, à direita do motivo RVL01-066.

Descrição: Cervídeo voltado para a direita do observador. Corpo e patas retangulares e esguios, em perfil absoluto, decorados de incisões paralelas. Cauda curta, pescoço longo preenchido igualmente de incisões e uma cabeça triangular, sem decoração, com par de orelhas lineares.

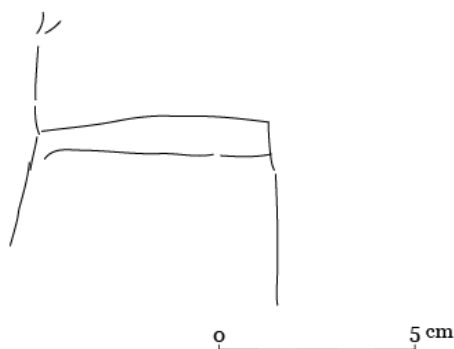


RVL01-030

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Limite Direito, abaixo do motivo RVL01-029 e sobreposto a RVL01-031.

Descrição: Cervídeo orientado para a esquerda do observador. Este motivo parcialmente desvanecido tem um corpo retangular ligeiramente curvado decorado de incisões paralelas oblíquas. O pescoço e as duas patas são igualmente retangulares e decoradas. Cabeça ausente da figura mas existe um par de hastes amplamente revestidas de incisões que formam as ramificações.



RVL01-031

RVL01-031

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Limite Direito, sobreposto ao motivo RVL01-030.

Descrição: Zoomorfo direcionado para a esquerdo do observador. Corpo retangular, membros e pescoço lineares, e duas pequenas incisões que formam as orelhas da figura. A cabeça está ausente.



RVL01-032

RVL01-032

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Centro, acima do motivo RVL01-033.

Descrição: Cervídeo, de pequeno tamanho, direcionado para a direita do observador. Corpo, patas e pescoço retangulares, em perfil absoluto, formados a partir de duas incisões paralelas. Cabeça triangular seguida de duas incisões que formam as orelhas da figura. Ausência de cauda.



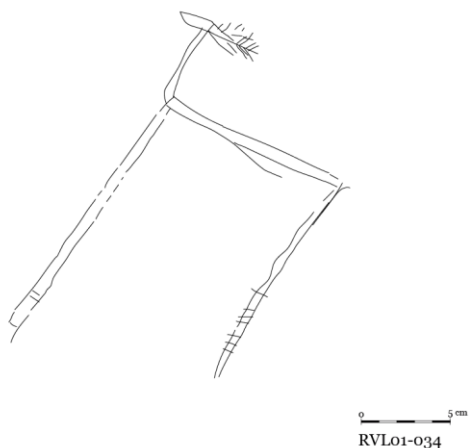
RVL01-033

RVL01-033

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Centro, abaixo do motivo RVL01-032.

Descrição: Cervídeo, de pequeno tamanho, orientado para a direita do observador, parcialmente sumido devido a um alvéolo que interrompe a gravura. Corpo reto, duas patas retangulares, abertas nas extremidades e uma cauda curta. Pescoço reto seguido de uma cabeça triangular e duas incisões que formam as orelhas do motivo.

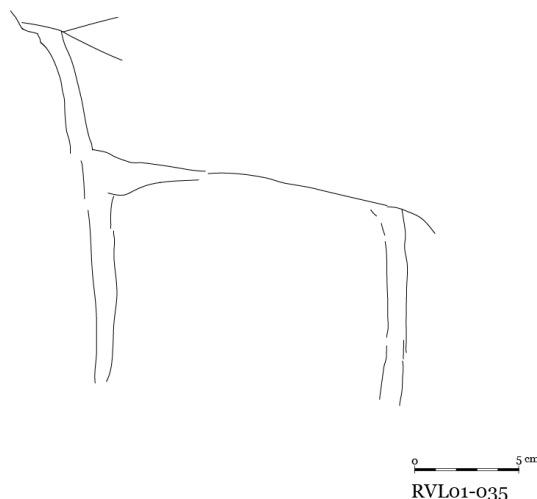


RVL01-034

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, à direita dos motivos RVL01-036 e RVL01-037.

Descrição: Cervídeo direcionado a esquerda do observador. Corpo retangular e estreito, duas patas retangulares e esguias parcialmente decoradas de incisões paralelas oblíquas. Pescoço longo e perpendicular ao corpo, seguido de uma cabeça trapezoidal com hastes acabadas de ramificações.



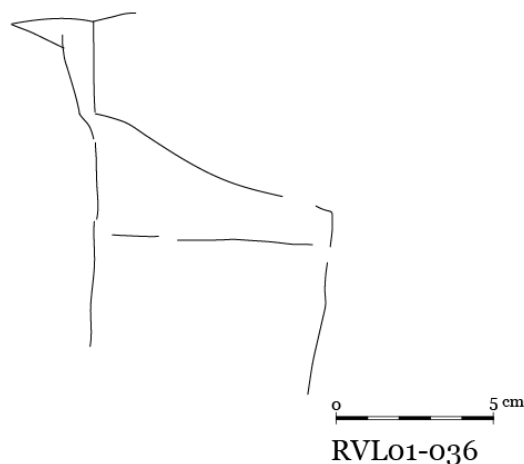
RVL01-035

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, sobreposto a RVL01-036 e RVL01-037.

Descrição: Cervídeo orientado para a esquerda do observador. Corpo parcialmente linear, definido pela linha

dorsal e com uma pequena linha ventral. Seguido de duas patas retangulares longas, assim como um pescoço comprido e cabeça triangular e duas orelhas lineares.

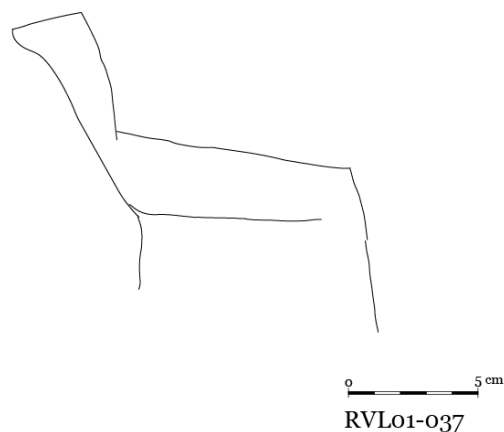


RVL01-036

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, sobreposto a RVL01-035 e RVL01-037.

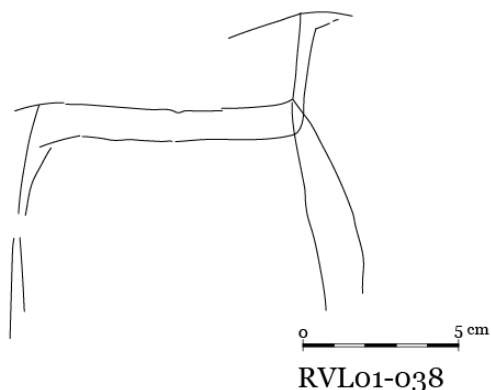
Descrição: Zoomorfo direcionado para a esquerda do observador. Corpo retangular ligeiramente curvado, duas patas lineares e pescoço comprido retangular. Uma cabeça triangular e uma incisão que forma a haste ou orelha do motivo. Ausência de cauda



RVL01-037

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, sobreposto a RVL01-035 e RVL01-036
 Descrição: Zoomorfo orientado para a esquerda do observador. Corpo retangular com duas patas lineares, um pescoço retangular ortogonal ao corpo seguido de uma cabeça triangular.

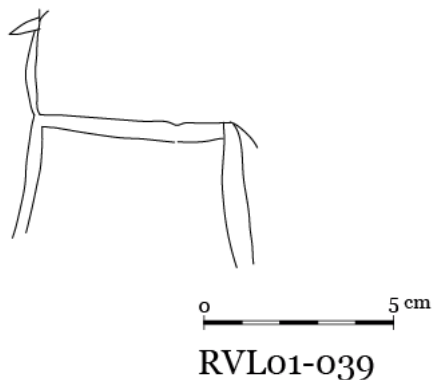


RVL01-038

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Limite Direito, sobreposto a RVL01-039 e RVL01-041.

Descrição: Cervídeo direcionado para a direita do observador. Corpo longo e retangular, em perfil absoluto, as patas compridas, com as extremidades aberta, uma cauda curta, pescoço longo e fino, e uma cabeça triangular com uma haste. Este motivo sobrepõe a sua linha dorsal com a linha dorsal do motivo RVL01-039, reutilizando a mesma incisão para construir os dois motivos.



RVL01-039

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Limite Direito, sobreposto a RVL01-038.

Descrição: Cervídeo orientado para a esquerda do observador. Corpo e patas compridos retangulares, cauda curta, assim como um pescoço retangular ortogonal ao corpo, cabeça triangular com duas pequenas incisões que formam as orelhas do motivo. Este motivo reutilizar a linha dorsal do motivo RVL01-038 para definir o dorso da figura.

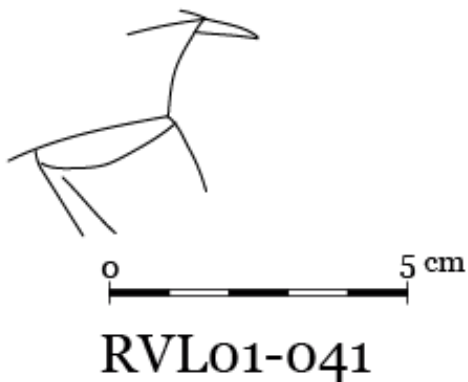


RVL01-040

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Limite Direito, abaixo dos motivos RVL01-038 e RVL01-039.

Descrição: Zoomorfo voltado para a direita do observador. Corpo e patas retangulares, em perfil absoluto. O pescoço é comprido assim como a cauda linear. Este motivo está ausente de cabeça devido a um alvéolo.

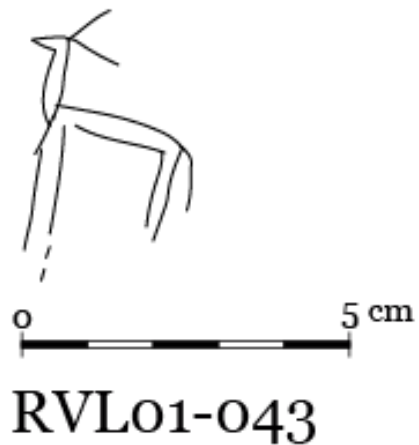


RVL01-041

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Limite Direito, sobreposto ao motivo RVL01-038.

Descrição: Cervídeo direcionado para a direita do observador. Corpo retangular, em perfil absoluto, cauda curta e duas patas — a pata traseira formada por duas incisões e a dianteira com apenas uma incisão. Pescoço longo e linear seguido da cabeça triangular e das duas orelhas lineares.

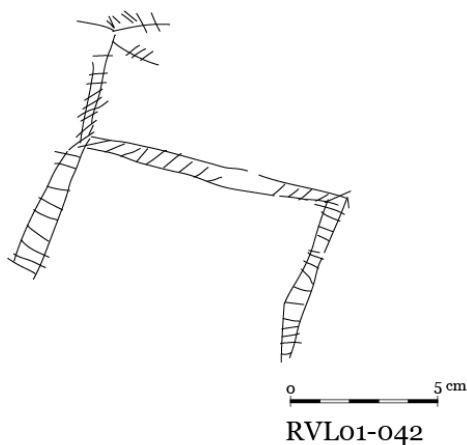


RVL01-043

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Centro, entre os motivos RVL01-042 e RVL01-044.

Descrição: Zoomorfo orientado para a esquerda do observador. Corpo e membros retangulares, pescoço longo e reto seguido da cabeça triangular com orelhas lineares, cauda comprida.

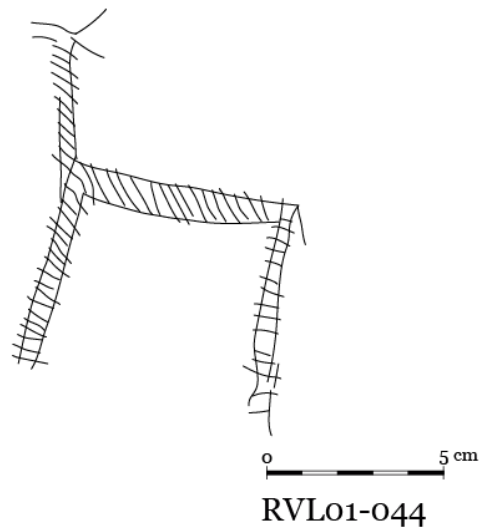


RVL01-042

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Centro, acima dos motivos RVL01-043 e RVL01-044.

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do observador. Corpo retangular, patas compridas e retas e pescoço longo, todos eles decorados de incisões paralelas oblíquas. Ausência da cabeça, excluindo a linha frontal e as hastes ramificadas da figura.

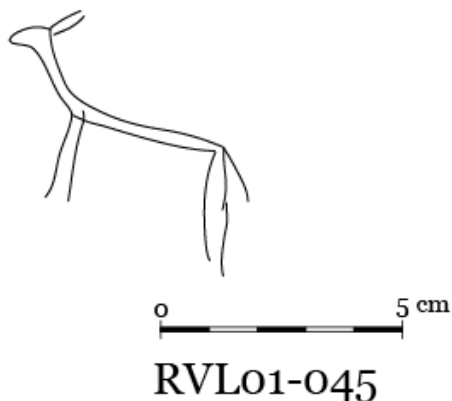


RVL01-044

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Centro, abaixo do motivo RVL01-043 e à direita de RVL01-045.

Descrição: Cervídeo direcionado para a esquerda do observador. Corpo retangular, em perfil absoluto, patas longas e estreitas e pescoço comprido todos eles decorados de incisões paralelas oblíquas. Cauda curta, cabeça retangular delimitada por duas incisões paralelas e duas orelhas lineares.

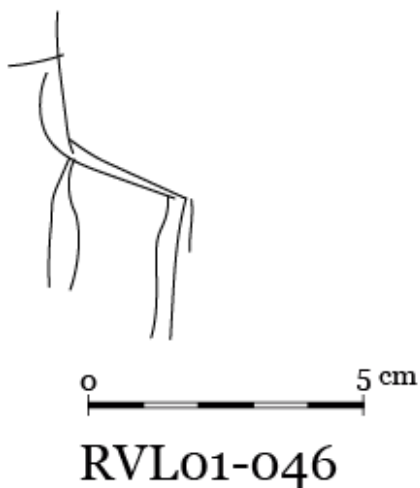


RVL01-045

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, abaixo de RVL01-046 e à esquerda de RVL01-044.

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do observador. Corpo, membros e pescoço retangulares e compridos, uma cauda curta, assim como uma cabeça triangular com duas incisões que parecem as orelhas.

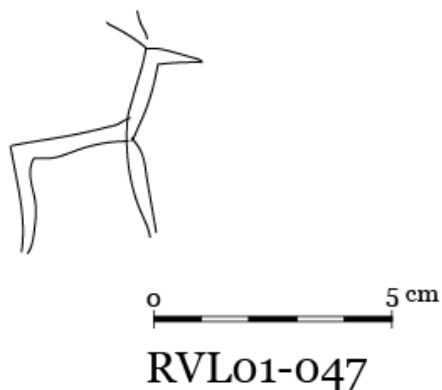


RVL01-046

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, acima do motivo RVL01-045.

Descrição: Cervídeo orientado para a esquerda do observador. Corpo, patas e pescoço retangulares e compridos, cauda curta. A cabeça desenhada apenas com uma incisão que define a frontal da figura e a continuação da linha do pescoço que define a orelha linear.

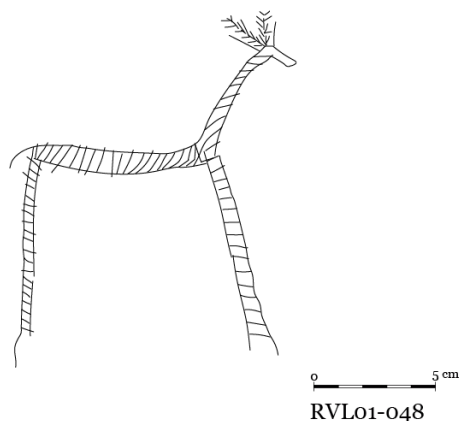


RVL01-047

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, acima do motivo RVL01-048.

Descrição: Cervídeo direcionado para a direita do observador. Corpo, membros e pescoço retangulares e compridos, em perfil absoluto, assim como uma cabeça triangular com um par de orelhas lineares.



RVL01-048

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, abaixo do motivo RVL01-047 e acima dos motivos RVL01-049 e RVL01-060.

Descrição: Cervídeo voltado para a direita do observador. Corpo, patas e pescoço retangulares e compridos preenchidos de incisões paralelas oblíquas. Cauda curta, cabeça retangular completa de duas incisões que formam as orelhas do motivo assim como um par de hastes ramificadas.



RVL01-049

RVL01-049

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, abaixo do motivo RVL01-048 e RVL01-060.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente cervídeo ou equídeo, voltado para o lado esquerdo do observador. Corpo retangular em perfil absoluto composto de um par de patas, com as extremidades abertas, um longo pescoço seguido de uma cabeça triangular com duas orelhas lineares. Esta figura apresenta uma cauda relativamente comprida comparativamente ao resto do corpo, dificultando a caracterização da espécie animal, no entanto tendo em conta o conjunto de motivos retratado no painel A da Rocha 1, julgamos observar um cervídeo.



RVL01-050

RVL01-050

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, à direita do motivo RVL01-057 e sobreposto aos motivos RVL01-048, RVL01-049, RVL01-051, RVL01-052 e RVL01-054.

Descrição: Cervídeo, de grande tamanho, direcionado para a direita do observador. Corpo e membros retangulares e compridos, em perfil absoluto. A pata dianteira alonga-se e forma o pescoço. Cauda curta, cabeça triangular seguida de duas hastes ramificadas imponentes.



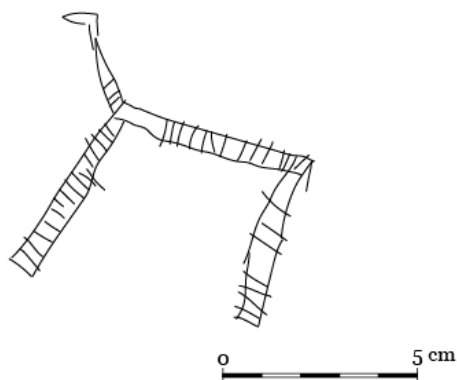
RVL01-051

RVL01-051

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, acima do motivo RVL01-052 e sobreposto a RVL01-050.

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do observador. Corpo, patas e pescoço retangulares e estreitos, decorados de reticulados paralelos e oblíquos. Cabeça triangular com apenas uma orelha linear.



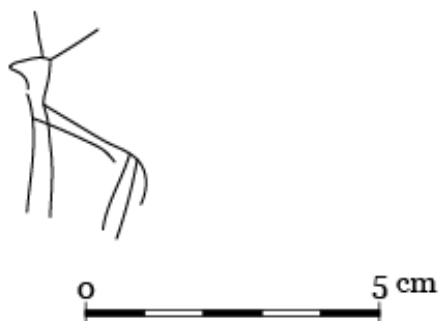
RVL01-052

RVL01-052

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, abaixo do motivo RVL01-051 e à direita de RVL01-053 e RVL01-054.

Descrição: Cervídeo direcionado para a esquerda do observador. O corpo, as duas patas e o pescoço são retangulares, compridos e decorados de incisões paralelas oblíquas. Esta figura tem uma cabeça triangular e uma cauda curta.



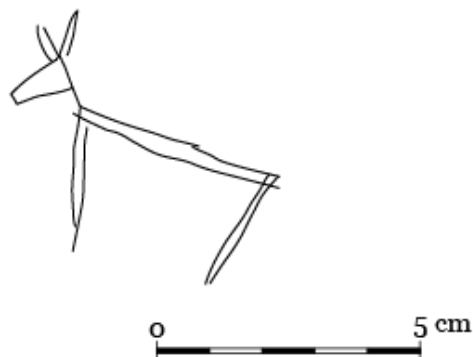
RVL01-053

RVL01-053

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, acima do motivo RVL01-054 e à esquerda de RVL01-052.

Descrição: Cervídeo, orientado para a esquerda do observador. Corpo retangular, em perfil absoluto, patas retas, com as extremidades abertas. Cauda e pescoço curtos, cabeça pequena triangular seguida de duas hastes ou orelhas lineares.



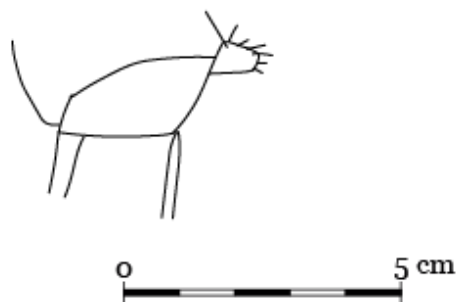
RVL01-054

RVL01-054

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, abaixo de RVL01-053, acima de RVL01-055 e à esquerda de RVL01-052.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente cervídeo, voltado para a esquerda do observador. Corpo e membros retangulares e compridos. Pescoço curto e linear com uma cabeça retangular seguida de duas orelhas definidas por duas incisões paralelas.



RVL01-055

RVL01-055

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, abaixo de RVL01-054 e à esquerda de RVL01-056.
 Descrição: Zoomorfo, possivelmente um felino, voltado para a direita do observador. Corpo arredondado com duas patas retas, cauda longa direcionada para cima. Cabeça trapezoidal com diversas incisões à volta. Estas parecem formar os bigodes e as orelhas da figura.



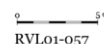
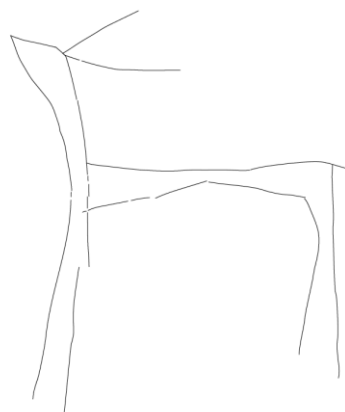
RVL01-056

RVL01-056

Rocha: R1 Pannel A

Posição: Limite Inferior Direito, à direita do motivo RVL01-055.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente um cervídeo, direcionado para a esquerda do observador. Corpo, patas e pescoço retangulares e compridos, em perfil absoluto, decorados de incisões paralelas oblíquas. Cabeça triangular com incisões ao seu redor. Esta figura tem diversas incisões que acompanham toda a linha dorsal da figura, inclusive algumas na pata traseira do zoomorfo.



RVL01-057

RVL01-057

Rocha: R1 Pannel A

Posição: Centro, à esquerda do motivo RVL01-050, e sobreposto aos motivos RVL01-042, RVL 01-058, RVL01-051 e RVL01-052.

Descrição: Cervídeo, de grande tamanho, orientado para a esquerda do observador. Corpo, membros e pescoço retangulares e compridos, em perfil absoluto, uma cauda curta linear. Cabeça triangular com duas hastes simples longas.



RVL01-058

RVL01-058

Rocha: R1 Pannel A

Posição: Limite Inferior Direito, sobreposto ao motivo RVL01-057, abaixo do motivo RVL01-052 e à direita de RVL01-054.

Descrição: Cervídeo posicionado na diagonal, direcionado para a esquerda do observador. Corpo e patas retangulares e

estreitas — a pata dianteira aberta nas extremidades ao contrário da pata traseira — e cauda curta. Pescoço retangular curto seguido de uma cabeça triangular com um par de orelhas lineares.



0 5 cm
RVL01-059

RVL01-059

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, acima do motivo RVL01-034.

Descrição: Figura incompleta, possivelmente de um cervídeo devido à tipologia semelhante descrita de outros motivos (ex. RVL01-051, RVL01-052) direcionado para a esquerda do observador. O corpo onde só figura a linha dorsal está decorado de incisões paralelas oblíquas. Segue-se a pata traseira semipreenchida de incisões.



0 5 cm
RVL01-060

RVL01-060

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, entre os motivos RVL01-048 e RVL01-049.

Descrição: Cervídeo, de pequeno tamanho voltado para a direita do observador.

Corpo retangular e estreito, duas patas pequenas, abertas nas extremidades, cauda curta linear. Pescoço retangular, perpendicular ao corpo, cabeça triangular com um par de orelhas lineares.



0 5 cm
RVL01-061

RVL01-061

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, à direita do motivo RVL01-025.

Descrição: Motivo indeterminado, possivelmente um zoomorfo de corpo trapezoidal, duas patas — a pata traseira formada por uma incisão e a dianteira por duas. Ausência de pescoço e com uma cabeça curta triangular.



0 5 cm
RVL01-062

RVL01-062

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, acima do motivo RVL01-042.

Descrição: Escalariforme de aparência estreita posicionado na diagonal.

Preenchido por dez incisões diagonais.



RVL01-063

RVL01-063

Rocha: R1 Painel A, à esquerda do motivo RVL01-047.

Posição: Limite Inferior Direito

Descrição: Escalariforme comprido posicionado na subvertical. Preenchido de vinte e duas incisões perpendiculares.



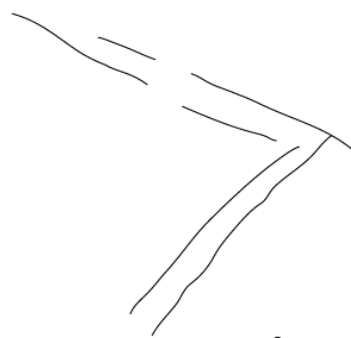
RVL01-064

RVL01-064

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, à esquerda do motivo RVL01-039.

Descrição: Escalariforme de pequeno tamanho posicionado na subvertical. Preenchido de seis incisões horizontais.



RVL01-065

RVL01-065

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, sobreposto aos motivos RVL01-035 e RVL01-037

Descrição: Zoomorfo incompleto voltado para a esquerda do observador. Apenas figuram o corpo retangular e a pata traseira comprida e com a extremidade aberta, assim como a cauda curta da figura.



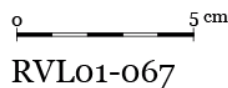
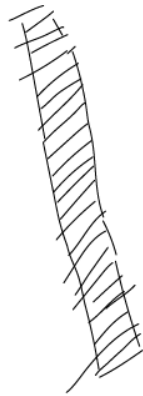
RVL01-066

RVL01-066

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Direito, à esquerda do motivo RVL01-029.

Descrição: Zoomorfo incompleto voltado para a direita do observador. Corpo curvo e comprido, com a pata traseira linear.

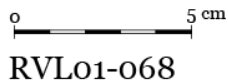
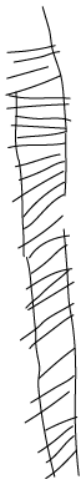


RVL01-067

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, sobreposto aos motivos RVL01-050, RVL01-051 e RVL01-058.

Descrição: Escalariforme comprido posicionado na subvertical. Preenchido de vinte e seis incisões perpendiculares.



RVL01-068

Rocha: R1 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, sobreposto ao motivo RVL01-063 e à esquerda do motivo RVL01-064.

Descrição: Escalariforme comprido posicionado na vertical. Preenchido de trinta incisões horizontais.



RVL01-069

RVL01-069

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do painel. Corpo linear com duas patas retangulares e uma cauda curta. Pescoço linear perpendicular ao corpo seguido de uma incisão diagonal que interpretamos como a frontonasal e o arranque de uma orelha ou haste.



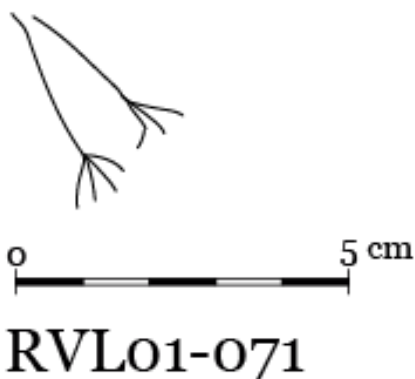
RVL01-070

RVL01-070

Rocha: R1 Painel A

Posição: Centro, sobreposto ao motivo RVL01-025.

Descrição: Motivo indeterminado posicionado na vertical, semelhante ao motivo RVL03-034 da rocha 3. Este motivo aparenta a uma seta, com quatro incisões do lado esquerdo e três do lado direito, ou a uma haste com ramificações.

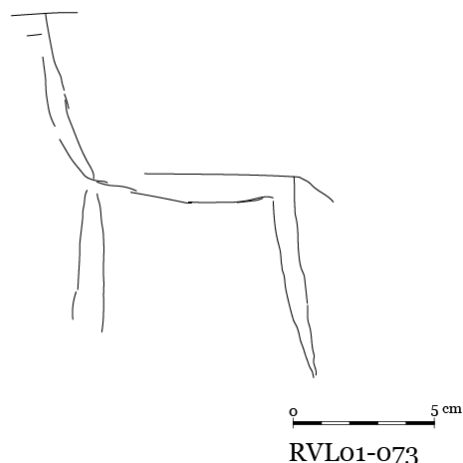


RVL01-071

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Centro, sobreposto ao motivo RVL01-025 e à esquerda do motivo RVL01-070.

Descrição: Motivo indeterminado constituído por um conjunto de incisões simples que aparentam formar duas patas de galinha, semelhantes às do zoomorfo que figura por cima deste (RVL01-013).



RVL01-073

Rocha: R1 Paineil B

Posição: Centro, abaixo do motivo RVL01-074.

Descrição: Cervídeo que segue a mesma tipologia presente no painel. Corpo retangular, duas patas compridas — a pata traseira formada por duas incisões que se unem e a dianteira por duas incisões que abrem na extremidade. O pescoço é comprido e perpendicular ao corpo. Esta figura tem uma cabeça incompleta, devido às imperfeições da rocha, definida apenas pela linha incompleta da mandíbula e pela linha do crânio que se alonga e faz a orelha do zoomorfo.

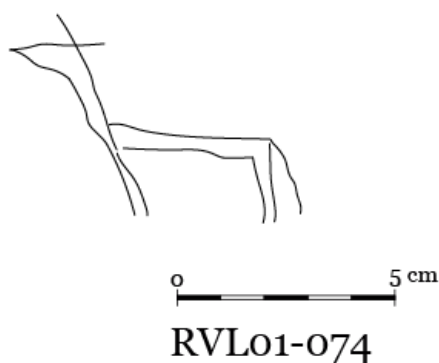


RVL01-072

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Limite Direito, à direita do motivo RVL01-041.

Descrição: Duas figuras circulares com incisões lineares ao seu redor, semelhantes a dois olhos ou sois.

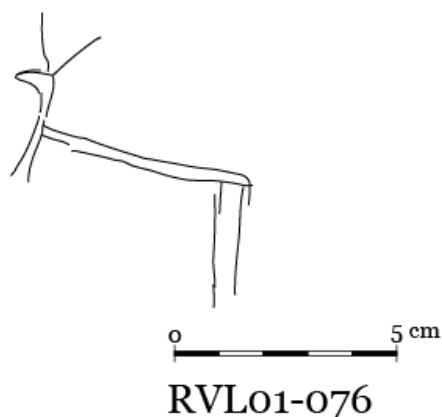


RVL01-074

Rocha: R1 Paineil B

Posição: Centro, acima do motivo RVL01-073.

Descrição: Zoomorfo, semelhante a um cervídeo, orientado para a esquerda do observador. Este motivo apresenta-se segundo a mesma tipologia que os zoomorfos do painel A, B e C. O corpo, as duas patas e o pescoço são retangulares e estreitos. Neste caso, a figura tem uma cauda comprida e uma cabeça triangular com duas linhas que formam as orelhas da figura.

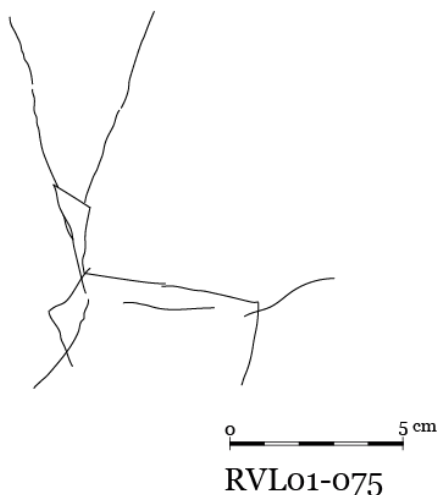


RVL01-076

Rocha: R1 Painel B

Posição: Limite Esquerdo, acima do motivo RVL01-075.

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do observador. Corpo retangular estreito e comprido, dois membros igualmente retangulares, com as extremidades abertas, cauda e pescoço curtos, uma cabeça pequena triangular com um par de hastes ou orelhas lineares.

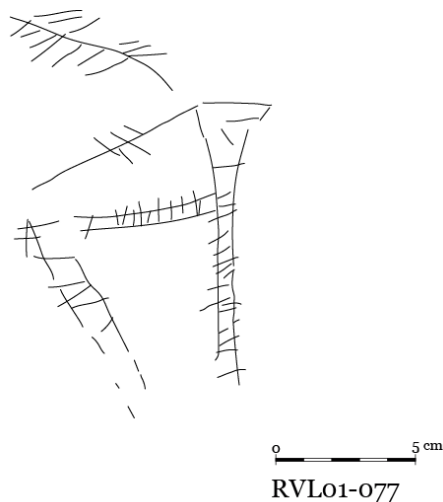


RVL01-075

Rocha: R1 Painel B

Posição: Limite Esquerdo, abaixo do motivo RVL01-076.

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do observador. Corpo retangular e comprido, seguido de uma cabeça triangular com duas hastes imponentes. Este motivo tem uma pata linear, e duas patas dianteiras igualmente de incisão simples, a pata mais à esquerda parece estar em flexão. Cauda comprida.



RVL01-077

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Esquerdo, abaixo do motivo RVL01-078.

Descrição: Cervídeo orientado para a direita do observador. Corpo e patas retangulares e compridas, decorados de incisões paralelas.

Pescoço curto, no seguimento da pata dianteira, igualmente decoração de incisões paralelas oblíquas. Cauda curta, cabeça retangular com duas grandes hastes ramificadas.



RVL01-078

RVL01-078

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Esquerdo, acima do motivo RVL01-077 e à direita de RVL01-079.

Descrição: Cervídeo voltado para a direita do observador. Corpo e membros retangulares e longos, pescoço no seguimento da pata dianteira. Cabeça triangular com duas hastes lineares.

Descrição: Cervídeo direcionado para a direita do observador. O corpo, as duas patas e o pescoço são retangulares e compridos. Esta figura tem uma cauda curta, cabeça retangular, aberta na extremidade do lado direito e um par de hastes lineares.



RVL01-080

RVL01-080

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Direito, à direita do motivo RVL01-082 e acima do motivo RVL01-081.

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do observador. Corpo retangular comprido com duas patas igualmente retangulares mas curtas. Uma cauda curta, pescoço retangular longo, seguido de uma cabeça triangular com uma haste ramificada.



RVL01-079

RVL01-079

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Esquerdo, à esquerda do motivo RVL01-078.



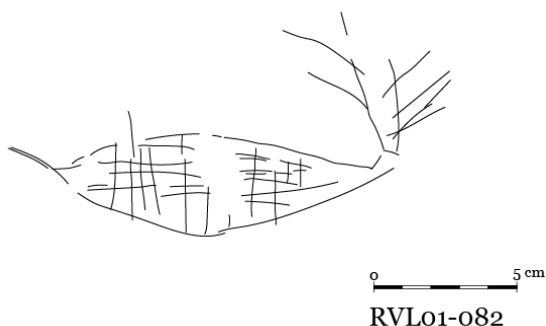
RVL01-081

RVL01-081

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Direito, abaixo do motivo RVL01-080.

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do observador. Corpo retangular, em perfil absoluto, duas patas retas e um pescoço comprido retangular. A cabeça é triangular com duas orelhas lineares.

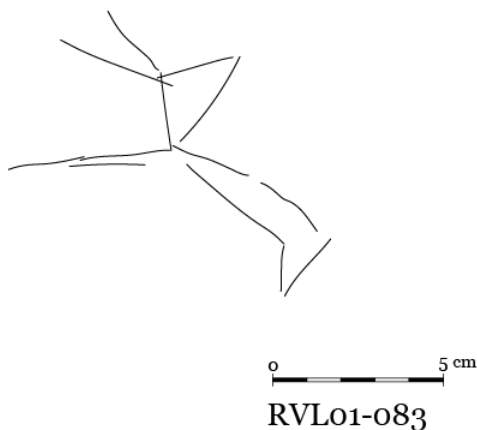


RVL01-082

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Direito, à esquerda do motivo RVL01-080.

Descrição: Cervídeo voltado para a direita do observador. Corpo globular, semelhante a figura RVL01-013, preenchido por um reticulado. Cauda curta e ausência de patas. Cabeça incompleta, apenas figura a cervical e o topo do crânio onde figura o par de hastes ramificadas que permitem interpretar esta figura como um cervídeo.

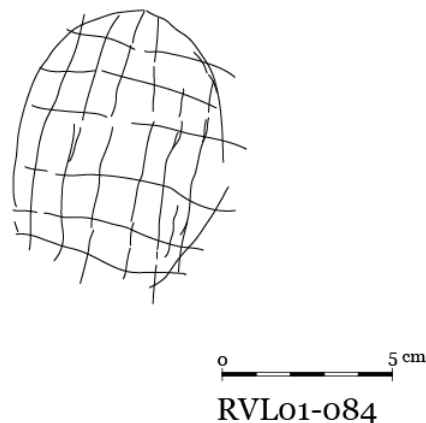


RVL01-083

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Esquerdo, à direita do motivo RVL01-100.

Descrição: Cervídeo direcionado para a esquerda do observado. A cabeça deste motivo encontra-se orientada para o lado direito do observador, como se estivesse a olhar para trás. Corpo retangular imperfeito, pata traseira triangular, pata dianteira retangular aberta na extremidade. Cabeça triangular com um par de orelhas lineares.

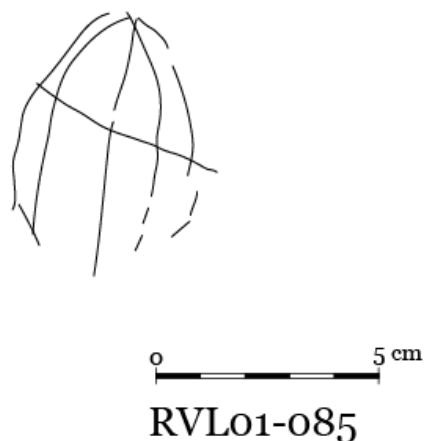


RVL01-084

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Direito, à direita do motivo RVL01-085.

Descrição: Motivo geométrico arredondado preenchido por um reticulado. O reticulado é composto de seis linhas horizontais e sete verticais.



RVL01-085

Rocha: R1 Painel C

Posição: Centro, à esquerda do motivo RVL01-084.

Descrição: Motivo geométrico arredondado preenchido por um reticulado incompleto. O reticulado é composto de uma linha horizontal e três verticais.



RVL01-086

RVL01-086

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Inferior Central, à esquerda do motivo RVL01-091.

Descrição: Motivo geométrico arredondado incompleto preenchido por um conjunto de cinco incisões verticais paralelas.



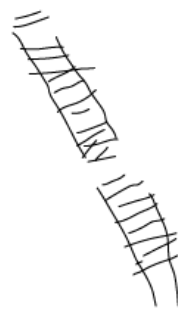
RVL01-087

RVL01-087

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Direito, sobreposto ao motivo RVL01-082.

Descrição: Escalariforme comprido posicionado na diagonal. Preenchido com doze incisões perpendiculares.



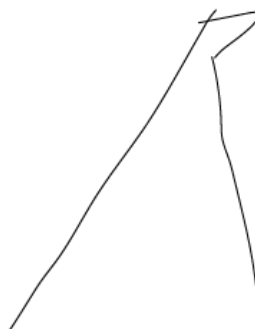
RVL01-088

RVL01-088

Rocha: R1 Painel C

Posição: Centro, à esquerda dos motivos RVL01-087 e RVL01-082.

Descrição: Escalariforme comprido posicionado na subvertical. Preenchido de vinte e três linhas horizontais.



RVL01-089

RVL01-089

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Direito, sobreposto ao motivo RVL01-081.

Descrição: Zoomorfo voltado para o lado direito do observador. Corpo triangular seguido de uma cabeça triangular. Motivo construído a partir de apenas quatro incisões, uma linha ventral e uma dorsal, uma linha frontal e uma linha da mandíbula.



RVL01-090

RVL01-090

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Direito, acima do motivo RVL01-080.

Descrição: Escalariforme comprido posicionado na subvertical. Preenchido de onze linha oblíquas.



RVL01-092

RVL01-092

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Esquerdo, à esquerda do motivo RVL01-093.

Descrição: Motivo geométrico arredondado desvanecido preenchido por um reticulado incompleto, composto de oito linhas verticais e duas horizontais.



RVL01-091

RVL01-091

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Inferior Central, à direita do motivo RVL01-086.

Descrição: Motivo geométrico arredondado incompleto preenchido por um conjunto de sete incisões verticais paralelas.



RVL01-093

RVL01-093

Rocha: R1 Painel C

Posição: Limite Esquerdo, à direita do motivo RVL01-092.

Descrição: Motivo geométrico triangular preenchido por um reticulado, composto de duas linhas verticais, duas linhas horizontais e duas linhas oblíquas.



RVL01-094

RVL01-094

Rocha: R1 Painel C

Posição: Centro, à direita de RVL01-097.

Descrição: Motivo geométrico arredondado preenchido por um reticulado oblíquo incompleto, composto de sete linhas verticais e cinco oblíquas.



RVL01-096

RVL01-096

Rocha: R1 Painel D

Posição: Limite Esquerdo, abaixo de RVL01-095.

Descrição: Motivo geométrico arredondado preenchido por um reticulado incompleto, composto de uma linha horizontal e oito linhas verticais.



RVL01-095

RVL01-095

Rocha: R1 Painel D

Posição: Limite Esquerdo, acima do motivo RVL01-0096.

Descrição: Conjunto de ziguezagues dispostos na diagonal.



RVL01-097

RVL01-097

Rocha: R1 Painel D

Posição: Centro, à esquerda de RVL01-094.

Descrição: Conjunto de ziguezagues dispostos na vertical.



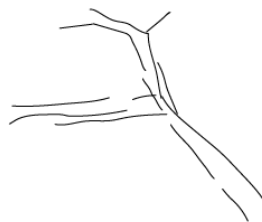
RVL01-098

RVL01-098

Rocha: R1 Paineil D

Posição: Limite Inferior Direito, à direita de RVL01-099.

Descrição: Motivo composto por duas linhas justapostas curvas, semelhante a uma foice.



RVL01-100

RVL01-100

Rocha: R1 Paineil C

Posição: Limite Esquerdo, à esquerda do motivo RVL01-083.

Descrição: Zoomorfo incompleto voltado para a diagonal inferior direita do observador. Corpo retangular, em perfil absoluto, duas patas retas, uma cauda curta e um pescoço comprido retangular. Este motivo disposto para baixo.



RVL01-099

RVL01-099

Rocha: R1 Paineil D

Posição: Centro, à esquerda de RVL01-098.

Descrição: Motivo geométrico, composto de duas linhas, semelhante a um semicírculo.



RVL01-101

RVL01-101

Rocha: R1 Paineil A

Posição: Limite Direito, abaixo dos motivos RVL01-038 e RVL01-039.

Descrição: Duas figuras circulares com incisões lineares ao seu redor, semelhantes a dois olhos ou sois.

5.2 Rocha 2

Descrição do dispositivo gráfico

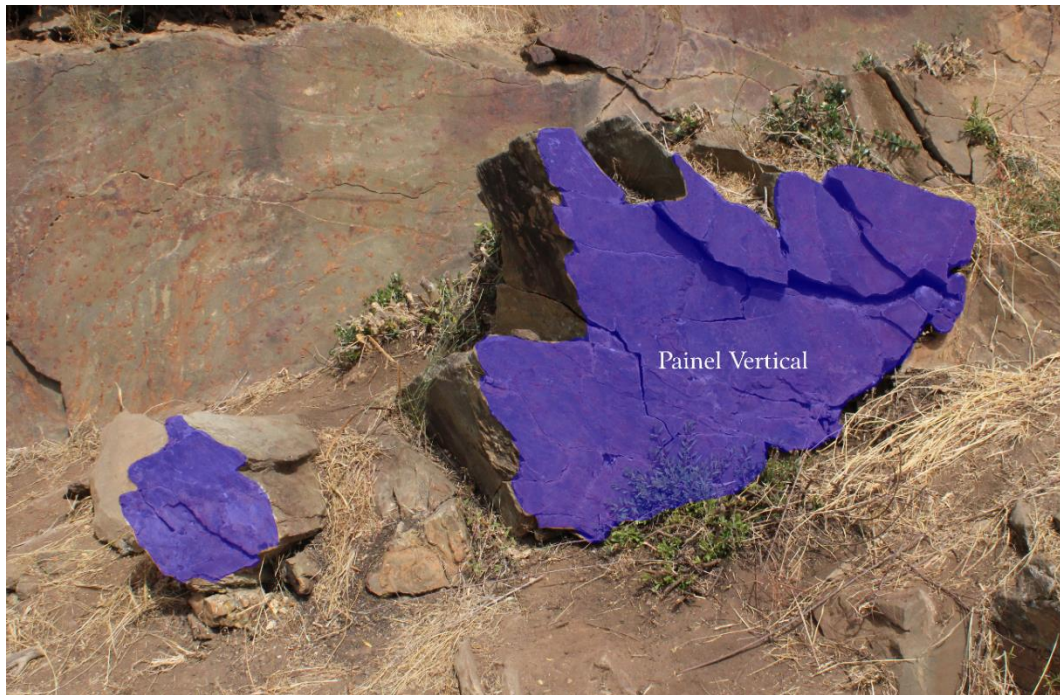


Figura 59- Divisão dos painéis da rocha 2 (painel Vertical e painel Horizontal).

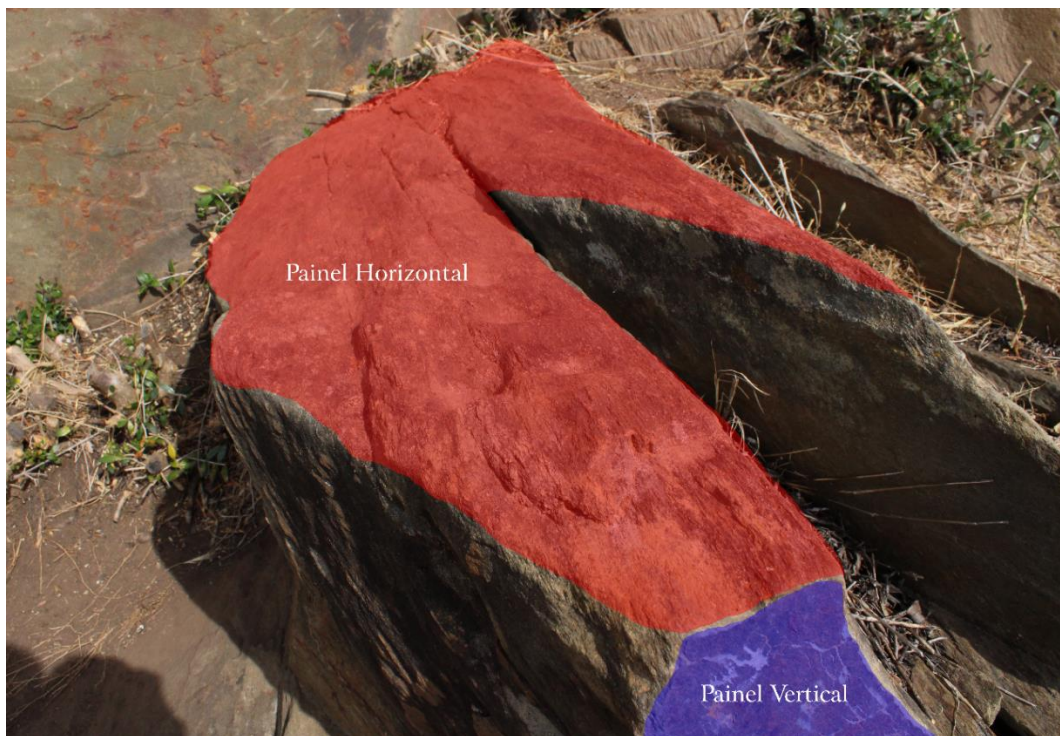


Figura 60- Divisão dos painéis da rocha 2 (painel Vertical e painel Horizontal).



Figura 6 | - Decalque da rocha 2 da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luis Luis, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbrys (29/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

A rocha 2 da Ribeira da Volta (Figura 59, Figura 60), situa-se próximo da Rocha 3 e compreende dois painéis distintos decorados de gravuras. O primeiro é um pequeno painel vertical levemente carregado de grafismos (Figura 61). Destes, destaca-se um motivo zoomorfo inciso (Figura 62) que aparenta ser um cervídeo (RVL02-001), tipologicamente semelhante aos diversos motivos identificados na rocha I da Ribeira da Volta (ex.: RVL01-008, RVL01-009 e RVL01-024). Sublinhamos o corpo retangular, as patas compridas com as extremidades abertas, a cauda curta, o pescoço longo no seguimento da pata dianteira, a cabeça triangular e um par de orelhas lineares. Além deste motivo, figura ao longo do painel vertical da rocha 2 uma concentração de traços indeterminados de difícil caracterização. Deste conjunto de incisões foi inicialmente identificado uma ponta de lança (Reis 2012), a qual não se constatou no decalque realizado.

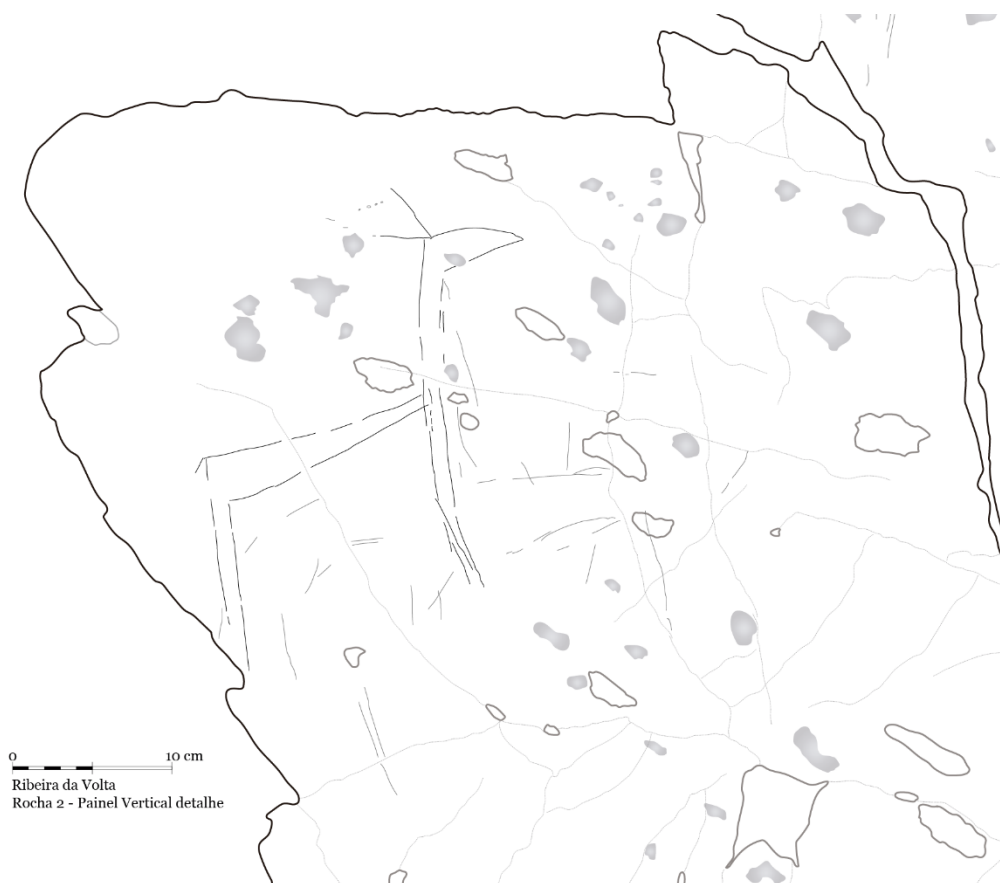


Figura 62- Motivo de cervídeo (RVL02-001) do painel Vertical da Rocha 2.



Figura 63- Decalque da rocha 2 da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luís Luís, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbryś (08/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

O segundo painel gravado da rocha 2 distingue-se pela sua superfície horizontal onde se verifica uma concentração de 6 covinhas de cronologia indeterminada (Figura 63, Figura 66, Figura 65 e Figura 66). Estas covinhas dispõem-se em duas linhas paralelas ao eixo maior da rocha, sendo uma das linhas compostas por duas covinhas (correspondendo uma destas à de maiores dimensões) e a outra por quatro. A covinha A é de pequeno tamanho, redonda e pouco profunda. É igualmente a mais difícil de observar, uma vez que existe uma falha na xistosidade que a corta. A covinha B, entre a A e a D, seguindo o eixo maior da rocha, é também de pequeno tamanho, redonda e pouco profunda. Já a covinha C, que se encontra à esquerda da B, é de grande tamanho, arredondada, ainda que imperfeita e muito profunda. Da mesma forma, a covinha D, que se encontra entre a B e a F seguindo o eixo maior, é igualmente de grande de tamanho, redonda e muito profunda. No que diz respeito à covinha E, esta situa-se à esquerda da D e define-se pelo seu pequeno tamanho, forma oval e profundidade mínima. Por fim, a covinha F encontra-se acima da D e caracteriza-se pelo seu grande tamanho, forma redonda e grande profundidade.



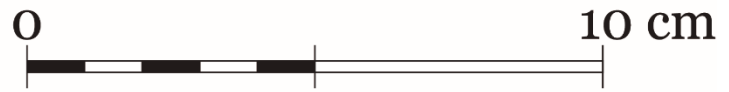
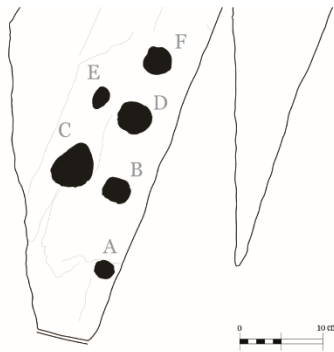
Figura 64- Conjunto de covinhas da Rocha 2 (Registo fotográfico de Tania Mosquera Castro).



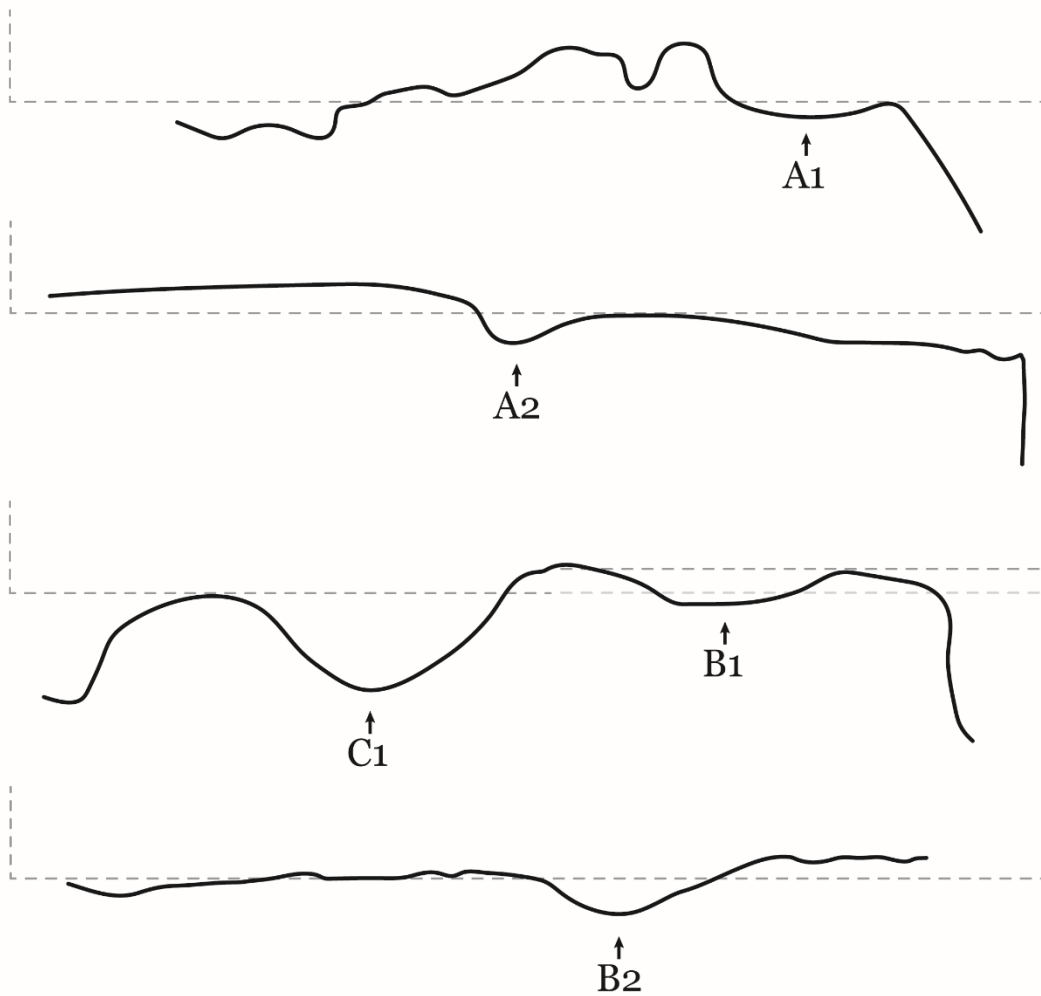
Figura 65- Fotogrametria das covinhas da Rocha 2 da Ribeira da Volta.

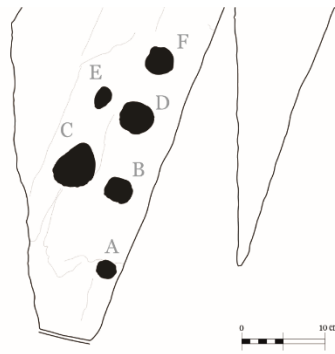


Figura 66- Fotogrametria das covinhas da Rocha 2 da Ribeira da Volta.

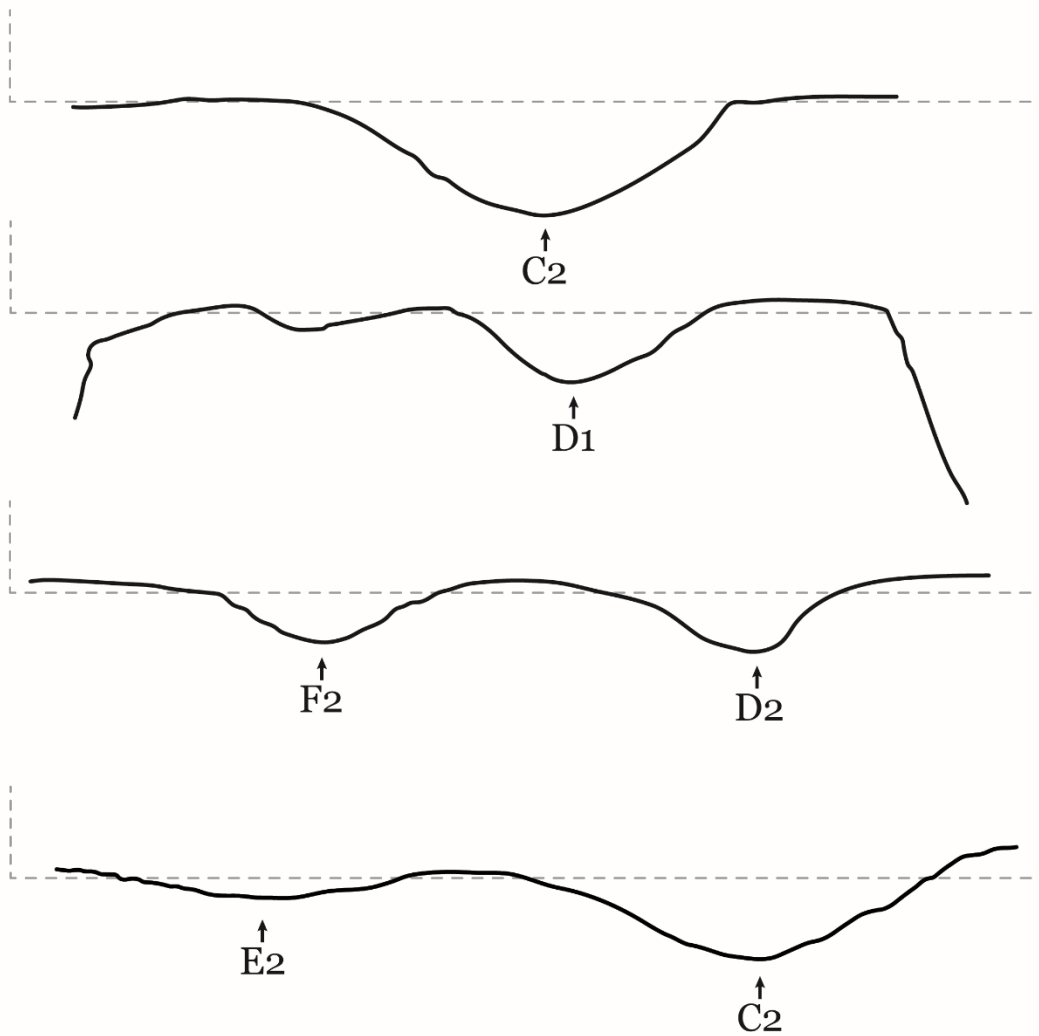


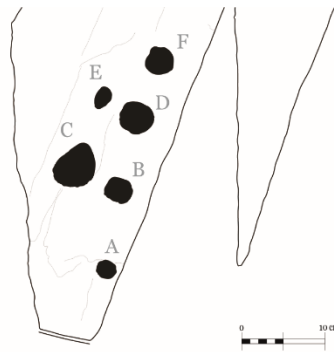
Ribeira da Volta
Rocha 2 - Perfis



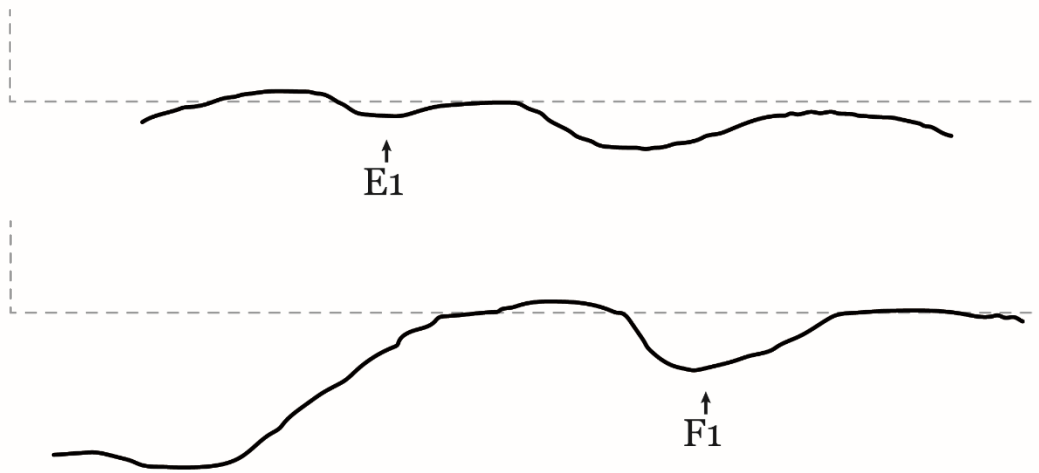


Ribeira da Volta
Rocha 2 - Perfis

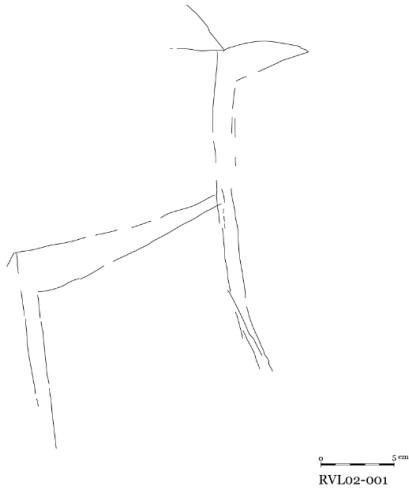




Ribeira da Volta
Rocha 2 - Perfis



Descrição dos motivos



RVL02-001

Rocha: R2 Painel Vertical

Posição: Centro

Descrição: Cervídeo voltado para a direita do observador.

Corpo retangular, em perfil absoluto, duas patas compridas, com as extremidades abertas, cauda curta, o pescoço longo no seguimento da pata dianteira, a cabeça triangular e um par de orelhas lineares



RVL02-002

Rocha: R2 Painel Horizontal

Posição: Limite Inferior

Descrição: Grupo de covinhas dispostas em duas linhas paralelas ao eixo maior da rocha, sendo uma das linhas compostas por duas covinhas (correspondendo uma destas à de maiores dimensões) e a outra por quatro.

5.3 Rocha 3

Descrição do dispositivo gráfico



Figura 67- Divisão dos painéis da rocha 3 (painel A, B C).

A rocha 3 da Ribeira da Volta destaca-se dos restantes registos do núcleo, devido ao tamanho da sua superfície rochosa. Repartida em três secções (painel A, B e C), estes painéis de grande dimensão encontram-se densamente gravados (Figura 67).



Figura 68- Decalque do painel A da rocha 3 da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luís Luís, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Aleksandra Olbrys (15/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

O painel A (Figura 68), situado no limite direito da rocha, destaca-se pela sua superfície vertical sobrecarregada e preenchida de gravuras, à semelhança do painel A da rocha I. Neste painel evidencia-se alguns vestígios de rubefação por ação do fogo, assim como diversas incrustações de óxido de ferro que recobrem a superfície rochosa. Na multitude de grafismos observáveis no painel A, destacam-se diversas representações de armas, particularmente as representações de falcatas e de pontas de lança, que tendem a preencher o painel (Reis 2012). Estes grafismos são extremamente relevantes para a contextualização deste núcleo, uma vez que permitem melhor enquadrar cronologicamente os registos identificados nesta rocha.

Assim, destacam-se, primeiramente, os motivos de falcatas que recobrem o painel A da Rocha 3 (Figura 69). Os motivos, presentemente estudados, foram determinados pela sua aparência distinta de gume côncavo característico desta arma proto-histórica. Assim, definem-se duas tipologias, muito semelhantes, no levantamento destes sete motivos. A primeira caracteriza-se por um traçado simples que delimita a forma da arma e lhe dá a sua aparência distinta. Na sua maioria, estes cinco motivos encontram-se, curiosamente, desenhados com a 'lâmina' direcionada para a esquerda¹³ e com o cabo orientado quase na perpendicular do gume, um tipo de representação que lembra o de uma foice (RVL03-002, RVL03-003, RVL03-004, RVL03-023 e RVL03-024). A segunda tipologia que podemos encontrar neste painel define-se também por um traçado delimitador simples, porém, neste caso, as duas falcatas apresentam uma decoração interior formada de incisões paralelas e de uma nervura central (RVL03-021 e RVL03-022). Além disso, este tipo de motivo é retratado por oposição aos motivos anteriores, na medida em que a figura da falcata se encontra orientada para a direita, com o cabo direcionado para baixo.

¹³ Com a exceção do motivo RVL03-023 que se encontra direcionado para a direita do observador, à semelhança da segunda tipologia identificada no painel.



Figura 69- Motivo RVL03-002 (Registro fotográfico de Tania Mosquera Castro).

Neste painel, foram também identificadas vinte representações de pontas de lança (Figura 70). Estas gravuras, dispersas ao longo da superfície rochosa distribuem-se também segundo diferentes tipologias ao longo do painel. Assim, denota-se uma primeira tipologia de pontas de lança que constituem uma importante percentagem das representações identificadas no painel A, totalizando dez representações (RVL03-005, RVL03-006, RVL03-007, RVL03-008, RVL03-009, RVL03-013, RVL03-014, RVL03-019, RVL03-041 e RVL03-053). Este conjunto de grafismos de incisão simples encontra-se internamente decorado com traços retilíneos oblíquos. Ademais, estes motivos, justapostos uns ao lado dos outros, estão direcionados na vertical com a lâmina orientada para cima ao longo da superfície. Esta tipologia identifica-se maioritariamente na parte inferior do painel, repetidamente associada com motivos geométricos compostos por reticulados (RVL03-015, RVL03-018, RVL03-020, RVL03-033 e RVL03-037). O segundo tipo de representações de ponta de lança, identificado no painel A, surge quase unicamente no canto inferior esquerdo do painel A. Estas nove figuras dispostas maioritariamente na vertical, à exceção de uma figura que se encontra traçada de forma oblíqua, destacam-se dos motivos anteriores pela sua tipologia (RVL03-025, RVL03-026, RVL03-027, RVL03-028, RVL03-029, RVL03-030, RVL03-035, RVL03-036 e

RVL03-043). De facto, contrariamente às outras representações de pontas de lança presentes neste painel, estas figuras não dispõem de qualquer decoração interna, surgindo simplesmente com uma aparência delimitada pela própria forma, o que as diferencia do conjunto de motivos deste armamento em específico. Por fim, existe uma última representação de ponta de lança que figura na parte superior do painel. Esta figuração única na rocha 3, e inclusive na Ribeira da Volta, destaca-se das restantes pela sua tipologia e o seu posicionamento no painel (RVL03-001). De facto, este motivo com base arredondada e que figura decorado de reticulados oblíquos no seu comprimento surge na horizontal com a ponta da lâmina orientada para a esquerda do painel. Esta disposição em oposição aos restantes motivos de ponta de lança identificados no painel, assim como a sua tipologia, distingue este grafismo das outras gravuras presentes.



Figura 70- Motivos RVL03-019 e RVL03-020 (Registo fotográfico de Tania Mosquera Castro).

Neste painel, podemos também observar cinco motivos zoomorfos. Estes motivos possuem atributos similares a outras representações identificadas no núcleo da Ribeira da Volta, nomeadamente na rocha I. Contudo, evidenciamos algumas características que os apartam das restantes representações identificadas. Assim

realçamos os dois cervídeos justapostos, RVL03-010 e RVL03-011 que possuem características similares aos da rocha I da Ribeira da Volta — como o corpo retangular, a cauda curta linear, o pescoço longo, retangular e perpendicular ao corpo seguido de uma grande cabeça trapezoidal e orelhas ou hastes lineares — mas que no entanto dispõem de algumas particularidades que diferem do esquema maioritariamente identificado na rocha I. Com efeito, estas figuras têm as patas lineares extremamente curtas, por vezes inexistentes e uma cabeça de grande tamanho. Estas características que promovem uma aparência desproporcional, contrastam estes cervídeos com os restantes. Identificamos também, no painel A, dois motivos zoomorfos, RVL03-012 e RVL03-017 de difícil caracterização. O primeiro (RVL03-012), próximo das duas primeiras figuras (RVL03-010 e RVL03-011), apresenta também um corpo retangular; no entanto, este é seguido diretamente pelo pescoço e pela cabeça. Este motivo dispõe inclusive de duas patas de configuração tortuosa. A segunda figura de difícil caracterização (RVL03-017) tem um corpo reto, estreito e interrompido, mas que, no entanto, se prolonga de forma a constituir o pescoço, a cauda e a cabeça da figura. As duas patas desta figura são igualmente compridas e arqueadas. A última figura zoomórfica (RVL03-016) identificada no painel A da rocha 3, situa-se no centro inferior do painel e diferencia-se pelo seu corpo retangular comprido, preenchido de reticulados, assim como pela sua cabeça triangular seguida de duas hastes ramificadas.

Para além destes motivos, podemos igualmente notar a presença motivos geométricos, particularmente reticulados e ziguezagues distribuídos por todo o painel. Não obstante, este painel densamente gravado é de difícil caracterização, uma vez que as composições são muito complexas e estão entrelaçadas, tendo-se identificado uma grande quantidade de traços incisivos de carácter indeterminado, os quais tendem a dificultar a caracterização e interpretação de motivos.

Figura 73) corresponde à superfície intermediária de grande tamanho, entre o Painel A e C, preenchida de incrustações de óxido de ferro. Neste painel, mais precisamente no canto direito, podemos notar um conjunto de motivos zoomórficos de difícil observação, alguns dos quais foram identificados como representações de cervídeos. Começando por estas, RVL03-038 e RVL03-039 encontram-se sobrepostas e caracterizam-se pelo seu corpo globular repleto de reticulados assim como pelos seus membros finos e compridos e por um par de hastes ramificadas, que fazem lembrar os motivos de zoomorfos presentes nos painéis A e C da Rocha I (RVL01-013 e RVL01-082) (Figura 53 e Figura 57).

Neste painel, podemos também verificar a presença de outras cinco figuras zoomórficas, igualmente difíceis de identificar (RVL03-040, RVL03-048, RVL03-049, RVL03-050 e RVL03-051). Estas figuras ainda que diferentes, não possuem a figuração da cabeça, complexificando a identificação dos zoomorfos. Os motivos RVL03-040, RVL03-048 são compostos de um corpo retangular e o RVL03-051 de um corpo linear. As patas dos três animais são configuradas por duas incisões paralelas abertas nas extremidades, os pescoços estão incompletos ou ausentes e as caudas são curtas. O motivo RVL03-049 possui um corpo em forma de semicírculo com quatro patas lineares. O motivo RVL03-050 é constituído de um corpo, pescoço lineares e quatro patas lineares. As patas traseiras têm um conjunto de pequenas incisões nas extremidades, lembrando patas de galinhas.

Na restante superfície rochosa, evidencia-se também a gravação de motivos de ziguezague assim como um vasto número de gravações indeterminadas em diversas áreas do painel.

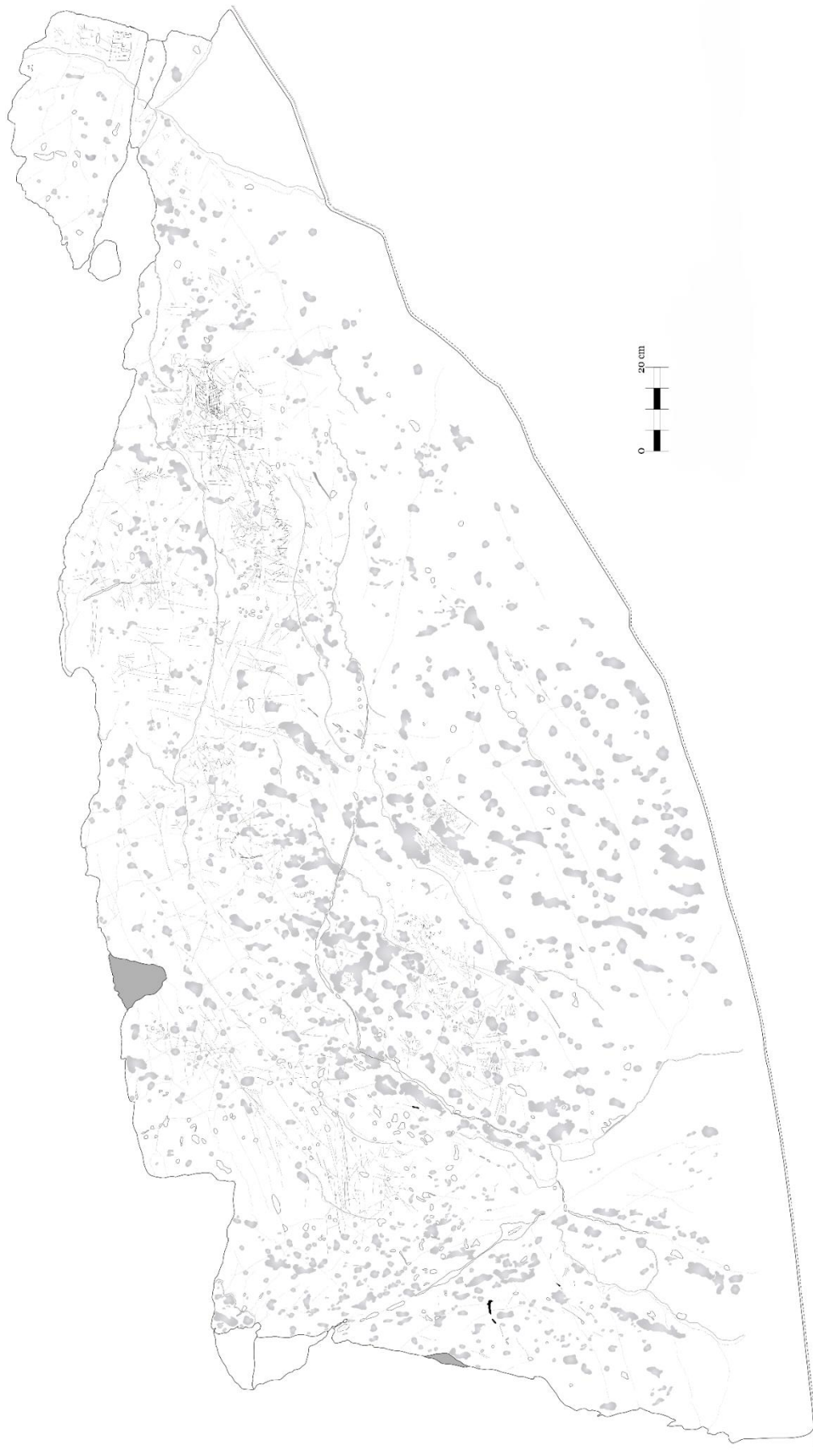


Figura 7.1 - Decalque do painel B da rocha 3 da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luis Luis, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alejandra Olbrys (20/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

Por último, o painel C, inicialmente escondido pela densa vegetação que recobria esta rocha, encontra-se na extremidade esquerda da rocha 3 (Figura 72,

Figura 74). Este painel dispõe, assim como os restantes painéis, de um conjunto de gravuras e de motivos de difícil caracterização. De facto, neste painel figura um conjunto de sete motivos zoomorfos (RVL03-054, RVL03-055, RVL03-056, RVL03-058, RVL03-059, RVL03-060 e RVL03-061). Estes, à exceção da figura RVL03-058 que é de diferente tipologia, são constituídos de um corpo retangular fino, duas patas definidas por duas incisões paralelas entre si e um pescoço comprido perpendicular ao corpo. Destas figuras, apenas os motivos RVL03-054, RVL03-055 e RVL03-059 revelam a representação completa ou parcial da cabeça. Nas restantes figuras o decalque não revelou a figuração da cabeça. O motivo RVL03-058 diferente dos restantes motivos, possui um corpo retangular, um pescoço curto e uma cabeça triangular preenchidos de linhas perpendiculares; esta figura contém igualmente duas orelhas lineares e apenas uma pata dianteira curta. Todavia, existe na base do painel um motivo antropomórfico (RVL03-057) que permite interpretar melhor estas figuras. Esta única figuração antropomórfica (

Figura 74) é filiforme e acéfala, apresentando-se com braços abertos e dedos lineares. Esta figura associa-se ao quadrúpede RVL03-056, sugerindo uma cena de monta de um cavaleiro. Esta associação torna-se significativa para a interpretação deste conjunto de grafismos uma vez que representa a única figura antropomórfica identificada no núcleo da Ribeira da Volta.

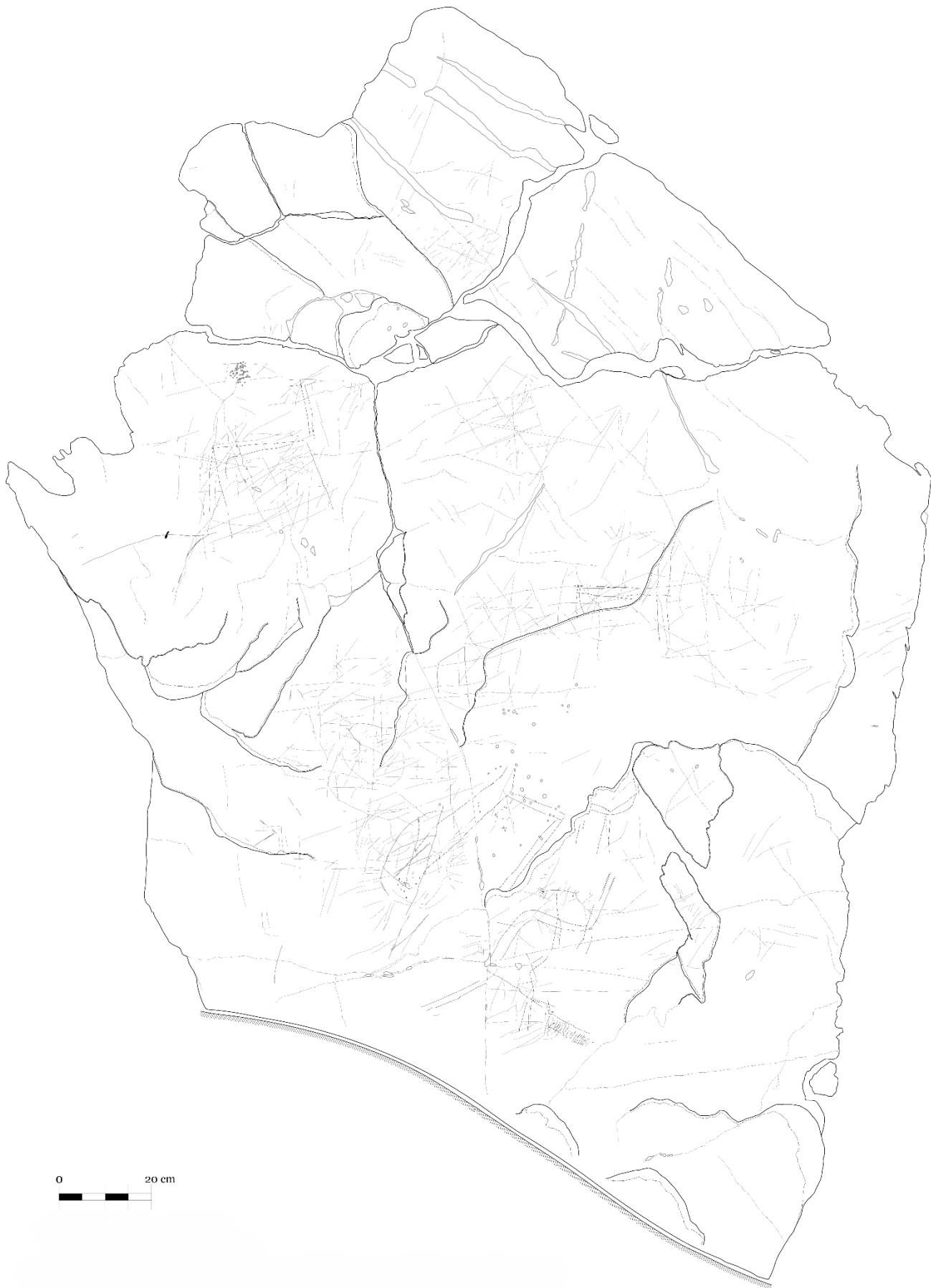


Figura 72- Decalque do painel C da rocha 3 da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luís Luís, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbrys (15/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).



Figura 73- Detalhe painel B da rocha 3.



Figura 74- Detalhe painel C da rocha 3.

Descrição dos motivos



0 5 cm
RVL03-001

RVL03-001

Rocha: R3 Painel A

Posição: Centro topo, abaixo de RVL03-052.

Descrição: Ponta de lança posicionada na horizontal com a ponta da lâmina orientada para a esquerda do observador. Base arredondada, decorada de reticulados oblíquos e uma nervura central no seu comprimento.



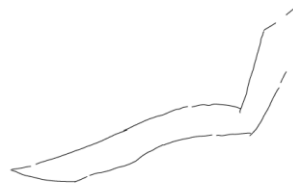
0 5 cm
RVL03-002

RVL03-002

Rocha: R3 Painel A

Posição: Centro, acima de RVL03-003 entre RVL03-005 e RVL03-006.

Descrição: Falcata semelhante a uma foice, com a ponta da lâmina direcionada a esquerda do observador. Forma simples, com o cabo orientado quase na perpendicular do gume.



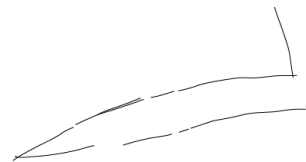
0 5 cm
RVL03-003

RVL03-003

Rocha: R3 Painel A

Posição: Centro, abaixo de RVL03-002, entre RVL03-005 e RVL03-006.

Descrição: Falcata semelhante a uma foice, com a ponta da lâmina direcionada a esquerda do observador. Forma simples, com o cabo orientado quase na perpendicular do gume.



0 5 cm
RVL03-004

RVL03-004

Rocha: R3 Painel A

Posição: Centro, acima de RVL03-010.

Descrição: Falcata semelhante a uma foice, com a ponta da lâmina direcionada a esquerda do observador. Forma simples, com o cabo orientado quase na perpendicular do gume.



0 5 cm
RVL03-005

RVL03-005

Rocha: R3 Painel A

Posição: Centro, à direita de RVL03-002 e RVL03-003 e sobreposto a RVL03-018.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima. Internamente decorada de reticulados oblíquos e duas nervuras centrais.



0 5 cm
RVL03-007

RVL03-007

Rocha: R3 Painel A

Posição: Centro, à direita de RVL03-006 e sobreposto a RVL03-041.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima. Internamente decorada de algumas linhas oblíquas e de uma nervura central.



0 5 cm
RVL03-006

RVL03-006

Rocha: R3 Painel A

Posição: Centro, à esquerda de RVL03-002 e RVL03-003.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima. Internamente decorada de alguns reticulados oblíquos e de uma nervura central.



0 5 cm
RVL03-008

RVL03-008

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Direito, situado à esquerda de RVL03-009 e sobreposto a RVL03-033.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a

lâmina orientada para cima. Internamente decorada de incisões sub-horizontais e uma nervura central.



0 5 cm
RVL03-009

RVL03-009

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Direito, situado à direita de RVL03-008.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima. Internamente decorada de reticulados oblíquos e de uma nervura central.



0 5 cm
RVL03-010

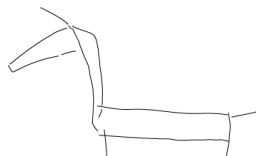
RVL03-010

Rocha: R3 Painel A

Posição: Centro, situado à esquerda de RVL03-011.

Descrição: Cervídeo voltado para o lado esquerdo do observador. Corpo retangular comprido com cauda curta e com o arranque da pata traseira da figura. O pescoço irregular é igualmente comprido e

retangular, com uma cabeça trapezoidal imperfeita e duas incisões que se assemelham a orelhas ou hastes.



0 5 cm
RVL03-011

RVL03-011

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Direito, situado à direita de RVL03-010.

Descrição: Cervídeo voltado para o lado esquerdo do observador. Esta figura dispõe igualmente de um corpo e pescoço retangular e comprido, com dois membros e uma cauda curtos e lineares. A cabeça do motivo é triangular e apresenta uma única incisão que forma a orelha ou haste da figura.



0 5 cm
RVL03-012

RVL03-012

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Direito, situado à direita do motivo RVL03-011.

Descrição: Zoomorfo orientado para o lado esquerdo do observador. Esta figura tem um corpo retangular comprido com duas patas longas tortuosas, uma cauda

comprida. O pescoço fica no seguimento do corpo seguido de uma cabeça incompleta, com duas linhas lineares que formam as hastes/orelhas da figura.



0 5 cm
RVL03-013

RVL03-013

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Central, situado à direita de RVL03-014 e sobreposto a RVL03-016.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima. Internamente decorada de reticulados oblíquos e de uma nervura central.



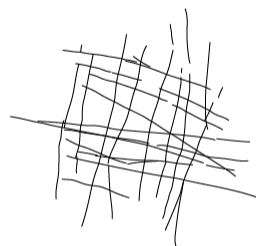
0 5 cm
RVL03-014

RVL03-014

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior central, situado à esquerda de RVL03-013 e sobreposto a RVL03-016.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima. Apresenta apenas uma nervura central.



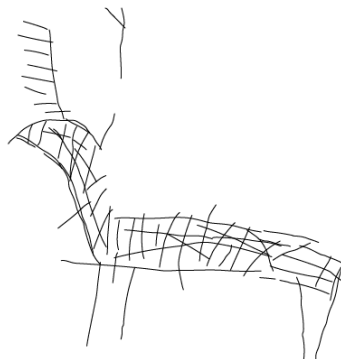
0 5 cm
RVL03-015

RVL03-015

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Central, situado por cima da figura RVL03-016

Descrição: Reticulado quadrangular composto por onze incisões horizontais e por dez incisões verticais.



0 5 cm
RVL03-016

RVL03-016

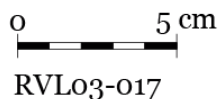
Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Central, sobreposto aos motivos RVL03-013 e RVL03-014.

Descrição: Cervídeo voltado para a esquerda do observador.

Corpo longo retangular preenchido com um reticulado que segue para o pescoço longo e a cabeça triangular da figura.

Membros retos com as extremidades abertas e duas hastes ramificadas.



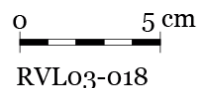
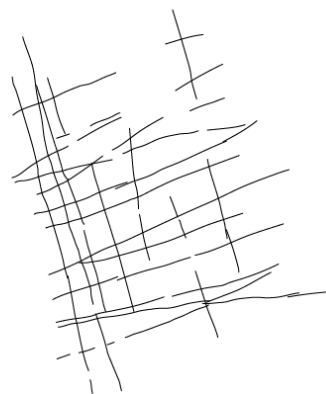
RVL03-017

RVL03-017

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior, situado abaixo de RVL03-036.

Descrição: Zoomorfo indeterminado direcionado para a direita do observador. Corpo irregular e esguio interrompido por um declive do painel. No entanto o corpo continua e forma a cauda, o pescoço e a cabeça da figura. Duas patas curvas. Uma linha paralela por cima da linha dorsal da figura.



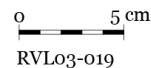
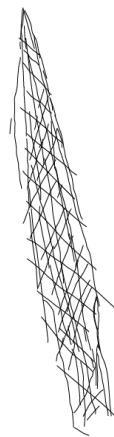
RVL03-018

RVL03-018

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior, situado entre as figuras RVL03-005 e RVL03-019.

Descrição: Reticulado retangular composto por treze incisões horizontais e por sete incisões verticais.



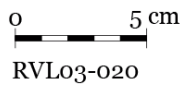
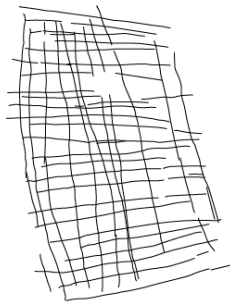
RVL03-019

RVL03-019

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Central, sobreposto à direita de RVL03-020.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima. Internamente decorada de reticulados oblíquos e diversas incisões verticais.

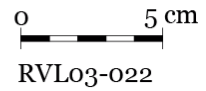
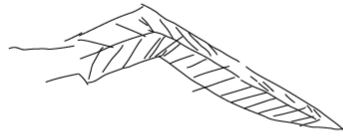


RVL03-020

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Direito, situado por cima da figura RVL03-019.

Descrição: Reticulado retangular composto por vinte e sete incisões horizontais e por onze incisões verticais.

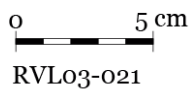
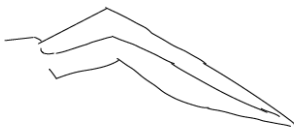


RVL03-022

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, abaixo de RVL03-021.

Descrição: Falcata de incisão simples, orientada para a direita do observador, com o cabo direcionado para baixo. Preenchida no interior por um conjunto de incisões paralelas oblíquas e por uma nervura central.

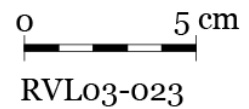


RVL03-021

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, acima de RVL03-022.

Descrição: Falcata de incisão simples, orientada para a direita do observador, com o cabo direcionado para baixo. No interior figura uma nervura central.

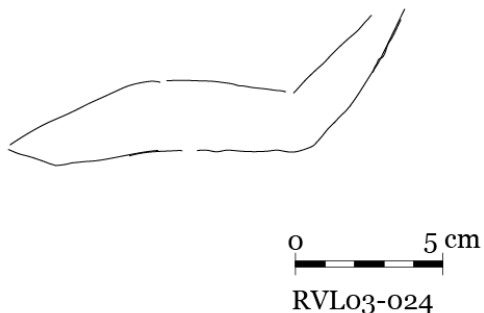


RVL03-023

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, acima de RVL03-021 e à esquerda de RVL03-020.

Descrição: Falcata de incisão simples, orientada para a direita do observador, com o cabo direcionado para baixo.

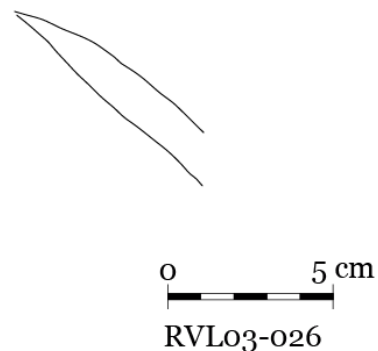


RVL03-024

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, sobreposto a RVL03-037 e RVL03-053.

Descrição: Falcata semelhante a uma foice, com a ponta da lâmina direcionada a esquerda do observador. Forma simples ligeiramente angulosa, com o cabo orientado quase na perpendicular do gume.

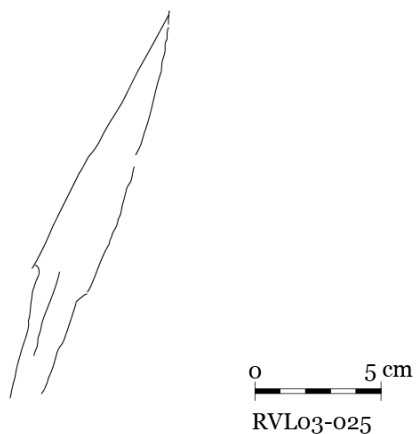


RVL03-026

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, acima de RVL03-028 e à direita de RVL03-025.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada de forma oblíqua com a lâmina orientada para a esquerda. Constituída de apenas duas linhas unidas na extremidade.

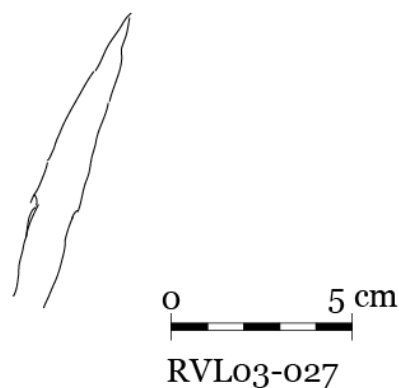


RVL03-025

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, acima de RVL03-027 e RVL03-029.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na subvertical com a lâmina orientada para cima. Pequena nervura central na base.

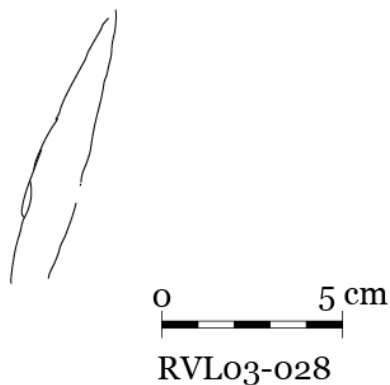


RVL03-027

Rocha: R3 Painel A

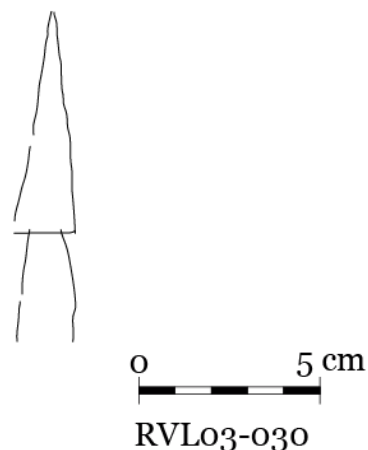
Posição: Limite Inferior Esquerdo, abaixo de RVL03-025 e à esquerda de RVL03-029.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na subvertical com a lâmina orientada para cima.



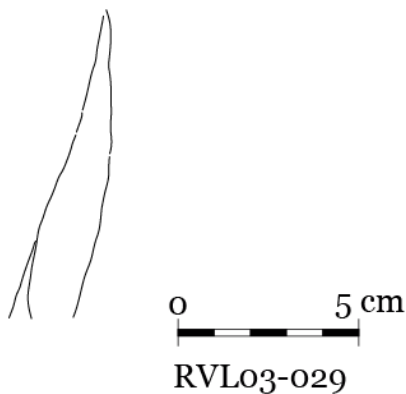
RVL03-028

Rocha: R3 Paineil A
 Posição: Limite Inferior Esquerdo, abaixo de RVL03-026 e acima de RVL03-029 e RVL03-030.
 Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na subvertical com a lâmina orientada para cima.



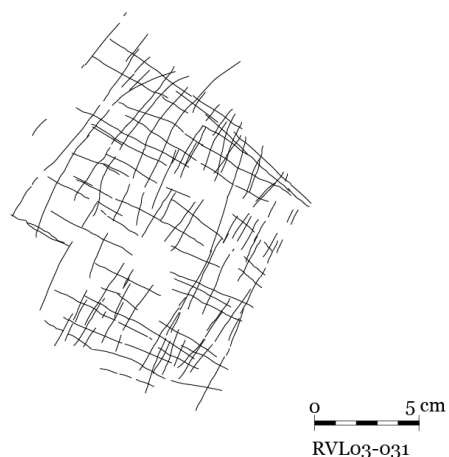
RVL03-030

Rocha: R3 Paineil A
 Posição: Limite Inferior Esquerdo, à direita de RVL03-027.
 Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima.



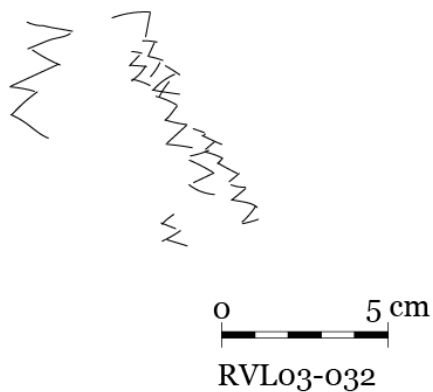
RVL03-029

Rocha: R3 Paineil A
 Posição: Limite Inferior Esquerdo, à direita de RVL03-027.
 Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima. Constituída de apenas duas linhas unidas na extremidade.



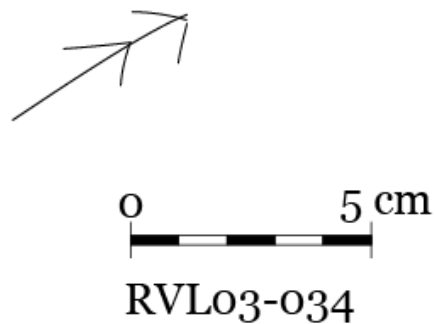
RVL03-031

Rocha: R3 Paineil A
 Posição: Limite Superior Esquerdo, situado à direita do motivo RVL03-032.
 Descrição: Reticulado quadrangular composto por vinte e cinco incisões horizontais e por trinta incisões oblíquas.



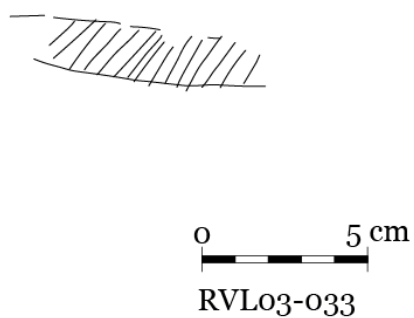
RVL03-032

Rocha: R3 Painel A
 Posição: Limite Superior Esquerdo, à esquerda de RVL03-031.
 Descrição: Conjunto de zigzagues dispostos na vertical.



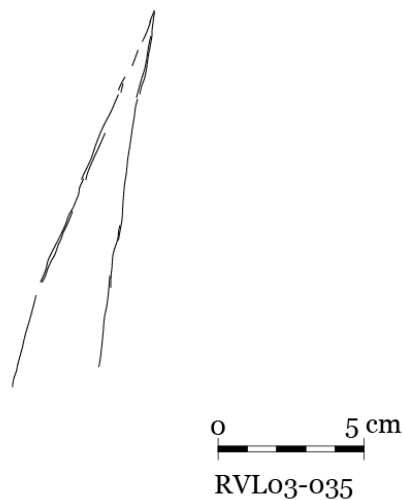
RVL03-034

Rocha: R3 Painel A
 Posição: Limite Superior Direito, à direita de RVL03-052.
 Descrição: Motivo indeterminado posicionado na vertical, semelhante ao motivo RVL01-070 da rocha 1. Este motivo aparenta a uma seta, com quatro incisões do lado esquerdo e três do lado direito, ou a uma haste com ramificações.



RVL03-033

Rocha: R3 Painel A
 Posição: Limite Direito, sobreposto ao motivo RVL03-008.
 Descrição: Reticulado retangular, preenchido de quinze incisões oblíquas.



RVL03-035

Rocha: R3 Painel A
 Posição: Limite Inferior Esquerdo, à esquerda de RVL03-005 e RVL03-018.
 Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na subvertical com a lâmina orientada para cima. Constituída de apenas duas linhas unidas na extremidade.



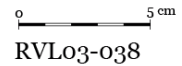
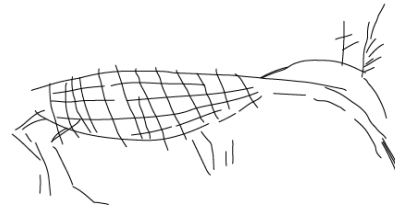
RVL03-036

RVL03-036

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, acima de RVL03-017 e à direita de RVL03-043.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples de pequeno tamanho, direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima.



RVL03-038

RVL03-038

Rocha: R3 Painel B

Posição: Limite Direito, abaixo de RVL03-039.

Descrição: Cervídeo orientado para a direita do observador. Corpo globular preenchidos de reticulados e quatro membros finos e curvos. Esta figura não tem pescoço, apenas dispõe de uma cabeça semicircular onde figuram duas linhas paralelas semelhantes ao esôfago e à língua e com duas hastes ramificadas. Este motivo é semelhante aos motivos RVL03-039, RVL01-013 e RVL01-082.



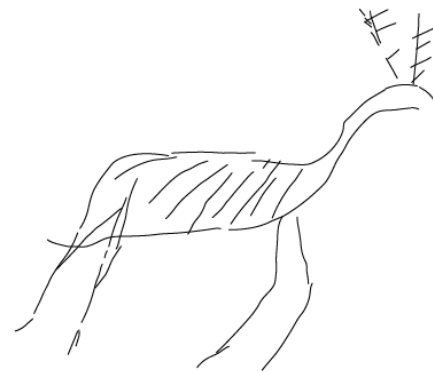
RVL03-037

RVL03-037

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Esquerdo, situado por cima do motivo RVL03-024.

Descrição: Reticulado retangular, composto por catorze incisões horizontais e por dezoito incisões verticais.



RVL03-039

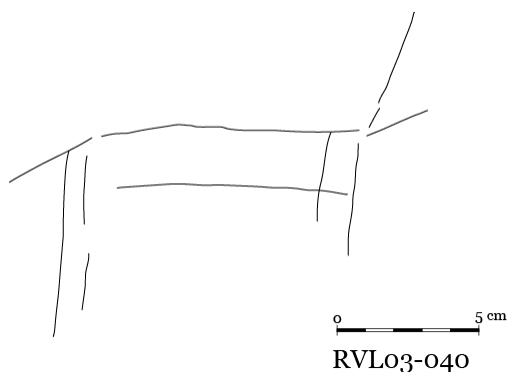
RVL03-039

Rocha: R3 Painel B

Posição: Limite Direito, acima de RVL03-038.

Descrição: Cervídeo orientado para a direita do observador. Corpo globular preenchido de linhas oblíquas paralelas e quatro patas compridas, finas e angulosas. O pescoço longo e curvo seguido da cabeça pequena de forma oval e de um par de hastes ramificadas. Este motivo é

semelhante aos motivos RVL03-038, RVL01-013 e RVL01-082.



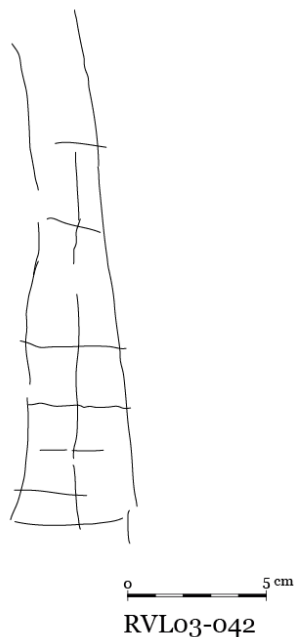
RVL03-040

Rocha: R3 Painel B

Posição: Limite Direito, à esquerda de RVL03-042 e acima de RVL03-051.

Descrição: Zoomorfo, voltado para a direita do observador. Corpo retangular comprido, duas patas retas com as extremidades abertas, cauda linear e duas incisões oblíquas no arranque do pescoço da figura. Ausência de cabeça.

lâmina orientada para cima. Preenchida de incisões oblíquas.

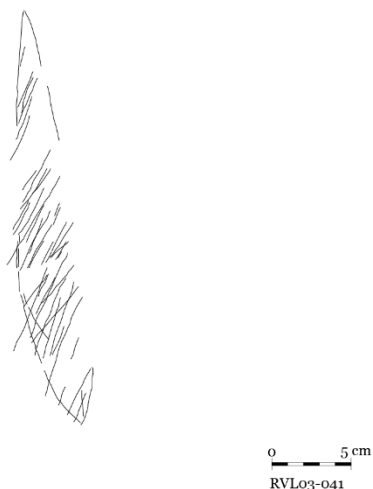


RVL03-042

Rocha: R3 Painel B

Posição: Limite Direito, à esquerda de RVL03-038 e RVL03-039.

Descrição: Reticulado retangular, composto por sete incisões horizontais e por três incisões verticais.

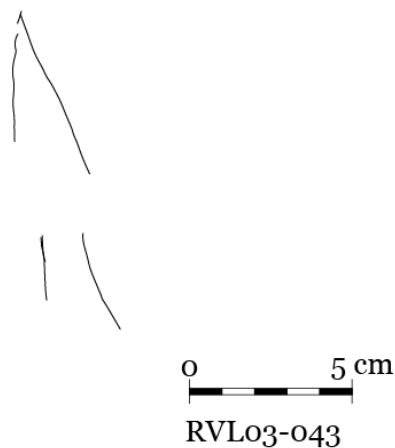


RVL03-041

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Direito, à direita de RVL03-006 e sobreposto a RVL03-007.

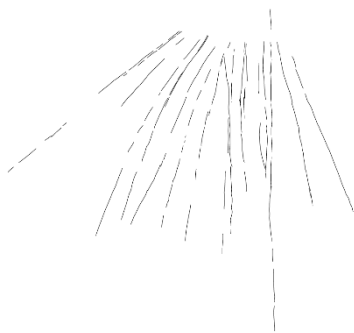
Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na vertical com a



RVL03-043

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Inferior Direito, à esquerda de RVL03-017 e RVL03-036.
 Descrição: Ponta de lança de incisão simples, interrompida no centro. Esta figura está direcionada na vertical com a lâmina orientada para cima.



0 5 cm
 RVL03-044

RVL03-044

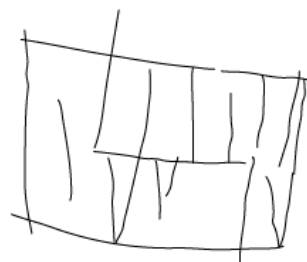
Rocha: R3 Painel A
 Posição: Limite Superior Direito, acima de RVL03-004, RVL03-008, RVL03-009 e RVL03-011.
 Descrição: Aglomerado de incisões oblíquas.



0 5 cm
 RVL03-045

RVL03-045

Rocha: R3 Painel B
 Posição: Limite Direito, à esquerda de RVL03-048 e RVL03-050.
 Descrição: Conjunto de ziguezagues dispostos na vertical e na horizontal.

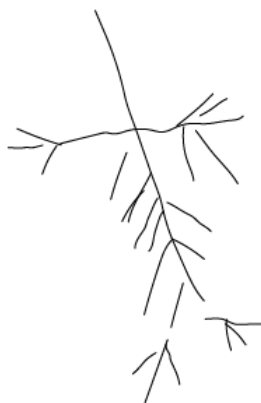


0 5 cm

RVL03-046

RVL03-046

Rocha: R3 Painel B
 Posição: Limite Direito, isolado na extremidade do painel.
 Descrição: Reticulado retangular, composto de treze incisões verticais e três horizontais.

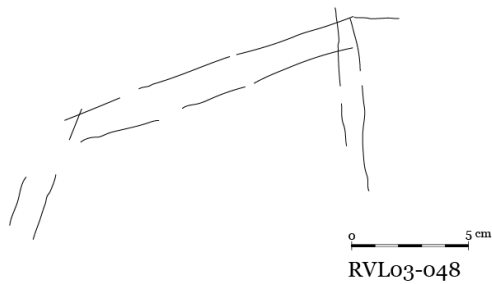


0 5 cm

RVL03-047

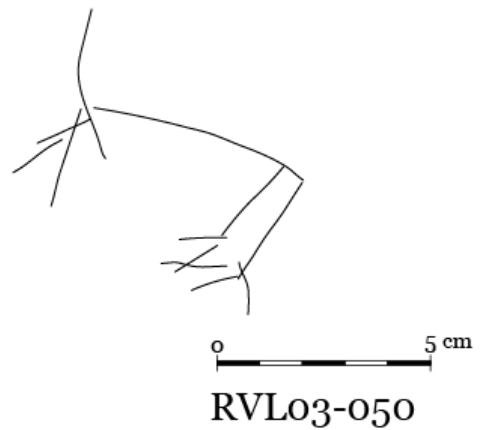
RVL03-047

Rocha: R3 Painel B
 Posição: Limite Direito, acima de RVL03-040.
 Descrição: Motivo indeterminado de difícil caracterização, possivelmente um antropomorfo acéfalo, em perspectiva frontal, com braços abertos e linhas paralelas oblíquas no tronco.



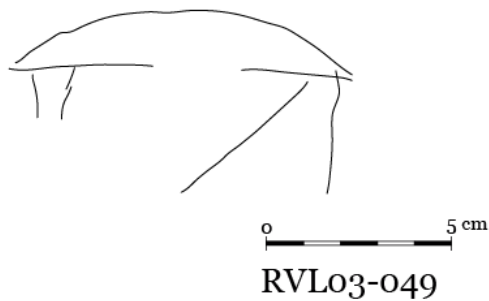
RVL03-048

Rocha: R3 Painel B
 Posição: Limite Direito, acima do motivo RVL03-050 e abaixo de RVL03-051.
 Descrição: Zoomorfo incompleto direcionado para a esquerda do observador. Corpo retangular comprido, duas patas retas com as extremidades abertas, cauda linear. Ausência de pescoço e de cabeça.



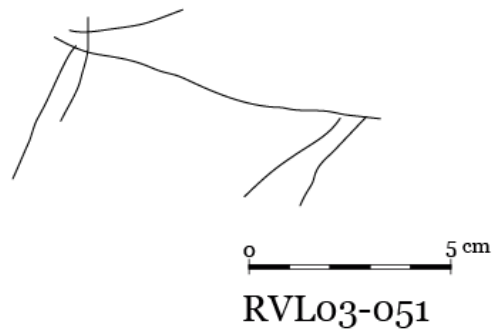
RVL03-050

Rocha: R3 Painel B
 Posição: Limite Direito, abaixo do motivo RVL03-048.
 Descrição: Zoomorfo de difícil caracterização, orientado para a esquerda do observador. Corpo linear com quatro patas lineares. As patas traseiras figuram com pequenas incisões nas extremidades semelhantes a patas de galinhas. Esta figuração de patas é parecida ao exemplar RVL01-013 ou ao motivo RVL01-071. O pescoço é linear sem representação da cabeça.



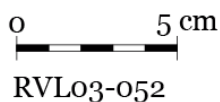
RVL03-049

Rocha: R3 Painel B
 Posição: Limite Direito, abaixo dos motivos RVL03-038 e RVL03-039
 Descrição: Zoomorfo de difícil caracterização. Corpo semicircular com quatro patas retas com as extremidades abertas. As duas patas dianteiras são curtas, enquanto as patas traseiras são mais longas, com a pata esquerda estendida.



RVL03-051

Rocha: R3 Painel B
 Posição: Limite Direito, entre os motivos RVL03-040 e RVL03-RVL03-048.
 Descrição: Zoomorfo direcionado para a esquerda do observador. Corpo linear comprido, duas patas retas com as extremidades abertas. Observa-se também uma linha oblíqua no arranque do pescoço.



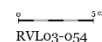
RVL03-052

RVL03-052

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Superior Central, acima do motivo RVL03-001.

Descrição: Conjunto de incisões paralelas subverticais.



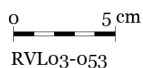
RVL03-054

RVL03-054

Rocha: R3 Painel C

Posição: Limite Superior Esquerdo, isolado dos restantes.

Descrição: Zoomorfo direcionado para a direita do observador. Corpo retangular alongado, duas patas compridas (a dianteira linear e a traseira incompleta, formada por duas incisões paralelas), cauda linear comprida e pescoço longo perpendicular ao corpo seguido de uma cabeça triangular pequena com duas orelhas lineares.



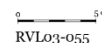
RVL03-053

RVL03-053

Rocha: R3 Painel A

Posição: Limite Esquerdo, sobreposto a RVL03-024.

Descrição: Ponta de lança de incisão simples, direcionada na subvertical com a lâmina orientada para cima. Preenchida de incisões subverticais.



RVL03-055

RVL03-055

Rocha: R3 Painel C

Posição: Limite Inferior Central, situado abaixo de RVL03-056 e RVL03-057 e à esquerda de RVL03-058.

Descrição: Zoomorfo direcionado para a direita do observador. Corpo linear alongado, duas patas compridas abertas nas extremidades, pescoço longo linear perpendicular ao corpo seguido de uma cabeça triangular com uma orelha linear.

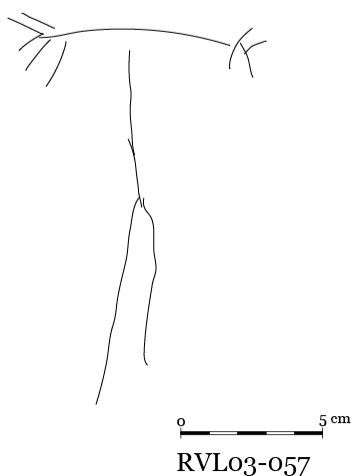


RVL03-056

Rocha: R3 Painel C

Posição: Limite Inferior Central, sobreposto a RVL03-057 e acima de RVL03-055 e RVL03-058.

Descrição: Zoomorfo incompleto direcionado para a direita do observador. Corpo formado por duas linhas paralelas que se alongam para a esquerda e para a direita e formam a pata traseira e o pescoço da figura. A pata dianteira é posteriormente adicionada.

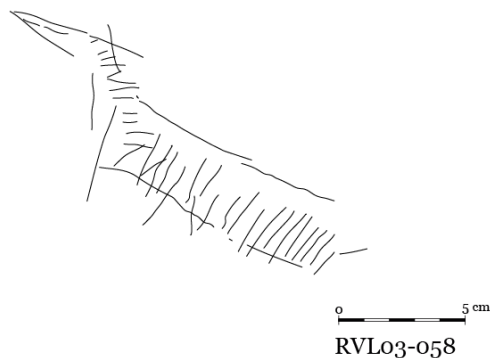


RVL03-057

Rocha: R3 Painel C

Posição: Limite Inferior Central, sobreposto a RVL03-056.

Descrição: Antropomorfo filiforme e acéfalo. Apresenta os braços abertos e dedos lineares. Esta figura é associada ao quadrúpede RVL03-056, sugerindo uma cena de monta de um cavaleiro.

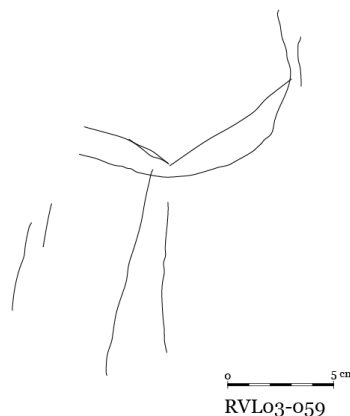


RVL03-058

Rocha: R3 Painel C

Posição: Limite Inferior Central, à direita de RVL03-055.

Descrição: Zoomorfo voltado para a esquerda do observador. Corpo retangular, pescoço curto e cabeça triangular ambos preenchidos de linhas perpendiculares paralelas. Esta figura contém igualmente duas orelhas lineares e apenas uma pata dianteira curta.



RVL03-059

Rocha: R3 Painel C

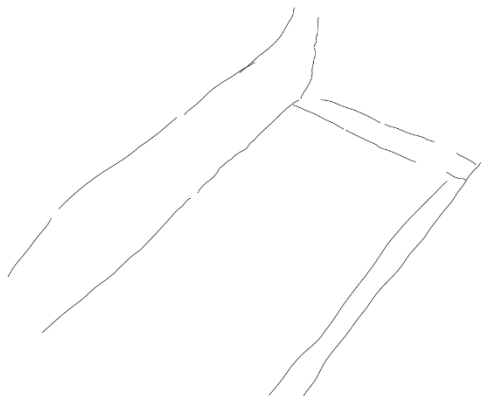
Posição: Centro, à direita de RVL03-060.

Descrição: Zoomorfo incompleto voltado para a direita do observador. Interrompido pelo declive da superfície rochosa, esta figura é constituída de um corpo interrompido retangular, duas patas abertas nas extremidades, um pescoço comprido e duas orelhas lineares. A cabeça aparente ausente do motivo.

Posição: Direita, acima dos motivos RVL03-059 e RVL03-060.

Descrição: Zoomorfo incompleto, voltado para a direita do observador.

Corpo retangular, duas patas abertas nas extremidades. A pata traseira é mais curta. A comprida pata dianteira continua e forma o pescoço longo da figura. A cabeça está ausente do motivo.



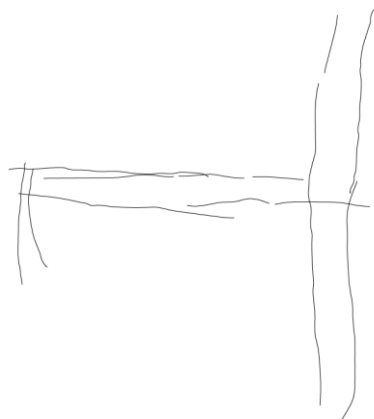
0 5cm
RVL03-060

RVL03-060

Rocha: R3 Painel C

Posição: Centro, à esquerda de RVL03-059.

Descrição: Zoomorfo incompleto, orientado para a esquerda do observador. Corpo retangular, duas patas compridas abertas nas extremidades. A pata dianteira continua e forma o pescoço curto da figura. A cabeça está ausente do motivo.



0 5cm
RVL03-061

RVL03-061

Rocha: R3 Painel C

5.4 Rocha 4

Descrição do dispositivo gráfico



Figura 75- Superfície do painel gravado da rocha 4.

Esta rocha (Figura 75, Figura 77) é constituída por um único painel pobremente gravado, sendo apenas de salientar um conjunto de incisões indeterminadas de difícil caracterização, às quais seria discutível atribuir uma cronologia específica. Contudo, no canto superior esquerdo do painel figura um conjunto de incisões que formam um reticulado (RVL04-01)¹⁴ (Figura 76).

¹⁴ Este conjunto de incisões foi primeiramente interpretado como uma lança (Reis 2012); no entanto, o decalque não o confirmou.

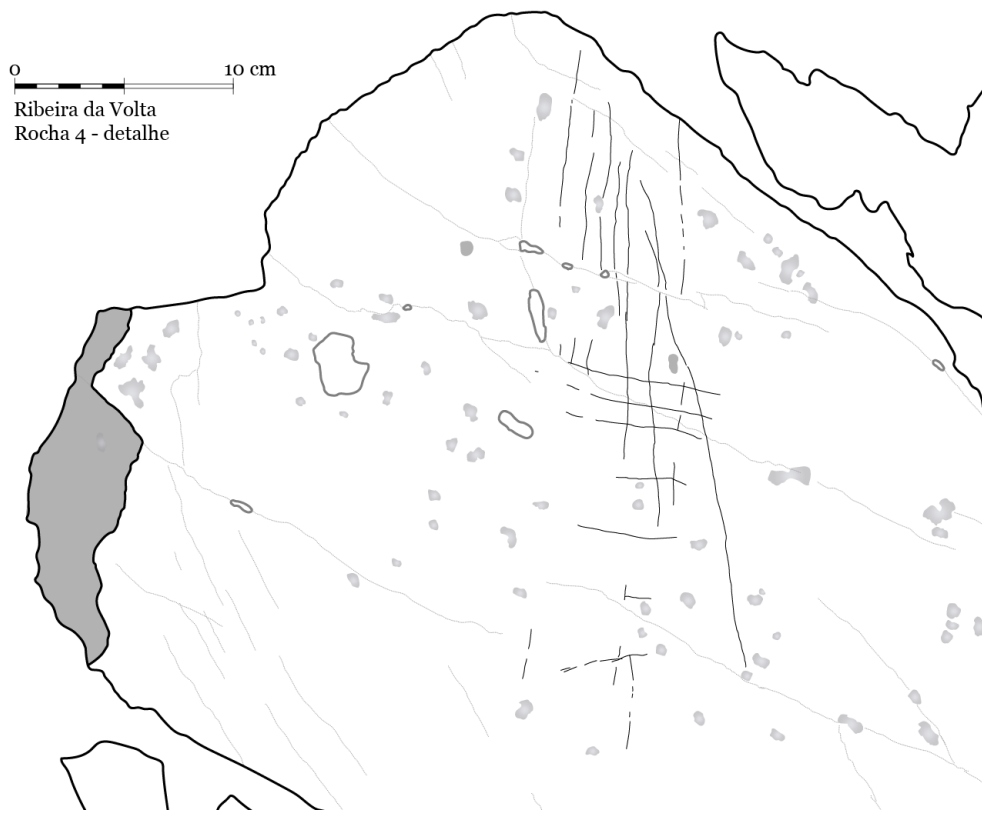


Figura 76 Detalhe do decalque da Rocha 4 da Ribeira da Volta

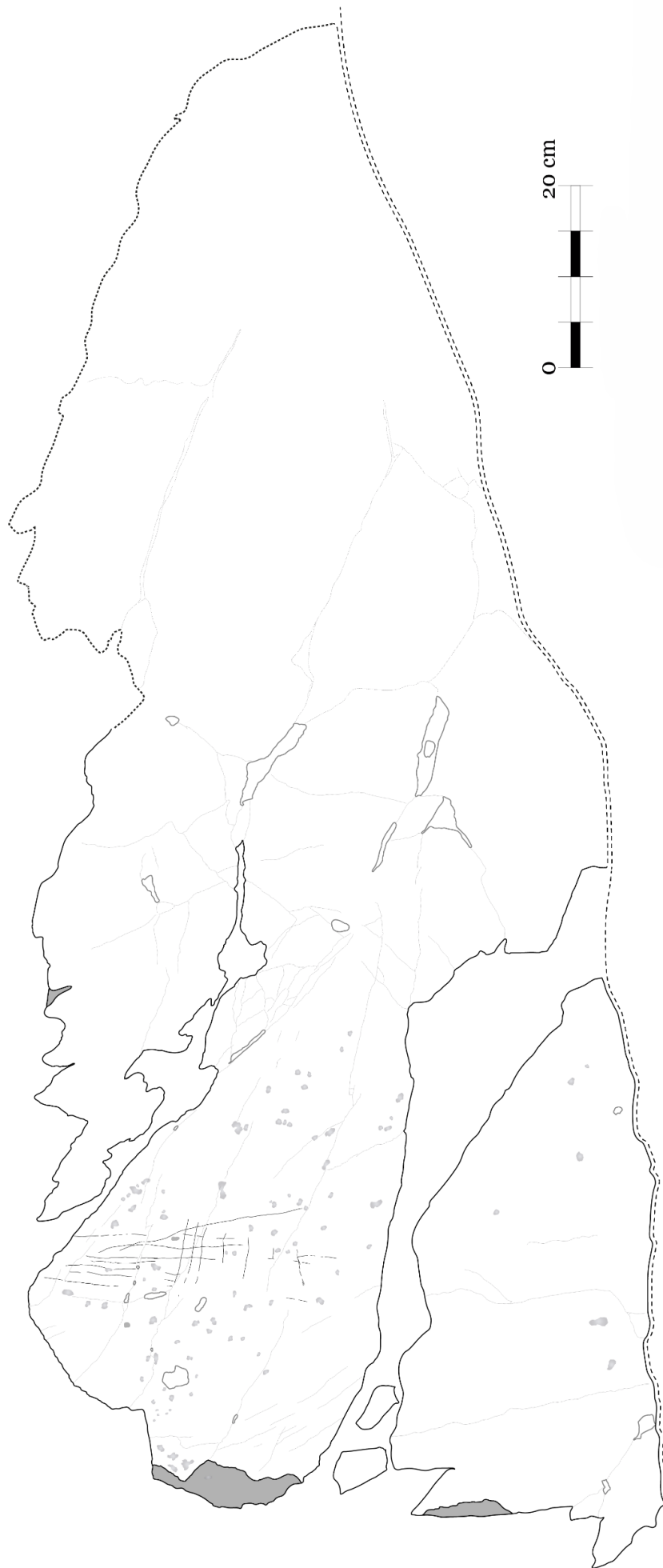


Figura 77- Decalque da rocha 4 da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luis Luis, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alesandra Olbrya (08/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

5.5 Rocha 5

Descrição do dispositivo gráfico

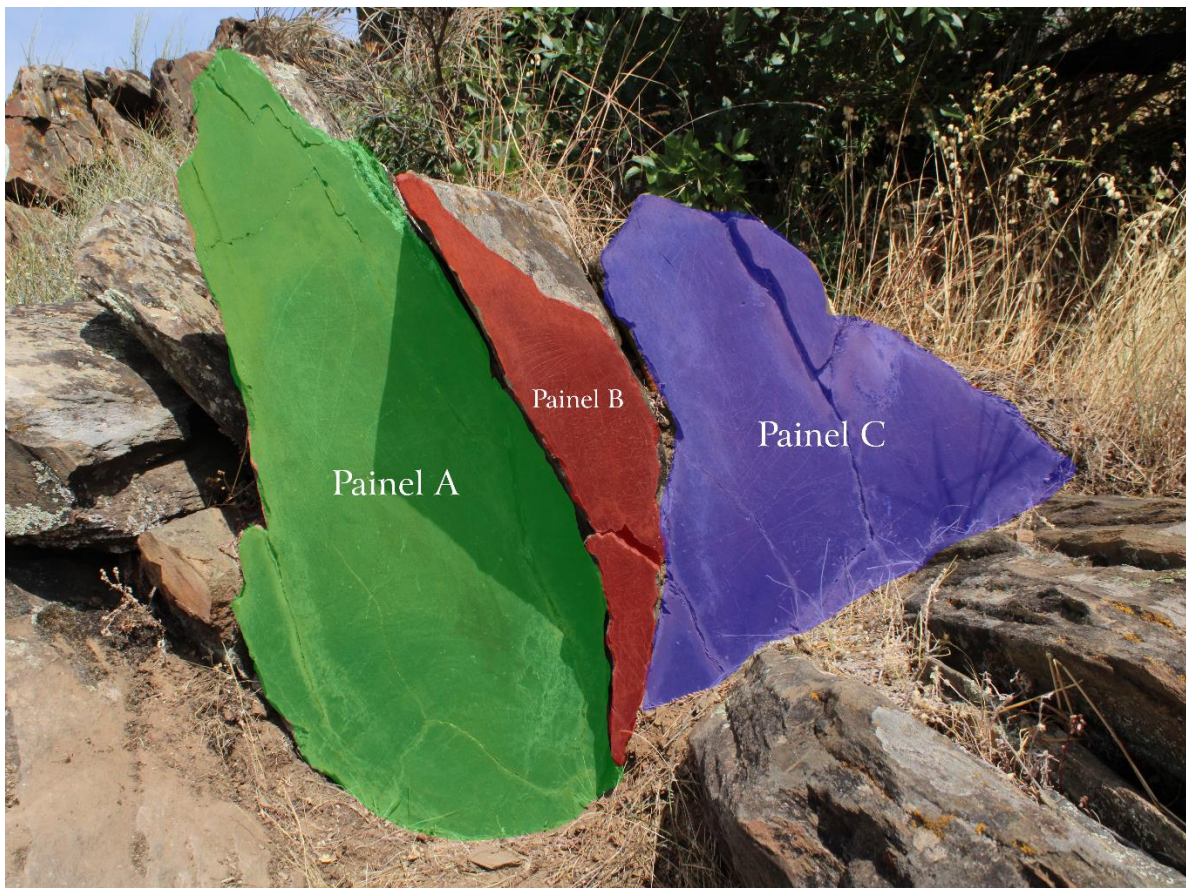


Figura 78- Divisão dos painéis da rocha 5 (painel Esquerdo, Central e Direito).

A Rocha 5 (Figura 78, Figura 80) exhibe um conjunto de gravuras de traço incisivo repartidas por três pequenos painéis justapostos (painel A, B e C).

No painel A, destaca-se um conjunto de gravuras variadas das quais salientamos dois motivos paleolíticos atribuíveis à fase 4 (Azilense) de produção gráfica da bacia do Douro, levemente gravados, correspondendo um deles a um cavalo (RVL05-001) e o outro a um quadrúpede indeterminado (RVL05-002) (Figura 79, Figura 81). O primeiro motivo é constituído por pescoço triangular e cabeça onde se percebe a fronto-nasal convexa, a ganacha muito marcada e a tábuca do queixo côncava, o que permite o diagnóstico específico do animal. Já o segundo caracteriza-se apenas pelo corpo e pescoço

triangulares. Estes grafismos muito degradados surgem com múltiplas incisões aparentemente raspadas na superfície rochosa. Esta particularidade dificultou em grande medida o levantamento das mesmas. Desta forma, o decalque destas gravuras apresenta-se parcialmente incompleto, tendo sido completado por um decalque a partir de levantamento fotográfico. Este painel é igualmente composto de dois reticulados de grande tamanho (RVL05-003 e RVL05-004), de uma inscrição (RVL05-005) e de alguns traços indeterminados que se sobrepõem aos motivos paleolíticos.

Nos restantes painéis figuram um conjunto de gravuras de difícil interpretação que, assim como os motivos geométricos do primeiro painel, aparentam ser de cronologia mais recente (Figura 81, Figura 82).



Figura 79- Detalhe do motivo paleolítico da Rocha 5 da Ribeira da Volta.



Figura 80- Decalque da rocha 5 da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luís Luís, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbryś (28/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

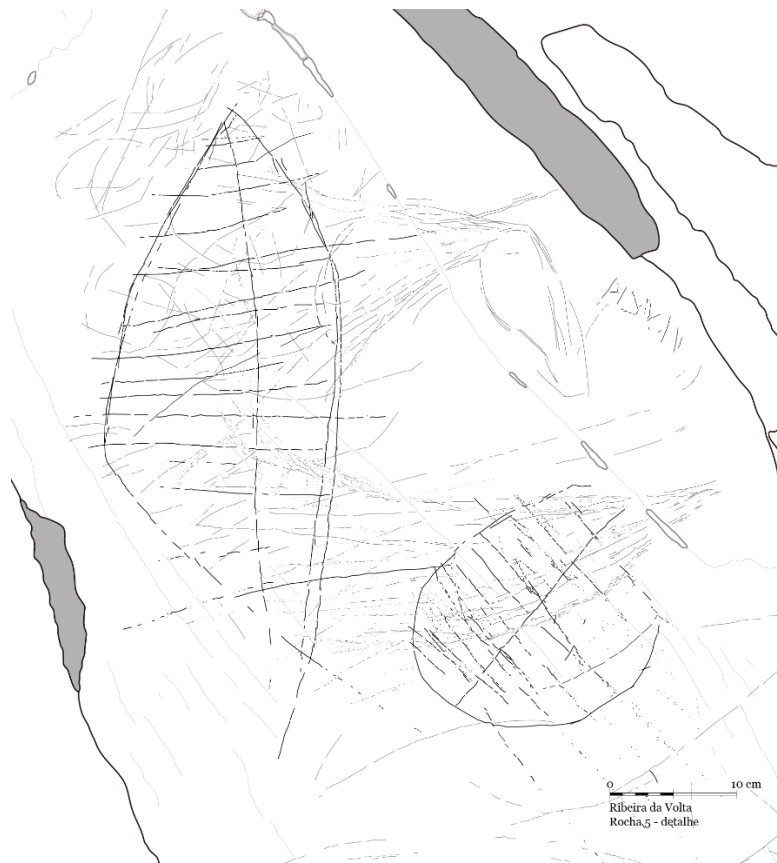


Figura 81- Detalhe do painel A da rocha 5 da Ribeira da Volta



Figura 82- Detalhe do painel B da rocha 5 da Ribeira da Volta

Descrição dos motivos

Descrição: Quadrúpede incompleto, voltado para a direita do observador. Observamos apenas o corpo triangular, construído a partir de múltiplas incisões.

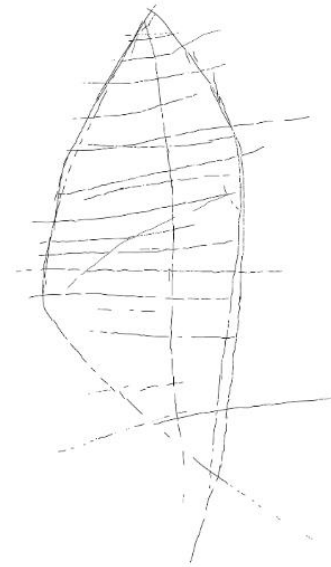


RVL05-001

Rocha: R5 Painel A

Posição: Centro, acima do motivo RVL05-002.

Descrição: Equídeo incompleto, voltado para a direita do observador. Corpo triangular, formado de múltiplas incisões, cabeça realista pouco perceptível.

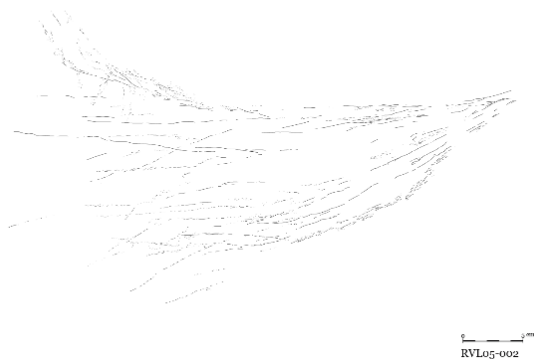


RVL05-003

Rocha: R5 Painel A

Posição: Centro, sobreposto aos motivos RVL05-001 e RVL05-002.

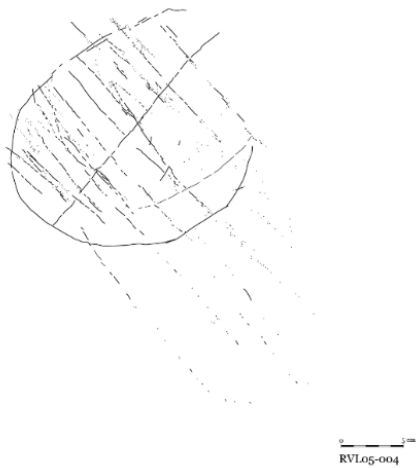
Descrição: Reticulado em forma de folha lanceolada, composto de quatro incisões subverticais, vinte horizontais e uma oblíqua.



RVL05-002

Rocha: R5 Painel A

Posição: Centro, abaixo do motivo RVL05-001.

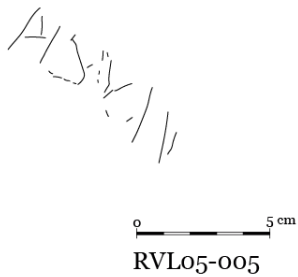


RVL05-004

Rocha: R5 Painel A

Posição: Centro, sobreposto ao motivo RVL05-002.

Descrição: Reticulado circular, composto de uma incisão sub-horizontal e cerca de vinte e uma incisões subverticais perpendiculares à primeira.



RVL05-005

Rocha: R5 Painel A

Posição: Centro, à esquerda do motivo RVL05-001.

Descrição: Inscrição indecifrável.

5.6 Rocha 6

Descrição do dispositivo gráfico



Figura 83- Superfície gravada da rocha 6 da Ribeira da Volta.

A Rocha 6 do núcleo da Ribeira da Volta (Figura 83 e Figura 84) possui um conjunto de motivos zoomorfos de difícil identificação, devido à degradação da superfície rochosa do painel. No entanto, no levantamento realizado, duas gravuras identificadas (RVL06-001, RVL06-002) assemelham-se a cervídeos, como os identificados na Rocha 1, isto é, corpo retangular em perfil absoluto, duas patas compridas com as extremidades abertas, pescoço longo, cabeça retangular e orelhas lineares (ainda que o motivo RVL06-0 não tenha cabeça). Já outros dois motivos (RVL06-003, RVL06-004) distinguem-se pelo corpo linear, patas definidas por duas linhas paralelas, no caso do motivo RVL06-003, ou duas patas lineares, no caso de RVL06-004 (Figura 85 e Figura 86).



Figura 84- Decalque da rocha 6 da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luís Luís, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Aleksandra Olbryś (28/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).



Figura 85- Cervideo RVL06-001 da rocha 6 da Ribeira da Volta.



Figura 86- Gravuras RVL06-002, RVL06-003, RVL06-004 da rocha 6 da Ribeira da Volta.

Descrição dos motivos



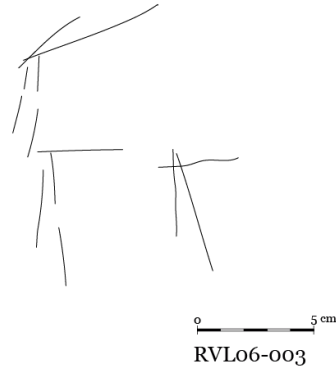
RVL06-001

Rocha: R6

Posição: Centro, isolado dos restantes motivos.

Descrição: Zoomorfo, possivelmente cervídeo, com o corpo voltado para o lado esquerdo do observador. Esta figura retrospectiva apresenta um corpo retangular em perfil absoluto definido por incisões paralelas, duas patas compridas e retilíneas, um longo pescoço reto seguido de uma cabeça triangular com um par de hastes simples.

compridas abertas nas extremidades, cauda curta e pescoço alongado perpendicular ao corpo. A cabeça está ausente do motivo.



RVL06-003

Rocha: R6

Posição: Limite Inferior Direito, situado acima de RVL06-004 e à direita de RVL06-002.

Descrição: Cervídeo, direcionado para a esquerda do observador. Corpo linear, duas patas retas com as extremidades abertas, cauda curta na horizontal. Observa-se igualmente o pescoço retangular perpendicular ao corpo, com duas incisões simples que devem formar as hastes ou orelhas da figura.

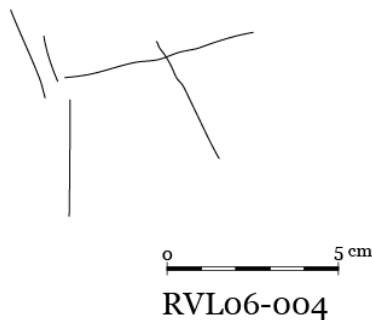


RVL06-002

Rocha: R6

Posição: Limite Inferior Direito, situado à esquerda de RVL06-003 e RVL06-004.

Descrição: Zoomorfo incompleto, orientado para a esquerda do observador. Corpo linear prolongado, duas patas



RVL06-004

Rocha: R6

Posição: Limite Inferior Direito, abaixo de RVL06-003 e à direita RVL06-002.

Descrição: Zoomorfo incompleto, voltado para a esquerda do observador. Corpo, patas e cauda lineares. O pescoço perpendicular ao corpo é representado por duas incisões paralelas. Ausência de cabeça no decalque.

5.7 Rocha 7

Descrição do dispositivo gráfico



Figura 87- Superfície gravada da rocha 7 da Ribeira da Volta.

A rocha 7 da Ribeira da Volta (Figura 87 e Figura 88) caracteriza-se por um único painel de tamanho médio repleto de gravuras rupestres. Esta rocha, que se encontrava coberta de terra aquando da sua identificação parcialmente (como o demonstra o registo fotográfico de 2022 e 2024 [Plataforma Online Fundação CôaParque, s.d.]), apresenta diversos traços incisos de difícil caracterização. Entre os grafismos, parcialmente dissimulados sob uma camada de coluvião recente (Figura 89 e Figura 90), identificam-se dois motivos zoomorfos de difícil caracterização (RVL07-001 e RVL07-002) e três concentrações de traços incisos (RVL07-003, RVL07-004 e RVL07-005).



Figura 88- Decalque da rocha 7 da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luís Luís, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbryś (27/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).



Figura 89- Registo Fotográfico de Mário Reis datado de agosto de 2022



Figura 90- Registo Fotográfico durante o levantamento a maio de 2024

Descrição dos motivos



0 5 cm
RVL07-001

RVL07-001

Rocha: R7

Posição: Limite Superior, abaixo de RVL07-005.

Descrição: Zoomorfo de difícil caracterização, voltado para a esquerda do observador. Corpo retangular comprido, pata dianteira linear, pata traseira constituída de dias incisões paralelas, cauda curta retangular. Cabeça quadrangular de pequeno tamanho.



0 5 cm
RVL07-002

RVL07-002

Rocha: R7

Posição: Limite Inferior, isolado dos restantes grafismos.

Descrição: Zoomorfo de difícil caracterização, voltado para a direita do observador. Esta figura tem um corpo retangular comprido com duas patas alongadas abertas nas extremidades. O pescoço fica no seguimento do corpo seguido de uma cabeça retangular e duas orelhas lineares. A cauda comprida é constituída de diversas incisões simples.



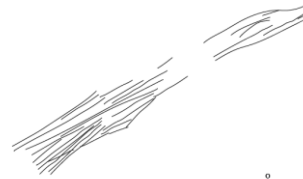
0 5 cm
RVL07-003

RVL07-003

Rocha: R7

Posição: Limite Superior, à direita de RVL07-004.

Descrição: Concentração de nove incisões sub-paralelas retas simples.



0 5 cm
RVL07-004

RVL07-004

Rocha: R7

Posição: Centro, à esquerda de RVL07-003.

Descrição: Concentração de dezanove incisões sub-paralelas retas simples.



0 5 cm
RVL07-005

RVL07-005

Rocha: R7

Posição: Limite Superior, acima de RVL07-001.

Descrição: Concentração de quatro incisões sub-paralelas curvas simples.

5.8 Rocha 11

Descrição do dispositivo gráfico



Figura 91- Superfície gravada da rocha 11 da Ribeira da Volta.

A Rocha 11 (Figura 91 e Figura 93) é constituída de um único painel, de grande dimensão, mas minimamente gravado. Com efeito, este painel contém apenas alguns traços incisivos indeterminados de difícil caracterização que se concentram no centro do painel (Figura 92).



Figura 92 Detalhe do decalque da Rocha 11 da Ribeira da Volta



Figura 93- Decalque da rocha II da Ribeira da Volta (Decalque direto- Eleonor Cadete, Luis Luis, Tania Mosquera Castro, Marcelo Silvestre, Alecsandra Olbrys (07/05/2024), Vectorização- Eleonor Cadete).

Capítulo 6:

Considerações Finais

6. Considerações Finais

6.1 Paralelos Iconográficos

O núcleo da Ribeira da Volta possui um conjunto tipologicamente diversificado de gravuras rupestres. Desde o Paleolítico Superior, com as figuras de cervas azilenses da rocha 5, à Idade do Ferro, com as gravuras de falcatas e pontas de lança da rocha 3, o núcleo da Ribeira da Volta acolhe um grupo relevante de registos. Por isso, foi essencial, para melhor compreender estes grafismos, executar uma documentação minuciosa e exaustiva utilizando diversos meios de registos. No presente capítulo procura-se, a partir do levantamento realizado, comparar os múltiplos exemplares assinalados no núcleo com outros registos gráficos da Península Ibérica, com o objetivo de identificar paralelos estilísticos que permitiram contextualizar de forma rigorosa os motivos da Ribeira da Volta. O trabalho desenvolvido permitiu-nos assim identificar paralelismos iconográficos relevantes para os grafismos do núcleo da Ribeira da Volta. Entre os quais:

Quadrúpedes

O trabalho realizado permitiu-nos verificar que o núcleo estudado compreende múltiplas representações zoomórficas, em particular quadrúpedes, que figuram segundo diversas tipologias nos painéis. Podemos destacar essencialmente três tipologias diferentes: a primeira corresponde aos cervídeos paleolíticos da rocha 5; a segunda equivale às múltiplas figuras de quadrúpedes retangulares representados nos painéis das rochas 1, 2, 3, 6 e 7 e a terceira representa os quadrúpedes globulares das rochas 1 e 3.

- Cervídeos paleolíticos (RVL05-001 e RVL05-002)

Identificados no painel esquerdo da rocha 5 da Ribeira da Volta, os dois quadrúpedes paleolíticos, um cavalo e um indeterminado, destacam-se do restante aglomerado de

motivos geométricos. Estas duas unidades gráficas (RVL05-001 e RVL05-002)¹⁵, foram atribuídos à fase 4 de produção gráfica da bacia do Douro, isto é, ao Azilense (Santos et al. 2018) e como tal, possuem diversos paralelos iconográficos no Côa. De facto, estas gravuras assemelham-se a diversos outros registos descobertos como, por exemplo, alguns cavalos das rochas 10 da Penascosa — como Pn10-01 ou Pn10-06 — ou 14 da Canada do Inferno — CII4-31 ou CII4-40 — ou quadrúpedes como os da rocha 17 da Penascosa, designadamente Pn17-03 (Santos 2019).

- Quadrúpedes de corpo retangular

Averiguamos que os quadrúpedes de corpo retangular são as representações que mais se evidenciam no núcleo da Ribeira da Volta. Presentes em 5 das 8 rochas decalcadas (rocha 1, 2, 3, 6 e 7), estas figuras apresentam uma tipologia simples, de perfil absoluto, com a exceção das hastes ou orelhas. Estes motivos possuem o corpo, membros e pescoço retangulares, formados a partir de incisões paralelas por vezes preenchidas com uma série de linhas oblíquas paralelas, têm uma cabeça regularmente triangular e uma cauda curta linear.

Este tipo de representação corresponde essencialmente a um de dois tipos de esquemas gráficos visíveis na Ribeira da Volta. O primeiro define a figura a partir de duas linhas paralelas que ligam a(s) pata(s) traseira(s), tronco, e pescoço, afunilando na zona da cabeça. A este esquema básico, adossam-se a(s) pata dianteira(s), conformada(s) por duas linhas retas junto da passagem do peito e, posteriormente, as hastes ou orelhas e a cauda linear (Figura 94). O segundo esquema gráfico, muito semelhante ao primeiro, constrói a figura a partir de duas linhas paralelas que definem o corpo e a(s) pata(s) traseira(s), às quais são adicionados, a partir de outras duas linhas paralelas, a pata dianteira, o pescoço e a cabeça. Este esquema gráfico utiliza o bordo dorsal do pescoço para traçar uma orelha, sendo a outra definida pelo prolongamento da linha da frontonasal; como no caso anterior, a cabeça é de configuração triangular e a cauda linear (Figura 95).

¹⁵ Sem deixar de mencionar os grafismos não decalcados da rocha 9 e 10 da Ribeira da Volta (Reis 2014).

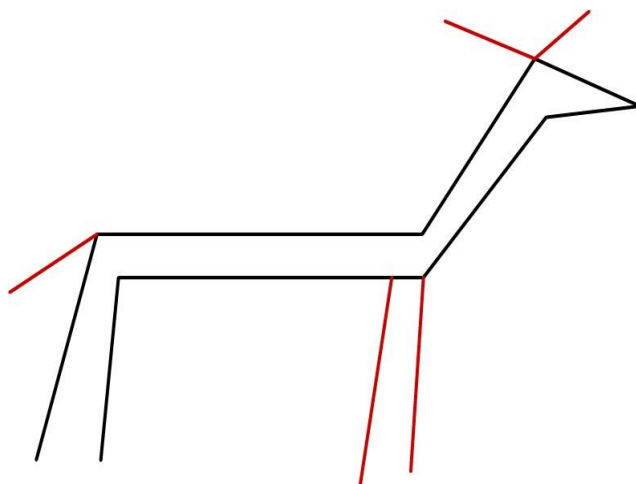


Figura 94- Primeiro esquema gráfico recorrente na Ribeira da Volta.

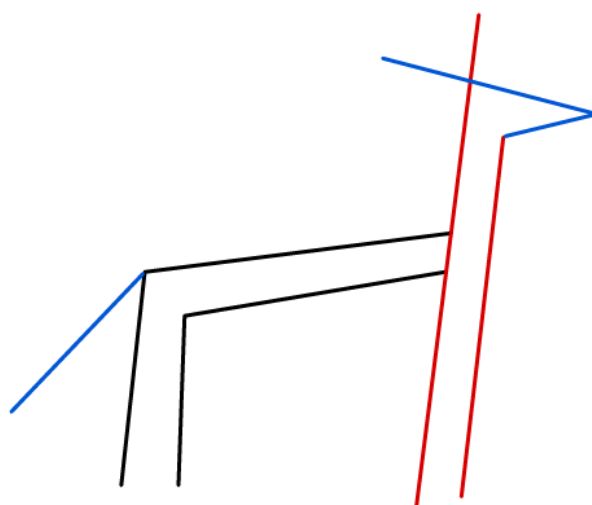


Figura 95- Segundo esquema gráfico recorrente na Ribeira da Volta.

Visíveis nomeadamente no motivo RVL01-047 — que replica o primeiro esquema gráfico mencionado (Figura 96) — e na figura RVL01-74 — que reproduz o segundo esquema (Figura 96) — estes dois tipos de construção gráfica são utilizados para representar zoomorfos, como cervídeos, equídeos e capríneos nos diversos painéis do núcleo da Ribeira da Volta. Esta tipologia é representada na maioria dos grafismos identificados no núcleo.

Deste modo, a identificação de paralelos iconográficos, para estas figurações, foi especialmente relevante. Assim, podemos referir um conjunto diverso de paralelos iconográficos identificados na Península Ibérica.



Figura 96- Motivo RVL01-047.

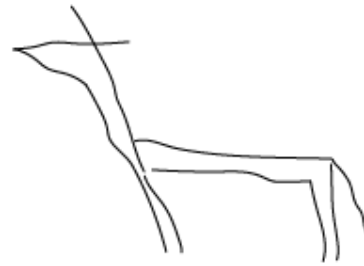


Figura 97- Motivo RVL01-074.

Assim, no que diz respeito a registos semelhantes identificados no Vale do Côa, destacamos os motivos da rocha 7 de Moinhos de Cima, a rocha I do Tudão e a rocha I da Quinta das Tulhas (Luís 2023). Estes motivos apresentam uma construção parecida com os motivos da Ribeira da Volta, especialmente o motivo RVL01-048 que, à exceção do preenchimento interno, possui o mesmo corpo retangular estreito e comprido e o par de hastes ramificadas imponentes.

Também observamos alguns exemplares na arte do Vale do Guadiana, como por exemplo o cervídeo 3 da rocha 3 de Mocissos (Figura 16), atribuído à Idade do Ferro. Este motivo possui igualmente um corpo retangular preenchido de incisões oblíquas paralelas e duas hastes ramificadas (Baptista e Santos 2013).

Do mesmo modo, em Espanha, no Arroyo de las Almas também evidenciamos representações próximas das gravuras da Ribeira da Volta. Salientamos, especialmente, a figuração do painel 8 da rocha I do núcleo II (Figura 19), que possui um corpo retangular e comprido decorado de incisões oblíquas paralelas, quatro patas lineares e uma cabeça oval completada de duas hastes ramificadas, características muito próximas das figurações do núcleo (Reis e Vázquez Marcos 2019).

Da mesma forma, o afloramento de Osseja, na Cerdanha (Figura 10), possui um conjunto de quadrúpedes proto-históricos semelhantes às tipologias referenciadas. Um corpo retangular, duas pernas com as extremidades abertas, pescoço comprido e cabeça triangular seguida de um par de orelhas lineares (Royo 2009, Campmajo 1993, Ferrer i Jané 2010).

Também podemos observar igualmente múltiplos paralelos iconográficos na arte rupestre atlântica ou nos chamados petroglifos galaico-portugueses do Noroeste peninsular, como por exemplo em Portaxes (Tomiño), de Quinta da Barreira (Valença), Chan das Tomadas (Nigrán) e Alargo dos Lobos (Redondela) (Pereira-Martínez *et al.* 2022) que incluem diversas figurações de quadrúpedes próximas dos motivos da Ribeira da Volta.

Estas múltiplas referências iconográficas, acima mencionadas, encontram-se registadas em diversos afloramentos rochosos dispersos no território peninsular. No entanto, existem outras figurações gravadas semelhantes aos quadrúpedes da Ribeira da Volta que se encontram em outros contextos. Destacamos nomeadamente o exemplo do castro de Yecla de Yeltes (Salamanca) que, como referido no primeiro capítulo, apresenta um conjunto de gravuras incisas, das quais se distingue uns quadrúpedes semelhantes às figuras identificadas na Ribeira da Volta (Valls 1983, Luís e Vázquez Marcos 2022). Estas figuras de corpo e patas retangulares, cabeça triangular, orelhas e cauda lineares, localizam-se nos blocos graníticos da muralha deste castro (Figura 18).

Da mesma maneira, existe um importante paralelo estilístico no sítio de Torre Cremada (Teruel). Este paralelo encontra-se em placa gravada reaproveitada como material de construção no torreão deste sítio ibero-romano. Esta placa, atribuída à Idade do Ferro, conserva um grupo de cavalos de traço inciso, caracterizados pelo seu corpo retangular, preenchido de incisões oblíquas paralelas, patas lineares, pescoço reto perpendicular ao corpo seguido de uma cabeça retangular, semelhantes às figuras do núcleo da Ribeira da Volta (Royo Guillén *et al.* 2006, Marco e Royo Guillén 2012).

Contudo, o nosso estudo também permitiu reconhecer alguns paralelos estilísticos em materiais mais antigos, designadamente na cerâmica campaniforme. Assim, referimos as figurações de recipientes da necrópole da Quinta do Anjo (Soares 2003) e do *Tholos* da Tituaria (Cardoso *et al.* 1996). Estas duas referências apresentam algumas cerâmicas decoradas de cervídeos com características similares a alguns dos motivos da Ribeira da Volta. De facto, observamos o corpo e patas lineares dos zoomorfos, seguidos de um pescoço comprido e duas grandiosas hastes ramificadas.

Também no espólio cerâmico de Vila Nova de São Pedro existem figuras similares aos quadrúpedes retangulares do núcleo (Martins *et al.* 2020). Designado por placas de tear, este espólio do 3º milénio a.C. regista diversos zoomorfos, entre os quais

se encontram cervídeos de corpo retangular, patas alongadas constituídas por linhas paralelas com as extremidades aberta e um pescoço comprido por vezes seguido de uma cabeça retangular e hastes ramificadas.

Estes paralelos iconográficos descobertos em cerâmicas do 3º milénio correspondem às referências mais antigas apontadas para o núcleo da Ribeira da Volta. Se valorizarmos o modelo da cronologia curta para a arte atlântica (e.g. Peña e Rey 2001), também deveríamos ter os respetivos zoomorfos entre os paralelos mais antigos. Por outro lado, no âmbito do modelo da cronologia longa (e.g. Santos Estévez 2007) estes zoomorfos são atribuídos precisamente à Idade do Ferro, período ao qual, como vimos acima, são atribuídos alguns achados de “arte móvel”. Esta grande amplitude cronológica dos paralelos para estas figuras levou-nos a questionar as características da tipologia identificada neste núcleo. Nomeadamente se os aspetos referidos, pelas suas particularidades, não podem ser identificados num grande panorama de referências estilísticas, independentemente dos valores socioculturais de cada comunidade. De facto, a tipologia específica dos quadrúpedes de corpo retangular do núcleo da Ribeira da Volta (corpo retangular, pescoço e patas compridas, orelhas lineares, etc..) corresponde a uma conceção simples e quase esquemática de um animal, sejam estes equídeos ou cervídeos. Este aspeto poderia assim explicar a longa diacronia identificada e a dificuldade de definição cronológica para esta tipologia específica.

- Quadrúpedes globulares (RVL01-013, RVL01-082, RVL03-038 e RVL03-0039)

Os motivos RVL01-013, RVL01-082, RVL03-038 e RVL03-0039 da Ribeira da Volta são motivos singulares com particularidades incomuns que os destacam das restantes representações do núcleo. Estas figuras de corpo arredondado preenchido de reticulados são semelhantes aos grafismos de período pré-esquemático do Vale do Tejo (Rosa 2012), especialmente os registados nos núcleos de S. Simão (SS210), Cachão do Algarve (CAL 61 M312, CAL 61(I) M247), Fratel (F49(I) B M1354, F101(I) A M396, F155) e Chão da Velha Jusante (CHJ 8) que possuem igualmente um corpo globular, decorado de reticulados, desproporcional em relação ao tamanho da cabeça, que se encontra rematada de um par de hastes, assim como membros longos e estreitos

(Garcês 2018). Contudo, estas representações encontram igualmente correspondências mais próximas na arte castreja das Astúrias. Particularmente no castro de Chao Samartín em Grandas de Salime onde sucederam escavações, em 1990, que permitiram descobrir diversos materiais, entre os quais uma placa gravada (Figura 14). Esta placa compreende duas gravuras incisas que representam dois cavalos de corpo oval, pescoço arqueado e esguio e patas curvas. Estas representações datadas do século IV a.C. correspondem aos paralelos mais próximos das figuras RVL01-013, RVL01-082, RVL03-038 e RVL03-0039 da Ribeira da Volta.

Antropomorfo (RVL03-057)

Como podemos mostrar neste estudo, a única figura antropomórfica identificada no núcleo da Ribeira da Volta situa-se no painel C da rocha 3. Esta representação de cavaleiro incompleta (RVL03-057) caracteriza-se pelo seu corpo filiforme de braços abertos, montado num zoomorfo, provavelmente um equídeo, igualmente incompleto (RVL03-056). Este tipo de representação é frequentemente observável em diversos registos da proto-histórica, nomeadamente em figurações de arte rupestre. De facto, como anteriormente referenciado, a temática equestre observa-se no território peninsular em diversos territórios, como na Alta Meseta Soriana ou por exemplo na Sierra del Guadarrama. No entanto, os paralelos iconográficos mais análogos ao motivo RVL03-057 encontram-se no Vale do Côa. Destes destacamos a rocha 3 da Canada do Arrobão, a rocha 22 do Vale do Forno, a rocha 177 da Foz do Côa e a rocha 6 da Quinta das Tulhas (Luís 2023). Estes exemplares, mais detalhados que a representação da Ribeira da Volta, retratam uma posição de braços e, por vezes, de dedos lineares semelhantes à figura do painel C da rocha 3 da Ribeira da Volta. Assim, ainda que incompleto, este motivo sugere uma cena equestre tipicamente proto-histórica e comumente identificável no panorama do Côa.

Armas

As armas identificadas no núcleo da Ribeira da Volta dividem-se em dois tipos de armamento: as falcatas e as ponta de lança. Exclusivamente observados no painel A da rocha 3, estes grafismos representam, assim como os cervídeos azilenses identificados na rocha 5, os “fósseis diretores” mais evidentes do núcleo. Deste modo, reagrupámos diversos paralelos iconográficos proto-históricos que poderão contextualizar de forma mais precisa as armas do núcleo da Ribeira da Volta.

- Falcata

A falcata é uma arma de tradição ibérica que emerge nas primeiras décadas do século V a.C. e que perdura até aos meados do século I A.C. (Quesada-Sanz 1997). Esta arma afiada surge no contexto proto-histórico pela sua especificidade vantajosa. De facto, a falcata era uma arma cortante, principalmente utilizada por infantes pela sua funcionalidade prática, eficaz e útil no combate (Quesada-Sanz 1997). Esta particularidade diferencia a falcata de outras armas perfurantes, como as espadas ou a muito semelhante machaira etrusco-italica, dado que a sua utilização não implicava uma mudança tática de armas (Quesada-Sanz 1997). Assim, a sua vasta praticidade e utilização fazem da falcata uma das armas peninsulares proto-históricas mais emblemáticas. Além disso, a falcata é maioritariamente representada em contextos arqueológicos funerários da Idade do Ferro. Esta aparição massiva permite acrescentar um valor simbólico significativo relacionado com uma função sacrificial e funerária da falcata. Este valor simbólico parece deste modo também se reproduzir nomeadamente nos grafismos rupestres que se localizam na Península Ibérica.

Destacam-se assim diversas representações iconográficas identificadas no território, que fornecem importantes paralelos iconográficos para os grafismos identificados na Ribeira da Volta. Salientamos os exemplares de arte móvel em Castelinho no Vale do Sabor, onde a falcata surge em exemplares móveis; o motivo inscrito numa estrutura da Citânia de Briteiros em Guimarães e os grafismos rupestres de Molelinhos (Tondela) e os do Vale da Casa e do Vale Escuro, ambos no Vale do Côa, os quais possuem algumas representações de falcatas nos afloramentos rochosos. Estes

diversos registos demonstram contextos distintos onde foram observados grafismos gravados de falcatas. O primeiro local corresponde ao sítio fortificado do Castelinho no Vale do Sabor, onde foram escavadas cerca de 25 lajes de xisto (Silva 2020). A arte móvel, recolhida nos sítios fortificados do Castelinho, atribuída à II Idade do Ferro (Cruz 2023, Silva 2020), dispõe de diversos grafismos interessantes pelo seu contexto arqueológico. Destes, releva-se um motivo semelhante a uma representação de falcata. Este motivo, descrito como ‘uma arma de grande porte curva, com punho oval e cabo decorado, inserida numa bainha rematada por conto arredondado’ (Silva 2020), foi o único observado no conjunto de lajes descritas no documento. Este registo, associado a um motivo antropomorfo, constitui um dos paralelos iconográficos essenciais para a melhor contextualização dos motivos da Ribeira da Volta, uma vez que esta representação foi identificada num contexto arqueológico datado. O segundo lugar que salientamos é a ‘Casa do Conselho’ da Citânia de Briteiros. Este local, interpretado como sendo um espaço de celebração, cerimónia ou possível atividade política no seio do povoado de Briteiros, dispõe de uma gravura que representa uma falcata, no interior da sua construção. De facto, foi num dos silhares de granito que formam o banco interior desta edificado que foi identificado, em 2021, este motivo específico (Cruz 2023). Inscrito desta vez numa estrutura da Idade do Ferro, este registo estabelece, assim como o caso de Castelinho, um paralelo iconográfico significativo para a interpretação dos motivos da rocha 3 da Ribeira da Volta. De facto, este motivo destaca-se não só pelo seu enquadramento proto-histórico mas também pela sua dimensão simbólica. O espaço onde se inscreve tem uma finalidade cerimonial, política e social dentro do povoado proto-histórico, o que evidencia o porte simbólico e emblemático que este motivo, mas sobretudo esta arma, representava para as populações proto-históricas neste período.

No que diz respeito aos afloramentos rupestres de Molelinhos, foram igualmente registadas representações deste armamento sidérico. De facto, este núcleo enquadra um conjunto de rochas abundantemente gravadas de motivos incisos de armas (Cunha 1991), dos quais evidenciamos as figurações de “lâminas afalcadas” do segundo painel (Cunha 1991). Estes motivos incisos equiparam-se às gravuras identificadas na Ribeira da Volta, revelando ser um excelente comparativo iconográfico a estas expressões.

Por fim, os últimos paralelos identificados encontram-se no Vale da Casa e no Vale Escuro do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Estes motivos registados em contextos semelhantes ao da Ribeira da Volta, constituem paralelos iconográficos

próximos das gravuras da Rocha 3 da Ribeira da Volta. O Vale Escuro possui apenas uma representação de falcata na rocha I (Reis 2013), enquanto o Vale da Casa compreende diferentes manifestações repartidas em três rochas (6, 10 e 150) (Luís 2023). Destes registos salientamos as falcatas retratadas na rocha 10 do Vale da Casa. Estes grafismos, distribuídos ao longo da superfície rochosa, possuem uma forma côncava e grandes proporções, comparativamente aos restantes registos que lhe são associados, características estas que se assemelham às das gravuras do painel A da rocha 3 da Ribeira da Volta.

- Pontas de lança

As representações de pontas de lança encontram diversos paralelos iconográficos no território ibérico. De facto, a figuração deste tipo de armamento não é invulgar no contexto proto-histórico peninsular. As lanças, uma arma com forte simbologia e utilização durante a Idade do Ferro, eram utilizadas por diversas classes nas sociedades proto-históricas e, deste modo, fazem parte do armamento mais identificado em contexto arqueológico (Quesada-Sanz 1997). Estas características transcrevem-se na iconografia proto-histórica, nomeadamente na arte rupestre.

Assim observamos diversas figurações de lanças no território ibérico, como as manifestações da Alta Meseta Soriana, da Cerdanha ou da Sierra del Guadarrama (Royo 2004, 2009), ou da Beira Alta, em Molelinhos (Cunha 1991). Brevemente abordados no Estado da Arte, estes núcleos de arte rupestre incluem múltiplas e distintas representações de lanças recorrentemente associadas a motivos antropomorfos.

No Côa, identificam-se também múltiplos exemplares de motivos de lanças. Nestes, o armamento é igualmente muitas vezes associado a antropomorfos, em cenas equestres, de caça ou bélicas. Sítios como a Vermelhosa, o Meijapão ou o Vale da Casa, entre outros, dispõem de inúmeros exemplares deste armamento. Agrupando os diferentes registos observados, sublinham-se cerca de duzentas e vinte figurações de lanças no Côa (Reis 2023).

No entanto, a figuração da ponta de lança como elemento-chave apenas, como observamos na rocha 3 da Ribeira da Volta, não é comum em gravuras rupestres em contextos proto-históricos. Assim, sublinhamos principalmente as representações identificadas nas estelas ibéricas do Baixo Aragão e da Catalunha, como as estelas de Mas

de Pere la Reina, de Mas de Magdalenas, de Tossal de les Forques ou a estela de Palermo em Caspe (Sanmartí i Grego 2007) (Figura 98). Nestas estelas evidencia-se regularmente a presença de pontas de lança. Datadas do século III a I a.C., são comumente identificadas em contextos funerários ou monumentos comemorativos, nos quais o carácter bélico é acentuado (Vargas 2013, Sanmartí i Grego 2007). Assim, regista-se regularmente nestas estelas, pontas de lança verticais justapostas num friso horizontal, por vezes relacionadas a inscrições, motivos geométricos, como ziguezagues, ou a figurações de guerreiros. Estas características assim como a tipologia dos grafismos lembram as figurações do painel A da rocha 3 da Ribeira da Volta.

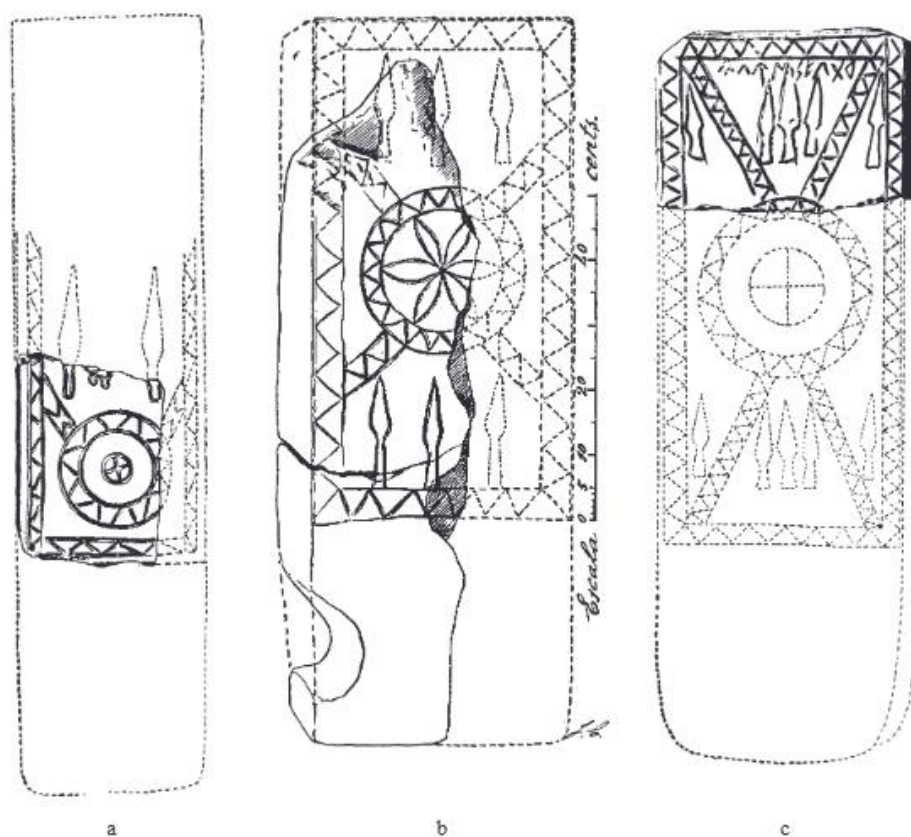


Figura 98- Estelas de Mas de Pere la Reina (a), de Mas de Magdalenas (b) e de Tossal de les Forques (c) (Sanmartí i Grego 2007).

Covinhas

Recorrentes em diversos contextos peninsulares, inclusive no panorama do Côa, estas manifestações abrangem uma cronologia ampla no panorama da arte rupestre. Da Pré-história recente a períodos já históricos (Reis 2023) estas representações, à partida

simples, continuam a representar um dilema no que diz respeito à sua complexidade simbólica. De facto, a temporalidade diversa destes registos e a sua falta de definição constituem particularidades que dificultam a interpretação e a contextualização destas representações nomeadamente no contexto peninsular. Relativamente à Idade do Ferro, existem diversos paralelos identificados nos territórios ibéricos que permitem desenvolver a análise destes grafismos. Relativamente ao território espanhol, foram registados alguns paralelos que indicam que as manifestações de covinhas parecem estar relacionadas com contextos proto-históricos.

Identificada na bacia central do Ebro nos inícios do século XX, a Cueva de las Cazoletas caracteriza-se pelo seu conjunto de grafismos proto-históricos entre os quais se destacam as covinhas (Royo e Gómez 2006). Estas gravuras, dispostas pelas paredes desta pequena gruta, situam-se próximas de um santuário e de um cemitério celtibérico, datados do século IV a II a.C. (Royo e Gómez 2006). Assim, estes grafismos foram muito cedo associados a estas estruturas e interpretados como figurações de carácter mitológico e astral de época sidérica (Royo e Gómez 2006). Outro local semelhante à Cueva de las Cazoletas encontra-se em El Baco, na região de Baixo Aragão (Royo 1999). Este povoado ibérico descoberto nos finais do século XX possui um conjunto de covinhas distribuídas nas fundações do povoado (Royo 1999). Descobertas aquando de uma escavação, estas manifestações rupestres foram encontradas numa laje próxima da entrada do lugar em níveis arqueológicos de cronologia proto-histórica (Royo 1999). Este contexto arqueológico específico permitiu relacionar estas gravuras com o panorama sidérico e questionar uma outra função destes grafismos, nomeadamente como material construtivo na edificação de El Baco (Royo 1999). Por fim, no castro, já referenciado, de Yecla de Yeltes próximo do Vale do Côa, foi também identificado um conjunto de gravuras da Idade do Ferro das quais covinhas (Valls 1983). Encontrados em diversos silhares inscritos na muralha deste castro, estes grafismos foram identificados como pertencendo ao período sidérico, na medida em que, assim como no caso de El Baco no baixo Aragão, estas manifestações parecem se relacionar diretamente com a construção deste local de cronologia proto-histórica (Valls 1983). Estes paralelos documentados no território espanhol permitem-nos compreender a forma como estes grafismos são representados no contexto peninsular da Idade do Ferro. No caso do Vale do Côa, existem diversas representações de covinhas dispersas

no território — rochas 3 de Vale de Figueira e do Vale da Casa ou na rocha 1 do Ponto da Serra. No entanto, estes grafismos nunca foram associados contextos da Idade do Ferro (Reis 2023). De facto, ainda que se encontrem diversas covinhas de cronologia pré-histórica e histórica no Côa, nunca foram identificadas covinhas em contexto claramente proto-histórico. Existe contudo um conjunto de manifestações identificadas com cronologia indeterminada, das quais fazem parte as gravuras da Ribeira da Volta. No entanto, nunca se tornou evidente apontar para a provável cronologia sidérica destas covinhas de cronologia indeterminada, uma vez que, como se observa nos exemplares de contexto espanhol, estas representações nunca foram diretamente relacionadas com um contexto proto-histórico particular. Ora, no caso da Ribeira da Volta, ainda que se encontrem diversas manifestações da Idade do Ferro nas superfícies rochosas do núcleo, estas apenas são indicativas do contexto arqueológico proto-histórico destas manifestações em específico. Desta forma, no caso da Ribeira da Volta, apontamos para uma cronologia indeterminada deste conjunto de covinhas do painel horizontal da Rocha 2.

Geométricos

O núcleo da Ribeira da Volta abrange um conjunto de representações geométricas de difícil caracterização. Nestas incluímos os escalariformes identificados na rocha 1, os diversos reticulados identificados na rocha 1, 3 e 5 e o conjunto de ziguezagues da rocha 1, 3. No entanto, existem algumas figuras na Ribeira da Volta que apresentam características particulares e às quais identificámos alguns comparativos iconográficos. Assim, sublinhamos os motivos RVL01-072 e RVL01-101 identificados no painel A da rocha 1 da Ribeira da Volta e igualmente o aglomerado de incisões circulares e semicirculares de difícil interpretação identificadas no painel B da rocha 5 da Ribeira da Volta.

O aglomerado de gravuras de difícil caracterização identificadas no painel B da rocha 5 da Ribeira da Volta, apresentam comparativos iconográficos, nomeadamente no Vale do Côa e no Vale do Guadiana. Estes registos evidenciam algumas semelhanças, nomeadamente o painel esquerdo da rocha 92 da Foz do Côa que apresenta uma representação de signo circular, preenchido de incisões semicirculares (Luís 2023) e a

rocha 50 da Moinhola no Vale do Guadiana que enquadra também um aglomerado de grafismos semicirculares incisos de tipologia semelhante (Baptista e Santos 2013). Estes dois exemplares cuja cronologia permanece incerta, correspondem aos paralelos mais próximos das gravuras da rocha 5.

Do mesmo modo, as figuras (RVL01-072 e RVL01-101) apresentam características que se aproximam de alguns comparativos iconográficos no Vale do Tejo. Repartidos nos núcleos de Fratel (F90(2) M1533, F117 M2, F129B M354, F124, F133A M334, F134), de Chão da Velha Jusante (CHJ5) e de Gardete (G7), estes paralelos replicam a mesma aparência 'solar' (Garcês 2018), característica dos elementos da Ribeira da Volta.

Contudo, além do Tejo, existem outras manifestações que apresentam algumas semelhanças a algumas figuras do painel A, designadamente as unidades RVL01-072 e RVL01-101. Destacamos assim as representações dos ídolos no Sul de Portugal e cerâmica oculada da bacia do Baixo e Médio Douro (Andrade *et al.* 2021, Barbosa 2024). Estes motivos do Neolítico e do Calcolítico aparecem em diversas tipologias, em placas de xisto gravadas provenientes de contextos habitacionais ou funerários ou em cerâmica maioritariamente identificada em contextos habitacionais, ainda que seja provável que tenham um valor simbólico em práticas cerimoniais destas comunidades (Barbosa 2024). Estas figuras de grande carga simbólica na Península Ibérica surgem em pares, geralmente com linhas conectoras, atributos que identificamos nos grafismos da Ribeira da Volta. Mencionamos assim os ídolos cilíndricos de calcário de Porto Torrão e Olelas (Andrade *et al.* 2021) e os registos de cerâmica oculada de São Lourenço, em Chaves (Jorge 1986), de Los Paradores de Castrogonzalo (Domínguez Bolaños 1991b), de Los Cercados em Mucientes (García Barrios 2005) e de Crasto de Palheiros em Murça (Sanches 2008, Pérez Iglesias 2018, Sanches *et al.* 2021) que possuem uma tipologia muito próxima dos motivos RVL01-072 e RVL01-101 da Ribeira da Volta. Tendo em conta os paralelos para os cervídeos atrás referidos, claramente datáveis do III milénio A.C, não podemos descurar estes outros, datados do mesmo período.

6.2 Conclusão

Nos últimos anos, o estudo da arte rupestre da Idade do Ferro tem-se desenvolvido na Península Ibérica. Devido nomeadamente ao crescimento do número de registos e contextos arqueológicos, a investigação da arte rupestre proto-histórica, ainda pouco estudada, tem conhecido uma nova realidade. Novas adições a este estudo têm surgido ao longo dos anos, enriquecendo os conhecimentos que temos desta época. De facto, a arte rupestre da Idade do Ferro na Península Ibérica possui um esquema complexo e diverso de representações gráficas. Estas manifestações, divididas e classificadas em diversos grupos distintos, segundo as características geográficas, tipológicas e estilísticas de cada uma, refletem não só a diversidade cultural, social e económica das sociedades proto-históricas na Península Ibérica como expressam também o seu pensamento e fundamento ideológico (Royo 2009).

Enquadrado neste panorama, a arte da Idade do Ferro do Vale do Côa dispõe de uma multitude de registos compreendidos nos diversos afloramentos rochosos, que já antes do descobrimento da arte paleolítica em novembro de 1991 por Nelson Rebanda (Rebanda 1995a, 1995b, Baptista 1999), vinham sendo investigados. De facto, a descoberta prematura do núcleo do Vale da Casa em 1982 foi apenas o prelúdio a diversas descobertas referentes à Idade do Ferro. É neste contexto que se enquadra o nosso estudo do núcleo da Ribeira da Volta que, desde a sua descoberta, em novembro de 2007 por Mário Reis, tem revelado um conjunto de representações singulares. De facto, a Ribeira da volta agrupa diversas manifestações artísticas pré-históricas, modernas e especialmente proto-históricas (Reis 2023) que se destacam dos restantes grafismos identificados na paisagem habitual do Côa. Assim, o presente estudo procurou analisar os diferentes grafismos que afloram no núcleo da Ribeira da Volta, de forma a contribuir para a investigação da arte proto-histórica, ainda pouco investigada no território português.

A compilação das referências bibliográficas relevantes, que deu início a este estudo, a fim de compreender o historial da arte rupestre da Idade do Ferro no território peninsular e igualmente no contexto do Côa, permitiu demonstrar a pertinência de considerar este período pouco estudado, nomeadamente no sítio da Ribeira da Volta. Esta pesquisa permitiu realizar um trabalho de campo rigoroso, durante

o qual se elaborou o levantamento por decalque dos diferentes painéis da Ribeira da Volta. Este trabalho foi elaborado com a adição do registo fotográfico e fotogramétrico que enriqueceram o levantamento dos diversos grafismos da Ribeira da Volta mas também a inventariação e caracterização das gravuras. Foi, nomeadamente, a partir deste processo que se realizou a comparação com os diversos recursos iconográficos, previamente estudados e a conceção das interpretações e das atribuições cronológicas para os grafismos da Ribeira da Volta.

Com este estudo pretendeu-se contribuir para a investigação geral da arte proto-histórica do Côa e da Península Ibérica. De facto, se excluirmos os grafismos pré-históricos e modernos da Ribeira da Volta, esta investigação permitiu dar ênfase a novas manifestações gráficas proto-históricas para o panorama geral peninsular. Desde a figuração de armamento da Idade do Ferro, como as falcatas e as pontas de lança, à representação de quadrúpedes, como cervídeos e equídeos, a Ribeira da Volta revela importantes figurações gráficas. Desde modo, o núcleo da Ribeira da Volta beneficiaria da continuação de um estudo exaustivo destes grafismos. Não só pela adição dos decalques das restantes rochas identificadas no núcleo mas igualmente pelo desenvolvimento e exploração do campo de pesquisa, uma vez que não foi possível abarcar todos os assuntos dadas as limitações de um estudo desta natureza, uma dissertação de Mestrado. De facto, a diversidade tipológica verificada, designadamente entre os cervídeos, e alguns dos paralelos identificados para parte deles obriga-nos a questionar a atribuição do conjunto a um mesmo período da Idade do Ferro. Será mesmo assim ou poderemos estar a relacionar realidades distintas, apenas aparentadas pela técnica e esquematismo das formas? São perguntas que só o aprofundar do estudo da arte da Idade do Ferro (ou a este período atribuída) da região e do seu contexto poderá, eventualmente, dar resposta.

Capítulo 7:

Referências bibliográficas

Bibliografia

Abreu, M. S., Arcà, A., Fossati, A., & Jaffe, L. (1998). Palaeolithic rock engravings at Vermelhosa, Côa Valley Archaeological Park, Portugal. *Proceedings of the XIII International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences - Volume 3*, pp.121–125. <https://doi.org/88-86712-45-6>

Abreu, M. S. de, Arcà, A., Jaffe, L., & Fossati, A. (2000). As gravuras rupestres de idade do ferro no vale de Vermelhosa (Douro, Parque Arqueológico do Vale do Côa): Notícia preliminar. In V. O. Jorge (Ed.), *Proto-história da Península Ibérica (Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. V)* (pp. 403–406). Porto: ADECAP. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23770>

Álvaro Bobadilla, E. (1989). Nuevos grupos de Arte Rupestre en la Meseta Norte. *Crónica del XIX Congreso Arqueológico Nacional, Seminario de Arqueología Vol. 2*, Universidad de Zaragoza, ISBN 84-600-7262-2, págs. 471-486.

Alves, F. M. (1938). Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. *Tomo X – Arqueologia, Etnografia e Arte*, Porto, pp.872.

Andrade, J. S. (1940). Vila Nova de Fozcoa. In Alcino Cordeiro, J. (ed.). *Anuário Da Região Duriense, Régua, Imprensa do Douro*, pp.498–505. <http://hdl.handle.net/10400.26/23814>

Andrade, M. A., Costeira, C., Mataloto, R. (2021). À sua imagem e semelhança. De deuses, ídolos e representações simbólicas em espaços de matriz habitacional durante os 4.º e 3.º milénios a.n.e. no Sul de Portugal. In *Ídolos, Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional, pp. 213-247.

Aubry, T., Luís, L., & Dimuccio, L. A. (2012). Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*, 39(4), 848-866. <https://doi.org/10.1016/j.jas.2011.10.011>

Aubry, T., Luís, L., & Dimuccio, L. A. (2015). Porque é que a arte do Coa se concentra na margem esquerda? Condicionantes geológicas e ambientais para a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Coa. *O Arqueólogo Português, 4/5 (Série V)* (2014-2015), 133-174. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23434>

Aujoulat, N. (1987). Le relevé des oeuvres pariétales paléolithiques – Enregistrement et traitement des données. Éditions de la Maison des sciences de l’homme, *Documents d’Archéologie Française*, 9.

Ballouard, M., Paillet, E., Paillet, P. (2024). A classification of La Madeleine (Tursac, France) horses using machine learning algorithm. *El Arte de las sociedades prehistóricas, The Art of prehistoric societies, VIII International Congress, ASP 2024 Salamanca*.

Baptista, A. M. (1983). O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*, 8, 57-69. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/24180>

Baptista, A. M. (1999). *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Baptista, A. M. (2001). Novas descobertas de arte paleolítica de ar livre no Alto Sabor (Trás-os-Montes, Portugal). *Instituto Português de Arqueologia*.
<http://hdl.handle.net/10400.26/23293>

Baptista, A. M. (2012). El arte Paleolítico en Portugal. in Ripoll López, S. (ed.), *Arte sin artista. Una mirada al Paleolítico*, Madrid: Museu Arqueológico Regional, pp.305-337.

Baptista, A. M. (2008b). Dos Principais Ciclos Rupestres Balanço breve. *Grandes Projetos da Arqueologia Portuguesa, Al-Madan*, Centro de Arqueologia de Almada, pp.128-145.

Baptista, A. M.; Díez M. G. (2002). L'art Paléolithique dans la Vallée du Côa (Portugal) – La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In : *L'art Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image* (Tautavel – Campôme, outubro. 1999), pp.187-205.
<https://doi.org/2-9518735-0-6>

Baptista, A. M., & Gomes, M. V. (1997). Arte Rupestre. In J. Zilhão (Ed.), *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996* (pp. 211-409). Lisboa: Ministério da Cultura. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23284>

Baptista, A. M., & Reis, M. (2008a). Prospecção da arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro português: Ponto da situação em julho de 2006. In R. de Balbín Behrmann (Ed.), *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa* (pp. 145-192). Junta de Castilla y León. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23286>

Baptista, A. M., & Reis, M. (2008b). Prospecção da arte rupestre na Foz do Côa: Da iconografia do Paleolítico à do nosso tempo, com passagem pela II Idade do Ferro. In J. Sampaio & A. T. Santos (Eds.), *Pré-história: Gestos intemporais. (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Actas das sessões; Vol. 1)* (pp. 62-95). Porto: ACDR de Freixo de Numão. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23285>

Baptista, A. M., Rodrigo, José Javier Fernández, Santos, A., & C. Taberner. (2013). La documentación de grabados paleolíticos al aire libre como apoyo a una gestión compleja: una propuesta de Côa (Portugal) y Siega Verde (Salamanca, España). *Cuadernos de Arte Rupestre*, 6, pp.103–112.

Baptista, A. M. e Santos, A. (2013). A arte rupestre do Guadiana português na área de influência do Alqueva. EDIA (Empresa de desenvolvimento de infraestruturas do Alqueva) e DRCALEN (Direção Regional da Cultura do Alentejo) (eds.). *Memórias d'Odiana – 2ª Série*.

Barbosa, H. (2024). A função social da decoração oculada na cerâmica pré-histórica da bacia do Baixo e Médio Douro. In Botica, N., Vilaça, R., Luís, L. & Blanco-Rotea, R., eds. *A paisagem da arte rupestre na Pré e Proto-história no Alto Douro Português*. Universidade de Braga, pp. 106–119.

Barbuti, P., Fuentes, O., Konik, S., & Geneviève Pinçon. (2023). Le relevé interdisciplinaire d'art pariétal paléolithique en trois dimensions : intérêt, méthode et premiers résultats. *Humanités Numériques*, 7. <https://doi.org/10.4000/revuehn.3410>

Botica, N., Vilaça, R., Luís, L., Blanco-Rotea, Rebeca. (2024). Projeto RARAA- Arte Rupestre da Idade do Ferro e ocupação no sítio do alto das malhadas. *A Paisagem da arte rupestre na pré e proto-história no Alto Douro português*. pp.16-37.

Campmajó, P. (1993). Témoignages écrits de la présence d'Ibères en Cerdagne. *Documents d'Archéologie Méridionale*, 16. Lattes (France), pp. 104-110.

Chauvière, F. X., Tymula, S., Calame, A., & Isabelle, D. (2018). Conservation et évolution des surfaces rocheuses gravées et piquetées de la Vallée du Côa: les données du projet "Quinta da Barca Sul". 200 Séculos Da História Do Vale Do Côa: Incurões Na Vida Quotidiana Dos Caçadores Artistas Do Paleolítico, *Trabalhos de Arqueologia*, 52, pp.443–477. <https://doi.org/978-989-8052-14-8>

Côa Parque (2023). <https://arte-coa.pt/parque/> [Consultado a 08/09/2025]

Collado Giraldo, H. (2006). Arte rupestre en la Cuenca Del Guadiana: el conjunto de grabados del Molino Manzániz: (Alconchel-Cheles). António Carlos Silva (coord.). Angela Marcos Pascual (rev.) EDIA-Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva. *Memórias d'Odiana Estudos Arqueológicos do Alqueva*, 4, pp.545-559.

Collado Giraldo, H. (2015). New Representations of "Chariots" in the Rock Art of Extremadura and Some Considerations of the Archaeological Context. *Arts*, 4, pp.49-60.

Cruz, G. (2023). A propósito de uma gravura de arma da Citânia de Briteiros (Norte de Portugal). Iconografia guerreira no final da Idade do Ferro. *Biblos. Número 9, 3ª Série*, pp. 351-383.

Cruz, D. J. da (1998). Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V-II milénios a.C.). In *Actas do Colóquio "A Pré-história da Beira Inteira* (Tondela, novembro. 1997), Viseu, pp.149-166.

Cunha, A. L. da (1991). Estação de arte rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 1990). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 253–258.

Domínguez Bolaños, A. (1991b). Los Paradores de Castrogonzalo. Un yacimiento calcolítico y romano. *Anuario del Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo*, (pp. 191–207), CSIC.

Domínguez García, A., Aldecoa Quintana, M. A. (2017). Arte Rupestre en la Zepa de la Serena. In Collado Giraldo, H., García Arranz, J.J (ed.). *Corpus de Arte Rupestre en Extremadura. Vol. II*, Junta de Extremadura, Consejería de Cultura y Turismo, Dirección General de Patrimonio Cultural.

Dufayet, C. (2023). Les méthodes de relevé dans l'art préhistorique. *Hominidés*, Les évolutions de l'Homme, de Toumaï à Homo sapiens <https://www.hominides.com/articles/les-methodes-de-releve-dans-art-prehistorique-avant-1966>

Fossati, A. (1996). The Iron Age in the Rock Art of Vermeliosa, Portugal. *Tracce*, 5. <http://hdl.handle.net/10400.26/24922>

Fuentes, O., Lepelé, J., Pinçon, G. (2019). Transferts méthodologiques 3D appliqués à l'étude de l'art paléolithique : une nouvelle dimension pour les relevés d'art préhistorique. In *Situ*, 39 DOI: 10.4000/insitu.21510 <http://journals.openedition.org/insitu/21510>

Garcês, S. (2018). Corpus do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo. Mação: série AREA DOMENIU - suplemento especial. Instituto Terra e Memória.

- García Barrios, A. S. (2005). Dos singulares testimonios de cerámica simbólica en el valle medio del Duero: los rostros calcolíticos de “Los Cercados” (Mucientes, Valladolid). *Zephyrus*, 58, 245–259.
- Gomes, M. V. (1983). Arte Esquemática do Vale do Tejo, *Zephyrus*, vol. XXXVI (Actas do I Colóquio Internacional sobre Arte Rupestre Esquemática da Península Ibérica), pp. 227-285, Salamanca.
- Gomes, M. V. (1999). A “Bicha Pintada” (Vila de Rei, Castelo Branco) e as serpentes na Proto-história do Centro e Norte de Portugal. *Estudos Pré-históricos*, 7, pp. 221-240.
- Gomes, M. V. (2002). Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. *Arqueologia 2000 Balanço de um século de Investigação Arqueológica em Portugal. Arqueologia e História*, V.54, pp.139-194.
- Gomes, M. V. (2010). *Arte Rupestre do Vale do Tejo: Um ciclo artístico-cultural pré e proto-histórico*. [Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa].
- Gomes, M. V. & Monteiro, J. P. (1974–1977). As rochas decoradas da Alagoa. Tondela—Viseu. *O Arqueólogo Português, série 3, VII-IX*, pp. 145–164.
- Gomes, S. A. (2016). Os vestígios pré-históricos e a materialidade salazarista. Contributos para uma História da Pré-história em Portugal. *Estudos Do Quaternário / Quaternary Studies*, 14, APEQ, Braga, pp.27–38.
<https://doi.org/10.30893/eq.v0i15.130>
- Gómez-Barrera, J. A. (1992). Manifestaciones de la facies esquennática en el centro y norte de la Península Ibérica. *Espacio, Tiempo y Forma, Serie I, Prehist. y Arqueol.*, V, pp. 231-264.
- Jané, J. F. (2010). La llengua i l'escriptura ibèrica a la Cerdanya. *Ker*, pp.50-59
- Jorge, S. O. (1986). *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental): bases para o conhecimento III e princípios do II milénios A.C. no Norte de Portugal*. [Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto].
- Lemos, F. S. (1994). Dossier Côa I: o relatório de impacte patrimonial (1989). *Forum*, 15/16, Braga: Universidade do Minho, pp.141-156.
- Lemos, F. S. (1995). Arcaísmos na Arqueologia Portuguesa. *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp.767-770.
- Les méthodes de relevé dans l'art préhistorique avant 1966 - Hominides. (2023). Hominides. <https://www.hominides.com/articles/les-methodes-de-releve-dans-art-prehistorique-avant-1966/> [Consultado a 08/09/2025]
- Luís, L. (2008). Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro: Perspectivas de investigação da Proto-história no Vale do Côa. In R. de Balbín Behrmann (Ed.), *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa* (pp. 415-438). Junta de Castilla y León. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23658>

Luís, L. (2009). “Per petras et per signos”: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história. In P. J. Sanabria Marcos (Ed.), *Lusitanos y vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo - Cáceres* (pp. 213-240). Cáceres: Junta de Extremadura; Museo de Cáceres (Memorias; 9). Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23659>

Luís, L. (2009b). Rock Art as Land Art: A Diachronic View of the Côa Valley (NE Portugal) Post-Palaeolithic Rock Art. In R. de Balbin Behrmann, P; Bueno Ramirez, R. Gonzalez Anton & C. Del Arco Aguilar (eds.), *Grabados rupestres de la fachada atlántica europea y africana: Rock Carvings of the European and African Atlantic Façade*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series: 2043), pp. 129-147.

Luís, L. (2010). A construção do espaço numa sociedade proto-histórica: A arte rupestre do Vale do Côa. In F. de Oliveira, J. de Oliveira, & M. Patrocínio (Eds.), *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas (Vol. 3: História, Arqueologia e Arte)* (APEC; CECH, Vol. 3, pp. 53-67). Coimbra. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23662>

Luís, L. (2016). As Gravuras da Idade do Ferro no Vale do Côa. *Vaccea Anuario*, 9, 60-70. Disponível em <http://www.pintiavaccea.es/download.php?file=017.pdf>

Luís, L. (2021). No limiar: Diferentes escalas de análise da arte da Idade do Ferro no limite ocidental da Meseta. *Iberografias: Revista de Estudos Ibéricos*, 17, 95-116. Disponível em <https://www.scribd.com/document/544143687/Revista-Iberografias-17>

Luís, L. (2023). Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro. Por Este Rio Acima: A Arte Pré E Proto-Histórica Do Vale Do Côa. *Estudos Em Homenagem a António Fernando Barbosa*, pp.181–265. <https://doi.org/978-972-98121-9-4>

Luís, L., Mosquera Castro, T., Santos, A., T., Silvestre, M., Aubry, T. (2024). O desbaste do cavalo na Península Ibérica Pré-romana: A propósito da descoberta de uma “cena de doma” na rocha 80 do Vale de José Esteves (Vale do Côa, Portugal). *Conimbriga*. 63, pp. 47–78. https://doi.org/10.14195/1647-8657_63_2

Luís, L. Vázquez Marcos, C. (2022). As representações da Idade do Ferro no limite ocidental da submeseta norte: Características e sua relação espacial e conceptual. In Aubry, T., Fernández Moreno, J. J., Santos, A. T. & Veja Maeso, C., eds. – *Côa & Siega Verde: Arte sem limites* [Catálogo da Exposição] [S.l.]: Consejería de Cultura, Turismo y Deporte, Junta de Castilla y León, pp. 135–146. <http://hdl.handle.net/10400.26/44929>

Marco, F., Royo, J. I. G. (2012). Iconografía entre la Primera Edad del Hierro y la romanización: nuevos documentos y nuevas lecturas. *Iberos del Ebro, Actas del II Congreso Internacional* (Alcañiz-Tivissa, 16-19 de noviembre de 2011), pp. 305-320.

Martín Valls, R. (2009). Las insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con los petroglifos gallegos. *Zephyrus*, 36. Recuperado a partir de <https://revistas.usal.es/uno/index.php/0514-7336/article/view/426>

Meijide Cameselle, G., Vilaseco Vázquez, X. I., Blaszczyk, J. (2009). Lousas decoradas con círculos, cabalos e peixes do Castro de Formigueiros (Samos, Lugo). *Gallaecia*. 28, pp. 113–130

Miguel, A., Sílvia, A., Nuno, R., André, F., André Tomás, S., Thierry, A., Luís, L., & Marcelo, S. (2023). Aos ombros do último artista do Côa: Um olhar prospectivo sobre a investigação arqueológica nos vales do Côa, Águeda e Ribeira de Aguiar. *Por este rio acima – A arte pré e proto-histórica do Vale do Côa*. Fundação Côa Parque. ISBN 978-972-98121-pp.9-4 <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/44866>

Molelinhos Estação de arte rupestre - Câmara Municipal de Tondela
<https://old.cm-tondela.pt/molelinhos.artepre/gravuras> [Consultado a 18/09/2025]

Neves, D.; Soares, S. (2015). Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição. In H. Collado Giraldo & J. J. Garcia Arranz (eds.), XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015: Symbols in the Landscape: Rock Art and Its Context [DVD-Rom]. Tomar: Instituto Terra e Memória, *Arkeos*; 37, pp. 1589-1605.

Pérez Iglesias, A. (2018). *Estudo do material cerâmico e seus contextos na Plataforma Superior do Crasto de Palheiros (Murça). Contribuição para a interpretação da ocupação Calcolítica do Recinto Superior*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto] Repositório Aberto da Universidade de Porto.

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117634/2/303474.pdf>

Pigeaud, R. (2007). L'art paléolithique est-il un art pompier ? Ou le triomphe de l'abbé Breuil. In Evin, J., Thauvin-Boulestin, E. (eds.), *Un siècle de construction du discours scientifique en préhistoire, Vol. I*, Société Préhistorique.

Pires, H., Lima, P., Pereira, B. (2011) Novos métodos de registo digital de arte rupestre: digitalização tridimensional e fotografia multiespectral. In *Estelas e Estátuas-menires: da Pré à Proto-história*. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (eds.), pp.175-181.

Plataforma Online - Fundação Côa Parque. (2020). Arte-Coa.pt. <http://matriz.artecoa.pt/MWeb/DetalhesObra?id=3667&tipo=OBJ> [Consultado a 08/09/2025]

Rebanda, N. (1995a). *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Disponível <http://hdl.handle.net/10400.26/23556>

Rebanda, N. (1995b). Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre. *Boletim Da Universidade Do Porto*, 25, pp.11-16. <http://hdl.handle.net/10400.26/23557>

Reis, M. (2011). Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In M. A. Rodrigues, A. C. Lima, & A. T. Santos (Eds.), *V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal* (pp. 11-123). Casal de Cambra: Caleidoscópio; DRCN. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/23559>

Reis, M. (2012). “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa. *Portugália*, 33, 5-72. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23560>

Reis, M. (2013). “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (2.^a parte). *Portugália*, 34, 5-68. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23561>

- Reis, M. (2014). “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (Conclusão). *Portugália*, 35, 17-59. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23562>
- Reis, M. (2015). Prospecção arqueológica e a evolução do inventário da arte rupestre do Côa. In S. Lee, A. M. Baptista, & A. B. Fernandes (Eds.), *Arte Rupestre do Vale do Côa [Catálogo da Exposição]* (pp. 115-148). Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.26/23325>
- Reis, M. (2023). Mais Perto da Conclusão: Novo Ponto da Situação da Prospecção e Inventário da Arte Rupestre do Côa. In: *Arqueologia em Portugal 2023, Estado da Questão* (Lisboa), pp.1771-1786.
- Reis, M. Vázquez Marcos, C. (2015). Arte rupestre en la frontera hispano-portuguesa: cuenca del río Águeda. *ARPI*, 03 Extra: 32-43.
- Reis, M. Vázquez Marcos, C. (2019). Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca): un nuevo conjunto con arte rupestre en la cuenca del Duero, *Complutum*. 30 (2), pp- 223-245.
- Robert, E. (2007). L'utilisation des reliefs pariétaux dans la réalisation des signes au Paléolithique supérieur. *L'Anthropologie*, 111(4), pp.467–500.
<https://doi.org/10.1016/j.anthro.2007.07.004>
- Rosa, N. S. (2012). *Contribuição para o estudo do complexo da arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal): o sítio Cachão do Algarve. Volume 1*, Instituto Politécnico de Tomar – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Departamento de Geologia da UTAD – Departamento de Território, Arqueologia e Património do IPT).
- Royo, J. I. G. (1999). Las manifestaciones ibéricas del arte rupestre en Aragón y su contexto arqueológico: una propuesta metodológica. *Bolskan*, 16, pp. 193-230.
- Royo, J. I. G. (2004). *Arte Rupestre de Época Ibérica: Grabados con representaciones ecuestres*. Servei d'investigacions arqueològiques i Prehistòriques.
- Royo, J. I. G. (2005). Las representaciones de caballos y de élites ecuestres en el arte rupestre de la Edad del Hierro de la Península Ibérica. *Cuadernos de Arte Rupestre*, N°2, pp. 157-200
- Royo, J. I. G. (2009). El arte rupestre de la Edad del Hierro en la Península Ibérica y su problemática: aproximación a sus tipos, contexto cronológico y significación. *Salduie*, 9, pp.37–69. https://doi.org/10.26754/ojs_salduie/sald.200996586
- Royo, J. I. G., Gómez, F. (2006). La ‘Cueva de las Cazoletas’ de Monreal de Ariza (Zaragoza) y sus grabados rupestres: Un santuario celtibérico al aire libre. *KALATHOS*, 24-25, pp. 293-321.
- Sanches, M. J. (2008). *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto), Murça-Portugal*. Sanches, M. J. e Morais, P. R. (eds.) Município de Murça.
- Sanches, M. J., Castro Teixeira, J., Barbosa, M. H., e Perpétuo, J. A. (2021). Trespasando o tempo. Oculados e outras formas antropomorfas da Pré-história recente do Norte de Portugal. In P. Bueno Ramírez, e J. A. Soler Díaz (coords.), *Ídolos: Olhares milenares. O estado da arte em Portugal*, (pp. 77–100), Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional.

- Sanmartí i Grego, J. (2007). El arte de la Iberia septentrional. In Abad Casal, L. e Soler Díaz, J. A. (ed.), *Arte Ibérico en la España Mediterránea. Actas del Congreso* (Alicante, 24-27 de outubro de 2005). Instituto Alicantino de Cultura “Juan GilAlbert”. Diputación Provincial. Alicante: 239-264.
- Santos, A. T. (2006). A arte rupestre na proto-história antiga do vale de Besteiros: Interpretação e territorialidade. *Conimbriga*, 45, pp. 47–64.
- Santos, A. T. (2008). Uma abordagem hermenêutica - fenomenológica à arte rupestre da Beira Alta: o caso do Fial (Tondela, Viseu). Viseu: CEPBA [*Estudos Pré-históricos*, 13].
- Santos, A. T. (2015). Em torno da arte paleolítica do Vale do Côa. in Sanz Minguez, C. (ed.), *El Bestiario vacceo. Vaccearte. 8ª exposición de arte contemporáneo de inspiración vaccea*, Valladolid: Ayuntamiento de Valladolid, pp-18-26.
- Santos, A. T. (2019). A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses [*Monografias AAP*, 99].
- Santos, A. T., Aubry, T., García Díez, M., Sampaio, J. D. (2018). O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova Foz Côa). *Portugália*. 39, pp. 5–96.
- Santos, A. T., Aubry, T., Walter, B. (2014). Le cerf dans l’art rupestre de la vallée du Côa. Grande Faune, *Chasse Gestion*, 143, pp.41-48.
- Santos, A. T., Barbosa, A. F., Luís, L., Silvestre, M., & Aubry, T. (2020). Contributos para o conhecimento da arte rupestre do Vale do Côa: Novos dados sobre o Vale de José Esteves (Vila Nova de Foz Côa, Guarda). *Côavisão*, 22, 159-190. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/32911>
- Santos, A. T.; Mosquera Castro, T.; Fernandes, J.; Luís, L.; Silvestre, M.; Aubry, T. & Almeida, M. (2025). Contributos para o conhecimento da produção gráfica magdalenense do Vale do Côa: o dispositivo parietal paleolítico da rocha 80 do Vale de José Esteves. In *Estudos de Arte Rupestre. In memoriam Andrea Martins*. Lisboa: AAP, pp. 146–174.
- Santos Estévez, M. (2007). *Petroglifos y Paisaje Social en la Prehistoria Reciente del Noroeste de la Peninsula Iberia*. TAPA. Santiago de Compostela: CSIC – Xunta de Galicia.
- Santos Estévez, M. (2012). Da “Arte Atlântica” no contexto europeu: conceitos, problemáticas e perspectivas—unha visión diacrónica da Arte Atlântica dentro dun novo marco cronolóxico. Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo. 1º Mesa Redonda. *Trabalhos de Arqueologia*, 54, pp.226-235.
- Santos Estévez, M., Güimil-Fariña, A. (2015). The maritime factor in the distribution of Bronze Age rock art in Galicia. *Picturing the Bronze Age*. Publisher: Oxbow BooksEditors: Peter Skolund, Johan Ling, Ulf Bertilsson.
- Santos, F. J. C. dos; Sastre, J.; Figueiredo, S. C. S. de; Rocha, F.; Pinheiro, E. & Dias, R. (2012). El sitio fortificado del Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad de Hierro. *Complutum*, 23 (1), pp. 165–179.

- Quesada-Sanz, F. (1997). *El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura ibérica (siglos VI-I a.C.)*. Vol. 2. Monographies instrumentum 3/2. Éditions Monique mergoil, pp. 483-962.
- Sevillano, M. C. S. J. (1991). Grabados rupestres en la Comarca de las Hurdes (Cáceres). Salamanca: Universidad de Salamanca. *Acta Salmanticensia: Estudios Historicos y Geograficos*, 77.
- Sevillano, M. C. S. J. (2009). Un Petroglifo con Inscripción en la Comarca de Las Hurdes (Cáceres). *Zephyrus*, 26.
<https://revistas.usal.es/uno/index.php/0514-7336/article/view/456>
- Sevillano, M. C. S. J., Pérez, J. B. (1998). Grabados Rupestres en la Huerta (Caminomorisco, Cáceres), Petroglyph of La Huerta (Caminomorisco, Cáceres). *Zephyrus*, 51, pp.289-302.
- Silva, A. M. B. (2020). *Representações antropomórficas na arte móvel da Proto-história do Vale do Sabor (Trás-os-Montes Oriental)*. [Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho].
- Silva, A., Xavier, P., Figueiredo Persson, S. (2016). *As gravuras rupestres de Crestelos (Trás-os-Montes, Portugal) e a sua longa diacronia desde a Idade do Ferro ao Período Contemporâneo*. Conference: EINIACA- Encontro Internacional de Novos Investigadores de Arqueologia e Ciências da Antiguidade.
- Silva, C. T. D., Soares, J. (1981). Pré-história da área de Sines, Lisboa, Gabinete da Área de Sines
- Silva, J. S. (2011). *Gravuras Rupestres do Alagadouro – Vale do Tejo, Contributo para o estudo e conservação de um património invisível. Volume I*, Instituto Politécnico de Tomar – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Departamento de Geologia da UTAD – Departamento de Território, Arqueologia e Património do IPT).
- Soares, H. I. S. (2023). *As gravuras proto-históricas do Vale do Côa: os núcleos da Vermelha e Meijapão*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
<http://hdl.handle.net/10451/61614>
- Valls, M. (1983). Las insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con los petroglifos gallegos. *Zephyrus*, 36, pp. 217-231.
- Villa Valdés, A. (2010). Grabados zoomorfos sobre pizarra y otros epígrafes inéditos en castros asturianos. *Sautuola*. 16–17, pp. 97–112
- Vargas, R. R. (2013). Estelas ibéricas con lanzas y tropas auxiliares en el Nordeste Peninsular. Estudios sobre armas antiguas, arte military vida cultural en oriente y occidente. *GLADIUS*, XXXIII, pp. 39-56.
- Viñas, R., Conde, J. (1989). Elementos ibéricos en el Arte Rupestre del Maestrazgo (Castellón). *XIX Congreso Nacional de Arqueología*. Vol. II., pp. 285-295,
- Viñas, R., Sarriá, E., Tejada, A. A. (1983). *La pintura rupestre en Catalunya*. Barcelona